

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

FRENTE 1 – GRAMÁTICA

MÓDULO 11

SE – ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO

1. Só admitem a voz passiva os verbos transitivos diretos (inclusive os diretos e indiretos). Portanto, verbos transitivos indiretos, intransitivos e de ligação não se constroem na voz passiva. Quando acompanhados de *se*, seu sujeito é indeterminado. Isso ocorre com os verbos das frases seguintes. Classifique os verbos dessas frases e indique em que pessoa estão flexionados.

a) Assiste-se a bons filmes neste canal.

RESOLUÇÃO: VTI, verbo na terceira pessoa do singular.

b) Trabalhava-se em demasia no porto.

RESOLUÇÃO: VI, verbo na terceira pessoa do singular.

c) Era-se politizado naquele tempo.

RESOLUÇÃO: VL, verbo na terceira pessoa do singular.

2. Passe os verbos do exercício 1 para o plural, eliminando a partícula *se*.

RESOLUÇÃO:

a) **Assistem a bons filmes.**

b) **Trabalhavam em demasia no porto.**

c) **Eram politizados naquele tempo.**

3. Tanto nas frases do exercício 1 quanto nas que você redigiu no exercício 2, o sujeito é _____.

RESOLUÇÃO: indeterminado.

SUJEITO INDETERMINADO ocorre

a) com verbo na **terceira pessoa do plural**, sem referência a nenhum substantivo anteriormente expresso;

b) com *se* acompanhando verbos **transitivos indiretos, intransitivos e de ligação**, conjugados na **terceira pessoa do singular**.

4. Escolha a forma verbal entre parênteses que completa corretamente a lacuna.

a) “_____ -se às poesias o nome de *Primeiros Cantos*.”
(Deu/Deram)

RESOLUÇÃO: Deu

b) _____ -se todos os ritmos da metrificação portuguesa. (Adotou/Adotaram)

RESOLUÇÃO: Adotaram

c) _____ -se em milagres?
(Acredita/Acreditam)

RESOLUÇÃO: Acredita

d) _____ -se algumas questões.
(Anulou/Anularam)

RESOLUÇÃO: Anularam

e) _____ -se muitos boatos tenebrosos.
(Ouviu/Ouviram)

RESOLUÇÃO: Ouviram

f) _____ -se de questões importantes.
(Trata/Tratam)

RESOLUÇÃO: Trata

g) _____ -se em condições subumanas nas grandes cidades. (Mora/Moram)

RESOLUÇÃO: Mora

Texto para as questões 5 e 6.

CXXXV

OTELO

Jantei fora. De noite fui ao teatro. Representava-se justamente Otelo, que eu não vira nem lera nunca; sabia apenas o assunto, e estimei a coincidência. Vi as grandes raivas do mouro, por causa de um lenço, – um simples lenço! – e aqui dou matéria à meditação dos psicólogos deste e de outros continentes, pois não me pude furtar à observação de que um lenço bastou a acender os ciúmes de Otelo e compor a mais sublime tragédia deste mundo. Os lenços perderam-se, hoje são precisos os próprios lençóis; alguma vez nem lençóis há, e valem só as camisas.

(Machado de Assis, *Dom Casmurro*)

5. (FUVEST) – No texto do capítulo CXXXV, o *se* ocorre duas vezes como partícula apassivadora.

a) Transcreva as orações que estão na voz passiva sintética.

RESOLUÇÃO:

"Representava-se justamente Otelo..." e "Os lenços perderam-se..."

b) Transponha as frases para a voz passiva analítica.

RESOLUÇÃO:

1. **Justamente Otelo era representado.** (Observar que o advérbio só pode ocupar esta posição para manter o sentido que tem no texto de Machado).

2. **Os lenços foram perdidos.**

Texto para as questões de 6 a 9.

1 Nada é menos conveniente que revelar os erros do marido quando a mulher ouve, os do pai sob os olhos de seus filhos, os do amante diante do ser amado. Fica-se profundamente penalizado e indignado, quando se é submetido a humilhação diante das pessoas aos olhos das quais se pretende brilhar.

A delicadeza e a doçura com as quais se busca persuadir um culpado corrompem e destroem seu vício, que se enche de embaraço diante da discrição de que se dá prova. É por isto que este verso é excelente:

10 “Ele aproxima sua cabeça, a fim de que ninguém perceba.”

(Adaptado de Plutarco, *Como Tirar Proveito de seus Inimigos*.

Trad. Isis B. B. da Fonseca.)

6. (FUVEST-transferência) – Considerando-se o contexto, o gesto indicado na frase “Ele aproxima sua cabeça, a fim de que ninguém perceba” (linha 10) expressa

- a) a humilhação a que um indiscreto é exposto.
- b) a resignação diante de uma inconveniência.
- c) a reação discreta de quem é recriminado.
- d) o embaraço de quem busca persuadir alguém.
- e) a delicadeza de uma discreta recriminação.

Resposta: E

7. (FUVEST-transferência) – No segmento “A delicadeza e a doçura com as quais se busca persuadir um culpado” (linhas 6 e 7), o elemento sublinhado pode ser corretamente substituído, sem prejuízo para o sentido, por:

- a) com cujas busca-se o convencimento.
- b) por cujas intenta-se orientar.
- c) em que se busca ao consenso.
- d) às quais dispõe-se a dissuadir.
- e) com que se busca convencer.

Resposta: E

8. (FUVEST-transferência) – No trecho “Fica-se profundamente penalizado e indignado...” (linhas 3 e 4), a partícula *se* é empregada com a mesma função que exerce na frase:

- a) Se você for, não volte nunca mais.
- b) Aqui se come esplendidamente.
- c) Vão-se os anéis, fiquem os dedos.
- d) Quero saber se posso ou não contar com você.
- e) Perderam-se os livros na mudança.

Resposta: B

9. (FUVEST-transferência) – O verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do plural para integrar de modo correto a frase:

a) É preciso observar que se (**propagar**), na classe dos bem postos na vida, muitos preconceitos contra a cultura *hip-hop*.

b) Não (**cabem**) aos jovens que abraçam a cultura *hip-hop* a solução de conflitos que eles não criaram.

c) Por que algum desses jovens (**deixar**) de se identificar com uma cultura que lhes abre tantos caminhos?

d) (**Assistir**) aos jovens da periferia o pleno direito de produzir linguagens que encarnam valores de sua cultura.

e) A cada uma das quatro formas de expressão desses jovens (**corresponder**) um específico anseio de reconhecimento social.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

MÓDULO 12

VOZ REFLEXIVA E VOZ REFLEXIVA RECÍPROCA

1. (ENEM)



(QUINO. *Mafalda inédita*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.)

Observando as falas das personagens, analise o emprego do pronome **SE** e o sentido que adquire no contexto. No contexto da narrativa, é correto afirmar que o pronome **SE**,

- a) em I, indica reflexividade e equivale a "a si mesmas".
- b) em II, indica reciprocidade e equivale a "a si mesma".
- c) em III, indica reciprocidade e equivale a "umas às outras".
- d) em I e III, indica reciprocidade e equivale a "umas às outras".
- e) em II e III, indica reflexividade e equivale a "a si mesma" e "a si mesmas", respectivamente.

RESOLUÇÃO:

O pronome *se* pode ser empregado como puramente reflexivo, como ocorre nos quadrinhos II e III, ou como recíproco, como ocorre em I. Observe-se que, no quadrinho I, o sentido do *se* é de “umas às outras”.

Resposta: E

2. Assinale a alternativa em que a partícula **SE** não seja pronome apassivador.

- a) “Comia-se uma bolacha ao café (...)” (José Lins do Rego)
- b) “Travou-se então uma luta renhida e surda entre o português negociante de fazendas por atacado e o português negociante de secos e molhados.” (Aluísio Azevedo)
- c) “Amor é fogo que arde sem se ver / É ferida que dói e não se sente (...)” (Camões)
- d) “Nossos lábios se procuram, se acham, se esmagam.” (Érico Veríssimo)
- e) “Fez-se novo silêncio.” (Coelho Neto)

RESOLUÇÃO:

Trata-se de pronome reflexivo recíproco.

Resposta: D



(QUINO. *Toda a Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.110)

3. Na tirinha acima, o verbo *preocupar-se* é conjugado com o pronome. Que nome recebe o verbo e o pronome que o acompanha?

RESOLUÇÃO:

O verbo é pronominal (verbo pronominal) e o pronome que o acompanha em todos os tempos e modos é chamado *parte integrante do verbo* (me, te, se, nos, vos, se).

4. (UFAM) – Assinale a alternativa em que o verbo **não** se apresenta em uma das formas da voz passiva:

- a) Realizar-se-ão as promessas veementemente feitas?
- b) Computados os votos, divulgou-se, em meio a grande alarido, a vontade das urnas.
- c) Foram registradas poucas abstenções, ao contrário do previsto.
- d) Têm-se descoberto ultimamente muitos sítios arqueológicos.
- e) Procedeu-se em seguida à leitura do manifesto.

RESOLUÇÃO:

Trata-se de índice de indeterminação do sujeito, pois o verbo é transitivo indireto.

Resposta: E

5. (FGV) – A palavra *se* presente no verso — *a lagoa se pinta* — também é encontrada com mesmo valor semântico e mesma função sintática em:

- a) ... o rapaz e a moça se atribuíram a mesma culpa no acidente.
- b) ... disparava lépida como se a casa estivesse pegando fogo.
- c) ... embora a moça compreendesse tratar-se de um rito inofensivo.
- d) ... ela se penteava. Nunca fora mulher de ir passear sem antes pentear bem os cabelos.
- e) Se soubesse que a filha morreria de parto, é claro que não precisaria gritar.

RESOLUÇÃO:

No trecho em questão, o pronome *se* é reflexivo: A lagoa se pinta a si mesma. O mesmo ocorre em “... ela se penteava”. Em a, o pronome *se* é reflexivo recíproco; em b, é parte da locução *como se*, que indica comparação hipotética; em c, trata-se de índice de indeterminação do sujeito e, em e, de conjunção subordinativa condicional.

Resposta: D

6. Reconheça a voz dos verbos das frases abaixo, indicando com

- 1 – voz ativa
- 2 – voz passiva analítica
- 3 – voz passiva sintética
- 4 – voz reflexiva
- 5 – voz reflexiva recíproca

- a) (5) “Os manifestantes deram-se as mãos em sinal de solidariedade.”
- b) (4) “Mirava-se naquela covardia, via-se mais lastimoso e miserável que o outro.” (Graciliano Ramos)
- c) (1) “... o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho.” (Graciliano Ramos)
- d) (3) “Observou-se a ocorrência de ventos fortes na região.”
- e) (2) “Estratégias de prevenção à febre aftosa devem ser organizadas pelo Estado.”

VOZ REFLEXIVA

Voz **reflexiva**: o sujeito **pratica** e **sofre** a ação verbal. Voz **reflexiva recíproca**: o sujeito **pratica** a ação sobre um outro e **recebe** a mesma ação da parte desse outro.

Pronomes reflexivos

<i>me</i> (a mim mesmo)	<i>nos</i> (a nós mesmos)
<i>te</i> (a ti mesmo)	<i>vos</i> (a vós mesmos)
<i>se</i> (a si mesmo)	<i>se</i> (a si mesmos)

Funcionam como objeto direto reflexivo ou indireto reflexivo.

Exemplos:

Sempre me julguei com complacência.
As crianças entreolharam-se emocionadas.
Ele se deu um presente de aniversário.

PARTE INTEGRANTE DO VERBO

Há verbos que só podem ser conjugados com pronomes pessoais oblíquos. Denominam-se **verbos pronominais**, porque trazem presos a si um **pronome reflexivo fossilizado**, o qual não tem função sintática e passa a ser **parte integrante do verbo**.

Exemplos: *agachar-se, apiedar-se, congratular-se, dignar-se, gloriar-se, queixar-se, zangar-se, apaixonar-se, suicidar-se etc.*

Os verbos citados são **essencialmente pronominais**.

Há, porém, alguns que são **acidentalmente pronominais**, porque não são exclusivamente pronominais.

Exemplos: *sentar-se* (sentar), *levantar-se* (levantar), *banhar-se* (banhar), *lembrar-se* (lembrar), *esquecer-se* (esquecer) etc.

PARTÍCULA DE REALCE OU EXPLETIVA

Em certas construções, o pronome *se* transmite à ação verbal mais ênfase, vigor ou espontaneidade. Neste caso, a palavra *se*, chamada **partícula expletiva ou de realce**, não é rigorosamente necessária e ocorre, normalmente, junto a verbos intransitivos. São também palavras ou expressões de realce: *lá, é que, cá, só, que*.

Exemplos: *Os meninos sumiam-se numa curva do caminho.* (Graciliano Ramos)
As moças riam-se; as senhoras velhas cochichavam. (J. S. Lopes Neto)

7. Classifique os pronomes destacados.

a) “Com efeito, no fim da conversa, as três velhas estimavam-se mutuamente de uma maneira incrível.” (Manuel Antônio de Almeida)

RESOLUÇÃO:

Pronome reflexivo recíproco.

b) “O mundo que se anuncia é de constantes crises e conflitos armados, tendo por 'leitmotiv', prioritariamente, a disputa pelo petróleo.” (Carlos de Meira Mattos)

RESOLUÇÃO:

Pronome passivador.

c) “... andavam as crias e mais escravos de dentro para fora; espanava-se a sala; arrumavam-se as cadeiras, corria-se, falava-se, gritava-se.” (Manuel Antônio de Almeida)

RESOLUÇÃO:

Índice de indeterminação do sujeito.

d) “O major tinha razão: riam-se com efeito dele; e os primeiros que o faziam eram os granadeiros.” (Manuel Antônio de Almeida)

RESOLUÇÃO:

Partícula de realce.

Resumindo:

FUNÇÕES DO SE	INDICADORES	COMO DESCOBRIR
Partícula passivadora	acompanha verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos	passar a frase para a voz passiva analítica
Índice de indeterminação do sujeito	acompanha verbos que NÃO SÃO transitivos diretos e que DEVEM ESTAR na terceira pessoa do singular ou no infinitivo	eliminar o <i>se</i> e acrescentar <i>alguém</i> ou eliminar o <i>se</i> e passar o verbo para a terceira pessoa do plural
Pronome reflexivo	acompanha verbos transitivos diretos e indiretos	substituir por <i>a si mesmo(a)</i>
Pronome reflexivo recíproco	acompanha verbos transitivos diretos e indiretos	acrescentar <i>um ao outro, reciprocamente, mutuamente</i>
Parte integrante do verbo	aparece sempre junto a verbos essencialmente pronominais	não pode ser eliminado da frase
Partícula de realce	geralmente acompanha verbos intransitivos	pode-se eliminar o <i>se</i> da frase, sem prejuízo de sentido

PERÍODO SIMPLES – REVISÃO

INSTRUÇÃO: Leia o texto a seguir para responder às questões de números 1 a 4.

Tenho ódio mortal dos mosquitos. Se Charles Darwin tivesse me encarregado de colocar ordem na evolução das espécies, eu teria poupado os dinossauros e varrido os mosquitos da Terra.

Não me faltam razões para tal idiossincrasia: quase morri por causa de um Haemagogus** covarde que me transmitiu febre amarela sem deixar vestígio da picada.*

É o animal mais perigoso. Se somarmos todos os ataques contra seres humanos já realizados por onças, leões e cobras, obteremos um número insignificante perto dos que caem de cama numa única epidemia de malária ou dengue. Por essa razão, quando surge uma espécie nova de mosquito em qualquer país, as autoridades sanitárias se assustam.

(Drauzio Varella, *Folha de S.Paulo*, 02.08.2008.)

* No texto, modo particular de ver as coisas.

** *Haemagogus* é um mosquito de hábitos silvestres que vive no solo ou na copa das árvores.

1. (UFSCar) – Em *Tenho ódio mortal dos mosquitos*, Drauzio [sic] Varella usa a preposição *de* para ligar a palavra *ódio* à palavra *mosquitos*. Poderia, se quisesse, ter usado *a* e escrever: *Tenho ódio mortal aos mosquitos*. Trata-se da opção por uma determinada regência nominal.

a) Leia os três trechos a seguir e diga em qual deles é possível empregar indiferentemente *de* ou *a*.

I. Eu, que tinha ódio ao menino, afastei-me de ambos.

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.)

II. O ódio a Bill Gates se explica com uma palavra bem arcaica e bem humana: inveja.

(*Folha de S.Paulo*, 02.07.2008.)

III. O desejo de um conde por uma jovem desperta o ódio da mulher do nobre.

(*Folha de S.Paulo*, 11.08.2008. Adaptado.)

RESOLUÇÃO:

Em I, é possível trocar *a* por *de*: *Eu, que tinha ódio do menino...*

A troca em I é possível porque o contexto não permite interpretação de *do menino* em função subjetiva (“ódio que o menino tinha”), ou seja, como adjunto adnominal. Fica claro que a única interpretação possível de *do menino* é objetiva (“eu odiava o menino”), ou seja, em função de complemento nominal.

b) Explique o porquê da sua escolha anterior.

RESOLUÇÃO:

O mesmo não ocorre em II, em que “ódio de Bill Gates” poderia ser entendido como “ódio que Bill Gates sente”; nem em III, em que a substituição de “ódio da mulher” por “ódio à mulher” alteraria completamente o sentido da expressão, de “ódio que a mulher sente” (*da mulher*: função subjetiva, adjunto adnominal) para “ódio que sentem pela mulher” (*à mulher*: função objetiva, complemento nominal).

2. (UFSCar) – Em *quase morri por causa de um Haemagogus covarde*, o autor emprega o adjetivo *covarde* para modificar o substantivo *haemagogus*, com um propósito estilístico figurado.

a) Em qual dos três exemplos a seguir, o adjetivo está usado com o mesmo propósito?

Bandido perigoso

Carro potente

Estrada assassina

RESOLUÇÃO:

O adjetivo *covarde*, atribuído ao substantivo *Haemagogus*, tem sentido figurado, metafórico, assim como o adjetivo *assassina* referindo-se a estrada.

b) Em que consiste esse uso figurado?

RESOLUÇÃO:

Trata-se de prosopopeia ou personificação, figura da família da metáfora que consiste em atribuir características humanas a seres inanimados ou animais.

3. (UFSCar) – No trecho *É o animal mais perigoso*, o autor utilizou o substantivo *animal* para retomar *haemagogus* presente na frase anterior. Uma outra opção de escrita seria: *É o inseto mais perigoso*.

a) No texto — *A serpente estava escondida sob a pedra. Dois minutos depois, o animal já tinha atacado um cavalo* —, como ficaria a segunda frase, se fosse escolhida uma alternativa semelhante à proposta para o trecho anterior de Drauzio Varella?

RESOLUÇÃO:

A frase reescrita apresentaria a seguinte alteração:

A serpente estava escondida sob a pedra. Dois minutos depois, o réptil já tinha atacado um cavalo.

b) Faça o mesmo tipo de substituição no texto:

Pedi para usar o termômetro, mas a coisa estava quebrada.

RESOLUÇÃO:

Pedi para usar o termômetro, mas o instrumento estava quebrado.

4. (UFSCar) – O autor utiliza a expressão *cair de cama* para significar *ficar doente*.

a) Destaque, no texto seguinte, as expressões que façam uso desse mesmo tipo de recurso.

Fabiana vive aprontando, mas, naquele caso da correntinha, conseguiu sair-se bem.

RESOLUÇÃO:

As expressões *vive aprontando* e *sair-se bem* são exemplos do mesmo tipo de recurso que ocorre em *cair de cama*.

b) Explique em que consiste a natureza de expressões desse tipo.

RESOLUÇÃO:

As expressões apontadas na alternativa anterior são típicas da linguagem coloquial, portanto variantes populares.

Texto para as questões 5 e 6.

- 1 *Minha impressão é que a cultura popular já ganhou a parada... Há 30 ou 40 anos, quando a gente discutia sobre música popular brasileira, sobre os novos baianos velhos, sobre a questão da técnica, a bossa nova, dizia-se que a cultura de massa ia invadir e tomar conta de tudo. Agora, não apenas os baianos, mas outros, inclusive os "rapistas", se impuseram, independentemente da cultura de massas, e estão tendo a revanche, num movimento de baixo para cima...*

(SANTOS, Milton. *Território e sociedade* – entrevista. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.)

5. (UFRJ) – Nesse trecho de entrevista, Milton Santos faz uso de uma linguagem coloquial. Com base nos **dois primeiros períodos** do texto, **retire dois exemplos** que comprovem a afirmação acima.

Justifique sua resposta.

RESOLUÇÃO:

A linguagem coloquial pode ser exemplificada por meio do uso de "...ganhou a) parada...", "...a gente...", e ainda por "Minha impressão é que..." ou "...ia invadir e tomar...". Trata-se de usos frequentes em uma situação de entrevista (transcrição de fala).

6. (UFRJ – adaptada) – Examine as seguintes passagens:

"Te impuseram outra cultura."

"...não apenas os baianos, mas outros, inclusive os 'rapistas', se impuseram..." (linhas 5 e 6)

Explique como as diferentes **formas pronominais pessoais** refletem as concepções distintas acerca das **transformações** ocorridas na música popular brasileira.

RESOLUÇÃO:

No primeiro exemplo, "Te impuseram...", o *te* (pronome de segunda pessoa) funciona como objeto do verbo *impor* (*sobrepor*). No segundo exemplo, "...se impuseram...", o *se* (pronome de terceira pessoa) integra o verbo pronominal *impor-se*, na acepção de *fazer-se aceitar*. Essa diferença expressa concepções distintas acerca da cultura popular: na passagem I, a submissão à cultura dominante; na passagem II, a afirmação da autonomia da cultura popular.

Para responder às questões 7 e 8, tenha como referência o texto “Romance de uma Caveira”.

Romance de uma Caveira

*Eram duas caveiras que se amavam
E à meia-noite se encontravam
Pelo cemitério os dois passeavam
E juras de amor então trocavam.
Sentados os dois em riba da lousa fria
A caveira apaixonada assim dizia
Que pelo caveiro de amor morria
E ele de amores por ela vivia.*

(...)

*Mas um dia chegou de pé junto
Um cadáver, um vudu, um defunto.
E a caveira por ele se apaixonou
E o caveiro antigo abandonou.
O caveiro tomou uma bebedeira
E matou-se de um modo romanesco
Por causa dessa ingrata caveira
Que trocou ele por um defunto fresco.*

(Alvarenga e Ranchinho)

7. (UFSCar) – O texto é uma música da dupla humorístico-sertaneja Alvarenga e Ranchinho, que fez muito sucesso por cerca de quatro décadas. Para alcançar certos efeitos expressivos, os autores servem-se de vários recursos, entre eles, a manipulação da gramática. Com base nessa informação, responda:

a) Por uma questão de ritmo ou estilo, os autores da música podem ter optado pelo uso do verbo “ser” no trecho *Eram duas caveiras que se amavam*. Reescreva esse trecho, substituindo o verbo “ser” pelo verbo “haver”.

RESOLUÇÃO:

“Havia duas caveiras que se amavam”.

O verbo “haver”, no sentido de existir, é impessoal e fica na 3.ª pessoa do singular.

b) Como é sabido, a palavra “caveira” pertence ao gênero feminino. Todavia, no texto, encontra-se a forma “o caveiro”. Qual é a função desse uso no texto?

RESOLUÇÃO:

O uso da forma *o caveiro*, no lugar de *a caveira*, confere maior comicidade ao texto.

8. (UFSCar) – O emprego de pronomes, além de garantir a coesão textual, pois organiza as informações, permite que se entendam as referências, o que é um auxílio na compreensão do texto.

a) Explique a diferença de uso do pronome “se” em cada um dos versos:

“Eram duas caveiras que se amavam”

“E matou-se de um modo romanesco”

RESOLUÇÃO:

No primeiro verso “Eram duas caveiras que se amavam”, o *se* é empregado com valor de pronome reflexivo recíproco, ou seja, “amavam-se uma à outra”. Já no segundo verso “E matou-se de um modo romanesco”, o pronome *se* é apenas reflexivo, equivalendo a “matou a si mesmo”.

b) No verso *Que trocou ele por um defunto fresco*, o referente do pronome é facilmente identificável. Contudo, nota-se que o emprego do pronome foge à norma padrão. Reescreva o verso segundo as convenções da linguagem culta.

RESOLUÇÃO:

“Que o trocou por um defunto fresco.”

De acordo com a norma gramatical padrão, um pronome pessoal reto não pode ser empregado com a função de objeto direto. Assim, o pronome reto *ele* deve ser substituído pelo pronome oblíquo *o*, que funciona como complemento verbal.

Frase é todo enunciado capaz de transmitir a outrem tudo aquilo que pensamos, queremos ou sentimos. A frase é uma **enunciação de sentido completo**, é a **verdadeira unidade da fala**.

Exemplo: *Nós observamos os pedestres distraídos.*

A frase pode ou não apresentar um ou mais verbos. Quando a frase não apresenta nenhum verbo, denomina-se *frase nominal*.

Exemplo: *Socorro!*

Oração é um enunciado que se **organiza em torno de um verbo**. A oração pode não apresentar sujeito, mas **sempre apresenta o predicado**: não há oração sem predicado.

Exemplo: *Fez muito frio naquele inverno.*

Período é a **frase organizada em oração ou orações**.

O **período simples** é constituído de **uma só oração**, também chamada **oração absoluta**.

Exemplo: *Ele penhorou todos os seus bens.*

O **período composto** é constituído **de duas ou mais orações**.

Exemplo: *Pedro entrou, olhou-me fixamente e saiu.*

Quando os períodos compostos são separados em orações,

- cada verbo ou locução verbal corresponde a uma oração;
- os pronomes relativos e as conjunções geralmente iniciam uma oração.

Exemplo

Observava tudo que nunca vira porque era curioso.

Este período apresenta três verbos; portanto, tem três orações.

Que, no período, é pronome relativo e *porque* é conjunção. Logo, o período assim se divide:

1.^a oração: *Observava tudo*

2.^a oração: *que nunca vira*

3.^a oração: *porque era curioso.*

Orações subordinadas

Num período composto, há orações que funcionam como termos de outra oração.

Exemplos

Ele afirmou que ela estava enganada.

1.^a oração: *Ele afirmou*

2.^a oração: *que ela estava enganada.*

A segunda oração funciona como objeto direto do verbo da primeira oração e está relacionada ao verbo *afirmou* da primeira oração (Afirmou o quê? Que ela estava enganada).

A segunda oração, sozinha, – *que ela estava enganada* – não tem sentido completo.

Quando vocês o acusaram, ele recuou.

1.^a oração: *Quando vocês o acusaram,*

2.^a oração: *ele recuou.*

A primeira oração funciona como adjunto adverbial de tempo da segunda oração e está relacionada ao verbo *recuou* da segunda oração (Recuou quando? Quando vocês o acusaram.).

A primeira oração, sozinha, – *quando vocês o acusaram* – não tem sentido completo.

Recebi uma explicação que tem coerência.

1.^a oração: *Recebi uma explicação*

2.^a oração: *que tem coerência.*

A segunda oração funciona como adjunto adnominal da primeira oração, está relacionada ao nome *explicação* da primeira oração (*Recebi uma explicação coerente.*).

A segunda oração, sozinha, – *que tem coerência* – não tem sentido completo.

Orações coordenadas

Num período também há orações que simplesmente se colocam ao lado de outras, sem funcionar como termos de outras orações.

Exemplos

Uns entram, outros saem.

1.^a oração: *Uns entram,*

2.^a oração: *outros saem.*

Uma oração não funciona como termo da outra oração.

Cada uma das orações, sozinha, tem sentido completo:

Uns entram.

Outros saem.

O advogado assinou os papéis e saiu da sala.

1.^a oração: *O advogado assinou os papéis*

2.^a oração: *e saiu da sala.*

Uma oração não funciona como termo da outra oração.

Se retirarmos a conjunção (*e*), cada uma das orações, sozinha, tem sentido completo.

O advogado assinou os papéis.

Saiu da sala.

O aluno estuda ou desiste do curso.

1.^a oração: *O aluno estuda*

2.^a oração: *ou desiste do curso.*

Uma oração não funciona como termo da outra oração.

Se retirarmos a conjunção (*ou*), cada uma das orações, sozinha, tem sentido completo:

O aluno estuda.

Desiste do curso.

*Entre o desenho do meu rosto
e o seu reflexo,
meu sonho agoniza, perplexo.*

*Ah! Pobres linhas do meu rosto
desmanchadas do lado oposto,
e sem nexo!*

*E a lágrima do seu desgosto
Sumida no espelho convexo.*

(Cecília Meireles)

1. No poema acima, há **período simples** ou **composto**?

RESOLUÇÃO:

Há três períodos simples ou orações absolutas, pois só há um verbo em cada oração ["agoniza", "desmanchadas" (com verbo auxiliar elíptico), "sumida" (com verbo auxiliar elíptico)].

*As conquistas da medicina e a melhor alimentação elevaram
sensivelmente a vida média do homem, mas a Aids mata com crueza
e a tuberculose voltou a ser quase epidêmica. (Gilberto Dupas)*

2. a) Quantas orações contém o período acima?

RESOLUÇÃO:

Há três orações, cujos verbos são "elevaram", "mata" e a locução "voltou a ser".

b) As orações funcionam como termos de outras?

RESOLUÇÃO:

As orações não funcionam como termos de outras e cada uma tem sentido completo.

c) Que nome recebem as orações que são independentes?

RESOLUÇÃO:

Chamam-se orações coordenadas.

*É necessário que se tente recompor, a muitas mãos, o tecido
hoje esgarçado da solidariedade, do respeito mútuo, da integração
e da inclusão, a fim de que se crie, principalmente para adoles-
centes e jovens, a possibilidade de envolvimento, de participação
em atividades e ações que incentivem o exercício positivo de sua
energia, generosidade e identificação com atividades construtivas.*

(Texto adaptado de Rose Neubauer)

3. a) Quantas orações contém o período acima?

RESOLUÇÃO:

O período contém quatro orações, cujos verbos são: "é", "tente recompor", "crie", "incentivem".

b) As orações do período dependem umas das outras para terem sentido completo?

Comprove sua afirmação com um exemplo extraído do texto.

RESOLUÇÃO:

Sim, as orações são dependentes, tanto que a oração principal "é necessário" não tem sentido completo, pois falta-lhe sujeito, função exercida pela oração seguinte ("que se tente recompor ... e da inclusão").

c) Com base na resposta anterior, as orações do período são coordenadas ou subordinadas?

RESOLUÇÃO:

As orações são subordinadas.

4. Compare as orações sublinhadas.

I. "Marcela compreendeu... e só hesitou, creio eu, em decidir..." (Machado de Assis)

II. "— Levou as velas para a tia Olívia? — perguntou Madrinha." (Lygia Fagundes Telles)

III. "A poesia — diga-se antes a asnice — ocupava dez repletas páginas de papel..." (Machado de Assis)

Assinale as afirmações verdadeiras com relação às orações sublinhadas.

() Funcionam como termo de outra oração.

(X) Fornecem um esclarecimento.

(X) Indicam uma opinião.

(X) São independentes da(s) outra(s) oração(ões) do período.

(X) Inserem uma ressalva.

(X) Classificam-se como orações intercaladas.

Tendo feito os exercícios, você identificou os cinco tipos de oração que ocorrem em um período. Veja o quadro que se segue.

TIPO DE ORAÇÃO	CARACTERÍSTICA
Absoluta	é uma oração única, sozinha, constituindo um período simples.
Independente (Coordenada)	não funciona como termo de outra oração
Intercalada	é independente e se insere no meio de outra a título de esclarecimento, ressalva, advertência, opinião
Principal	é aquela na qual se encaixa uma subordinada, que funciona como um de seus termos
Dependente (Subordinada)	funciona como termo de outra oração

Em um período, uma mesma oração pode receber mais de uma classificação, tendo em vista a relação que estabelece com as outras orações do período. Examine a classificação das orações do período seguinte:

“A mestra de letras apresentou aquele riso de moça nova e juro que senti seu bafo de flor na sala toda.” (José Cândido de Carvalho)

A mestra de letras apresentou aquele riso de moça nova: oração independente

e juro: oração independente em relação à primeira e principal da terceira

que senti seu bafo de flor na sala toda: oração subordinada à segunda

5. Associar:

- oração absoluta
- oração coordenada
- oração principal
- oração subordinada
- oração intercalada

- (**b**) "Não compartilho da crença num progresso infinito quanto às sociedades; acredito nos progressos do homem em relação a si mesmo." (Balzac)
- (**a**) "Sem cultura moral não haverá nenhuma saída para os homens." (Einstein)
- (**d**) "Os adolescentes da periferia veneram criminosos e traficantes porque são os únicos que conseguem algum tipo de projeção social." (Denis Mizne)
- (**e**) "E agora – disse a madama – você vá embora para encontrar o seu maravilhoso destino." (Clarice Lispector)
- (**c**) "Há no Brasil um emergir da solidariedade e da cidadania como nunca houve." (Zilda Arns)

Texto para a questão 6.

As potências ocidentais não trilham sua trajetória segundo parâmetros da Bíblia, da fé cristã, dos ensinamentos de Jesus, mas, mesmo assim, elas se contrapõem, culturalmente, aos países muçulmanos, muitos dos quais se pautam pelo Corão, pela fé islâmica, pelos ensinamentos de Maomé.

6. (UNILUS) – No texto acima, temos
- um período simples.
 - um período composto por três orações.
 - um período composto por quatro orações.
 - um período composto por cinco orações.
 - um período composto por oito orações.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

Texto para as questões 7 e 8.

O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono.

(Graciliano Ramos, *Vidas Secas*)

7. O texto é formado,

- predominantemente, com períodos compostos por subordinação.
- predominantemente, com orações absolutas.
- predominantemente, com períodos compostos por coordenação.
- igualmente, com orações subordinadas e coordenadas.
- com várias orações intercaladas.

RESOLUÇÃO:

A construção com períodos coordenados denomina-se parataxe, recurso amplamente empregado por Graciliano Ramos na obra em questão.

Resposta: C

8. Transcreva do texto as orações coordenadas sindéticas explicativas.

RESOLUÇÃO:

“porque podia descompor”, “porque estava tudo em ordem”

MÓDULO 15

ORAÇÕES COORDENADAS

Você já sabe que a oração que **não funciona como um termo de outra oração** do mesmo período chama-se **oração independente**.

As orações independentes vêm **coordenadas** entre si e classificam-se como mostra o quadro seguinte.

ORAÇÕES COORDENADAS não funcionam como termos de outras orações

ASSINDÉTICAS	não vêm introduzidas por conjunção
SINDÉTICAS	<p>vêm introduzidas por conjunção</p> <p>Classificação</p> <p><i>aditivas</i> – relação de soma: e, nem, não só... mas também, tanto... como etc.</p> <p><i>adversativas</i> – relação de oposição: e (= mas), porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto etc.</p> <p><i>alternativas</i> – relação de alternância: ou, ou ... ou, ora ... ora, já ... já, quer ... quer etc.</p> <p><i>conclusivas</i> – relação de conclusão: logo, portanto, por isso, pois (após o verbo), de modo que, por conseguinte etc.</p> <p><i>explicativas</i> – relação de explicação: pois (antes do verbo), porque, porquanto, que etc.</p>

Observe que a conjunção *pois* pode ser empregada em uma oração coordenada sindética

- *explicativa*, quando explica a declaração contida na oração anterior. Nesse caso, aparece antes do verbo e pode ser substituída pela conjunção *porque*;
- *conclusiva*, quando exprime a conclusão de um raciocínio. Nesse caso, geralmente aparece depois do verbo e pode ser substituída pela conjunção *portanto*.

1. Indique a relação que a oração sublinhada estabelece com outra oração do período.

Relações:

- a) soma, adição b) oposição c) alternância
d) conclusão e) explicação

I. (**b**) “Bem diferente era o tio cônego. Esse tinha muita austeridade e pureza; **tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior**, apenas compensavam um espírito medíocre.” (Machado de Assis)

II. (**a**) “Cônego foi a única ambição de sua vida; **e dizia de coração** que era a maior dignidade a que podia aspirar.” (Machado de Assis)

III. (**e**) “Reza, **que Deus endireita tudo**.” (Guimarães Rosa)

IV. (**d**) “O senhor é um homem, estava avisado do que ia acontecer, **portanto não chore mais**.” (Rubem Braga)

V. (**c**) “No carnaval, **ou se brinca ou se foge** para onde ninguém fala em carnaval.” (Carlos Drummond de Andrade)

VI. (**b**) “É ferida que dói **e não se sente**.” (Camões)

Texto para a questão 2.

O MUNDO É GRANDE

*O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar*

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.)

2. (ENEM) – Neste poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de

- a) oposição. b) comparação. c) conclusão.
d) alternância. e) finalidade.

RESOLUÇÃO:

Cada oração introduzida pela conjunção e está em relação de oposição com a oração que a antecede. Observe-se, contudo, que não é a conjunção e que “estabelece” essa relação, conforme propõe o enunciado da questão, pois a oposição decorre do sentido das orações em confronto.

Resposta: A

3. (PUC) – “E assim se passaram 50 anos, sem a pompa que se poderia supor. Os jornais, rádios e TVs soltaram seus cadernos, programas e especiais sobre o 50.º aniversário de Brasília, **mas a sombra que cobriu a cidade nesse período – palco de uma ditadura por 21 anos, viveiro de desqualificados políticos profissionais e cenário de negociações literalmente incontáveis – ofuscou a celebração.**”

No dia seguinte à comemoração do aniversário da capital, Ruy Castro abre o texto “3 x ‘Peixe Vivo’” (*Folha de S. Paulo*) com esse parágrafo que, no trecho em destaque, apresenta relação de

- a) condição. b) oposição. c) concessão.
d) exemplificação. e) proporcionalidade.

RESOLUÇÃO:

A relação de oposição é explicitada pela conjunção adversativa mas, que introduz o trecho em questão.

Resposta: B

Texto para a questão 4.

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas.

(LISPECTOR, C. *Laços de família*.
Rio de Janeiro: Rocco, 1998.)

4. (ENEM) – A autora emprega por duas vezes o conectivo **mas** no fragmento apresentado. Observando aspectos da organização, estruturação e funcionalidade dos elementos que articulam o texto, o conectivo **mas**

- a) expressa o mesmo conteúdo nas duas situações em que aparece no texto.
- b) quebra a fluidez do texto e prejudica a compreensão, se usado no início da frase.
- c) ocupa posição fixa, sendo inadequado seu uso na abertura da frase.
- d) contém uma ideia de sequência temporal que direciona a conclusão do leitor.
- e) assume funções discursivas distintas nos dois contextos de uso.

RESOLUÇÃO:

Teste muito mal formulado, com três alternativas inúteis, (b, c, e d), que qualquer candidato atento logo deixaria de lado, pois as duas outras oferecem opções contraditórias das quais uma tem de ser correta: ou a conjunção **mas** “expressa o mesmo conteúdo nas duas situações em que aparece no “texto” (a) ou “assume funções discursivas distintas nos dois contextos de uso” (e). Na primeira ocorrência, **mas** apenas redireciona o sentido do texto, introduzindo um dado que acrescenta uma possibilidade não considerada na situação descrita. Na segunda ocorrência, **mas** introduz uma oração oposta à anterior.

Resposta: E

5. (UNICAMP-vagas remanescentes) – Leia os seguintes enunciados e responda às questões abaixo:

“Eu pessoalmente não leio artigos de quem omite seu endereço **ou** e-mail”.

“Você prefere ter sempre a razão **ou** ter amigos?”

(Extraídos de Stephen Kanitz:

“Como combater a arrogância”, Revista *Veja*, 28.11.2007)

a) Explique o sentido de ‘ou’ na primeira sequência, justificando pelo contexto em que essa conjunção é usada.

RESOLUÇÃO:

Em “Eu, pessoalmente, não leio artigos de quem omite seu endereço **ou** e-mail”, a conjunção ‘ou’ é alternativa inclusiva, isto é, permite incluir a segunda opção, sem contrapor uma a outra. Por isso, tanto faz se o artigo vem sem endereço ou sem e-mail, pois em ambos os casos ele não será lido.

b) Explique o sentido de ‘ou’ na segunda sequência, justificando pelo contexto em que essa conjunção é usada.

RESOLUÇÃO:

Em “Você prefere ter sempre a razão **ou** ter amigos?” a conjunção ‘ou’ tem sentido necessariamente exclusivo, isto é, a opção por um dos sintagmas por ela associados implica a exclusão do outro. Desse modo, é preciso escolher, necessariamente, entre ter amigos ou ter sempre razão.

6. (UNICAMP) – Dois adesivos foram colocados no vidro traseiro de um carro:

em cima:

Deus é fiel

e bem embaixo:

PORQUE PARA DEUS NADA É IMPOSSÍVEL

É possível ler os dois adesivos em sequência, constituindo um único período. Neste caso,

a) o que se estaria afirmando sobre a fidelidade?

RESOLUÇÃO:

O que se estaria afirmando é que a fidelidade é impossível, exceto para Deus.

b) o que o dono do carro poderia estar querendo afirmar sobre si mesmo?

RESOLUÇÃO:

Poderia estar sugerindo a admissão da própria infidelidade.

7. (FGV) – Observe o seguinte trecho:

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes...

(Machado de Assis, *A Cartomante*)

Justifique o uso de **mas**, nesse caso.

RESOLUÇÃO:

A conjunção **mas** compõe a locução conjuntiva “não só... mas (também)”, que promove o paralelismo sintático no trecho: “Camilo, não só o estava, mas (também) via-a estremecer...”. A correlação “não só... mas (também)” exprime adição enfática.

Texto para as questões 8 e 9.

*Além de parecer não ter rotação, a Terra parece também estar imóvel no meio dos céus. Ptolomeu dá argumentos astronômicos para tentar mostrar isso. Para entender esses argumentos, é necessário lembrar que, na antiguidade, imaginava-se que todas as estrelas (mas não os planetas) estavam distribuídas sobre uma superfície esférica, cujo raio não parecia ser muito superior à distância da Terra aos planetas. Suponhamos agora que a Terra esteja no centro da esfera das estrelas. Neste caso, o céu visível à noite deve abranger, de cada vez, exatamente a metade da esfera das estrelas. E assim parece realmente ocorrer: em qualquer noite, de horizonte a horizonte, é possível contemplar, a cada instante, a metade do zodíaco. Se, **no entanto**, a Terra estivesse longe do centro da esfera estelar, **então** o campo de visão à noite não seria, em geral, a metade da esfera: algumas vezes poderíamos ver mais da metade, outras vezes poderíamos ver menos da metade do zodíaco, de horizonte a horizonte. **Portanto**, a evidência astronômica parece indicar que a Terra está no centro da esfera de estrelas. E se ela está sempre nesse centro, ela não se move em relação às estrelas.*

(Roberto de A. Martins, Introdução geral ao *Commentariolus* de Nicolau Copérnico)

8. (FUVEST) – O terceiro período ("Para entender esses ... da Terra aos planetas.") representa, no texto,

- a) o principal argumento de Ptolomeu.
- b) o pressuposto da teoria de Ptolomeu.
- c) a base para as teorias posteriores à de Ptolomeu.
- d) a hipótese suficiente para Ptolomeu retomar as teorias anteriores.
- e) o fundamento para o desmentido da teoria de Ptolomeu.

RESOLUÇÃO:

O texto deixa claro que a teoria ptolomaica do geocentrismo deve ser compreendida no contexto das noções de astronomia da antiguidade; essa cosmogonia dos antigos é o pressuposto para a compreensão dos argumentos de Ptolomeu.

Resposta: B

9. (FUVEST) – Os termos *além de*, *no entanto*, *então*, *portanto* estabelecem, no texto, relações, respectivamente, de

- a) distanciamento – objeção – tempo – efeito
- b) adição – objeção – tempo – conclusão.
- c) distanciamento – consequência – conclusão – efeito.
- d) distanciamento – oposição – tempo – consequência.
- e) adição – oposição – consequência – conclusão.

RESOLUÇÃO:

Além de equivale a soma, adição; *no entanto* indica contraste, oposição; *então* vale por *por isso*, *por conseguinte*, indicando efeito, consequência; *portanto* vale por *logo*, indicando conclusão.

Resposta: E

Considere o seguinte trecho da *Bíblia* para responder às questões de números 10 e 11.

E disse [Deus]: Certamente tornarei a ti por este tempo da vida; e eis que Sara tua mulher terá um filho. E Sara escutava à porta da tenda, que estava atrás dele.

E eram Abraão e Sara já velhos, e adiantados em idade; já a Sara havia cessado o costume das mulheres.

Assim, pois, riu-se Sara consigo, dizendo: Terei ainda deleite depois de haver envelhecido, sendo também o meu senhor já velho? (...)

E concebeu Sara, e deu a Abraão um filho na sua velhice, ao tempo determinado, que Deus lhe tinha falado.

(www.bibliaonline.com.br, Gn 18, 10-12; 21, 2)

10. (UNIFESP) – No trecho, afirma-se que Abraão e Sara já estavam *adiantados em idade* e que a Sara já *havia cessado o costume das mulheres*. Essas expressões são

- a) eufemismos, que remetem, respectivamente, à velhice e ao ciclo menstrual.
- b) metáforas, que remetem, respectivamente, à idade adulta e ao vigor sexual.
- c) hipérboles, que remetem, respectivamente, à velhice e à paixão feminina.
- d) sinestésias, que remetem, respectivamente, à decrepitude e à sensualidade.
- e) sinédoques, que remetem, respectivamente, à idade adulta e ao amor.

RESOLUÇÃO: Eufemismo consiste no emprego de palavra ou expressão mais suave, para minimizar o peso conotativo de outra palavra. Assim, “adiantados em idade” substitui “velhos” e “costume das mulheres”, “menopausa”. Resposta: A

11. (UNIFESP) – Em:

- “Assim, *pois*, riu-se Sara consigo...”
- “... que Deus *lhe* tinha falado.”

a conjunção *pois* tem valor _____ e o pronome *lhe* refere-se ao termo _____

Os espaços devem ser preenchidos, respectivamente, com

- a) conclusivo e Abraão. b) explicativo e Sara.
- c) causal e Sara. d) explicativo e Abraão.
- e) condicional e Abraão.

RESOLUÇÃO: A oração iniciada por *pois* é coordenada conclusiva. Deus falara a Abraão, antes mencionado e retomado no pronome *lhe* (objeto indireto). Resposta: A



Aplicação

(ITA) – Quais conectivos **não** podem ser colocados entre a primeira e a segunda frase e entre esta e a terceira, respectivamente, preservando-se o sentido proposto pelo texto?

De vez em quando, ferem, aleijam ou matam um garoto na cretinice do trote. Ninguém é punido. Os oligarcas velhos relevam: “acidente”.

- a) pois; e. b) porém; pois. c) e; porque.
- d) mas; e. e) porque; mas.

RESOLUÇÃO

No contexto, entre a primeira e a segunda frase poderia haver tanto relação de oposição (alternativas *b*, *c* e *d*) quanto de causalidade ou de explicação da primeira pela segunda (alternativas *a* e *e*). Entre a segunda frase e a terceira, as relações poderiam ser de adição (alternativas *a* e *d*), causa ou explicação (alternativas *b* e *c*), mas não de oposição (alternativa *e*). Resposta: E

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

1. Numa época em que tempo e espaço são exíguos, devemos procurar transmitir mensagens verbais concisas, com poucas palavras, desde que isso não prejudique a clareza e a expressão completa da informação.

Buscando a economia de palavras, seu desafio é transformar o período composto abaixo em um período simples, com um só verbo. Dica: um dos verbos deve ser transformado em substantivo.

Desejo que vocês viajem bem e descansem bastante.

RESOLUÇÃO:

Desejo-lhes uma boa viagem e bastante descanso.

Você já aprendeu que a oração subordinada depende de outra oração do período, pois funciona como um termo dessa oração, como se estivesse encaixada nela. A oração subordinada pode ser substituída por um substantivo (ou pronome substantivo), adjetivo ou palavra ou expressão com valor de advérbio, compondo, dessa maneira, a oração principal.

Para saber se uma oração é **subordinada**, verifique

- se ela é introduzida por uma conjunção ou por um pronome relativo; ou
- se não introduzida por conjunção ou pronome relativo, apresenta o verbo no gerúndio, particípio ou infinitivo (esses casos serão estudados mais tarde);
- se pode ser substituída por um substantivo (ou pronome substantivo), adjetivo ou palavra ou expressão com valor de advérbio, compondo, desta maneira, a oração principal.

Exemplos

Meu professor, que nasceu na França, fala bem o português.

Meu professor, francês, fala bem o português.

No caso, a oração subordinada – *que nasceu na França* –

- é introduzida por pronome relativo (*que*);
- pode ser substituída por um adjetivo (*francês*) que passa a compor a oração principal.

Observei que eles estão contentes.

Observei o contentamento deles.

Observei isso.

A oração subordinada – *que eles estão contentes* –

- é introduzida por uma conjunção (*que*);
- pode ser substituída por um substantivo (*contentamento*) ou pronome substantivo (*isso*) que passa a compor a oração principal.

Quando anoiteceu, ele chegou.

À noite, ele chegou.

No caso, a oração subordinada – *quando anoiteceu* –

- é introduzida por conjunção (*quando*);
- pode ser substituída por uma expressão com valor de advérbio (*à noite*) que passa a compor a oração principal.

Para saber se uma oração é **principal**, verifique

- se ela assimila o substantivo, adjetivo, advérbio ou expressão com valor de advérbio equivalente à transformação da oração subordinada.

Exemplos

Observei que eles estão contentes.

Observei o contentamento deles.

Observei isso.

A oração principal – *Observei* – assimilou o substantivo *contentamento* (ou o pronome *isso*), equivalente à oração subordinada transformada.

O termo *contentamento deles* (ou *isso*) funciona como objeto direto da nova oração.

A oração subordinada substantiva desempenha função sintática própria do substantivo. Pode ser substituída por um substantivo ou pronome substantivo.

Às vezes, não encontramos um substantivo adequado, que não altere o sentido da frase, para fazer a substituição. Mas sempre podemos substituir a oração subordinada substantiva pelo pronome substantivo *isso* (ou contração do pronome com conjunção, como *disso*, *nisso*).

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

desempenham função sintática própria do substantivo

Funcionam como

- sujeito da principal — *subjativa*
- objeto direto da principal — *objetiva direta*
- objeto indireto da principal — *objetiva indireta*
- predicativo do sujeito da principal — *predicativa*
- complemento nominal da principal — *completiva nominal*
- aposto da principal — *apositiva*

2. Analise a função sintática do termo grifado em I e, a seguir, em II, transforme esse termo na oração subordinada substantiva correspondente, classificando-a. Preste atenção na correlação entre o verbo da principal e o verbo da subordinada.

a) I. O povo solicitava a unificação dos impostos. (**OD**)

II. O povo solicitava que unificassem os impostos. OU que os impostos fossem unificados. OU que se unificassem os impostos.

Oração Principal Oração Subordinada Substantiva **Objetiva Direta**

b) I. O chefe insiste na manutenção dos direitos. (**OI**)

II. O chefe insiste em que se mantenham os direitos. OU em que os direitos sejam mantidos.

Oração Principal Oração Subordinada Substantiva **Objetiva Indireta**

c) I. A sociedade tem consciência da inexistência de solução para o desemprego. (**CN**)

II. A sociedade tem consciência de que inexistente solução para o...

Oração Principal Oração Subordinada Substantiva **Completiva Nominal**

d) I. Minha esperança é a cassação dos corruptos. (**PS**)

II. Minha esperança é que cassem os corruptos. OU que os corruptos sejam cassados. OU que se cassem...

Oração Principal Oração Subordinada Substantiva **Predicativa**

e) I. É fundamental a rescisão do contrato. (**S**)

II. É fundamental que rescindam o contrato. OU que o contrato seja rescindido. OU que se rescinda o contrato...

Oração Principal Oração Subordinada Substantiva **Subjetiva**

f) I. Peço apenas uma coisa: a tua chegada a tempo. (**Aposto**)

II. Peço apenas uma coisa: que (tu) chegues a tempo.

Oração Principal Oração Subordinada Substantiva **Apositiva**

3. Classifique as orações subordinadas substantivas extraídas de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

- (1) objetiva direta (2) subjetiva (3) objetiva indireta
(4) completiva nominal (5) predicativa

- a) "Vi **que a emoção dela era outra vez grande**, mas não recuava de seus propósitos..." ()
b) "De repente, cessando a reflexão, fitou em mim os olhos de ressaca, e perguntou-me **se tinha medo**." ()
c) "Se me acudisse ali uma injúria grande ou pequena, é possível **que a escrevesse também**..." ()
d) "Ao mesmo tempo tomei-me do receio **de que alguém nos pudesse ouvir**..." ()
e) "O bonito é **que cada um de nós queria agora as culpas para si**..." ()
f) "No dia seguinte, arrependi-me **de haver rasgado o discurso**... () Pensei **em recompô-lo**, mas só achei frases soltas..." ()

RESOLUÇÃO: a) 1; b) 1; c) 2; d) 4; e) 5; f) 3, 3.

4. (FGV) – Analise a tira.

SR. RUSGA E DR. RABUJO



(Folha de S.Paulo, 10.12.2008)

- a) No primeiro quadrinho, a palavra *Deus* ocorre na fala das duas personagens. Explique a função sintática que ela assume em cada uma dessas ocorrências.

RESOLUÇÃO:

Na primeira fala, *Deus* é sujeito de *criou*; na segunda, é complemento agente na construção passiva *Eu fui criado*.

- b) No segundo quadrinho, a personagem afirma: *Preciso de provas*. Supondo que ela utilizasse uma frase completa, com as informações do seu interlocutor, reescreva a frase que resultaria dessa mistura, iniciando com *Preciso de provas* e justificando a escolha dos elementos que devem unir as informações.

RESOLUÇÃO:

A frase poderia ser *Preciso de provas de que você seja filho de Deus* – construção que sugere, por meio do modo subjuntivo, a incerteza do fato de que se pedem provas – ou *Preciso de provas de que você é filho de Deus* – construção em que o modo indicativo sugere a veracidade do fato, embora não a admita necessariamente. Nos dois casos, as duas orações do período são conectadas pela conjunção *que*, introdutora da oração substantiva *você é/ seja filho de Deus*, precedida da preposição *de*, regime de *provas*, visto que essa oração subordinada é completiva nominal, ou seja, funciona como complemento nominal de *provas*.

As questões de número 5 e 6 referem-se ao texto abaixo.

"Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo. Uma, duas, três, quatro, havia muitas estrelas, havia mais de cinco estrelas no céu. O poente cobria-se de cirros – e uma alegria doida enchia o coração de Fabiano."

(Graciliano Ramos, *Vidas Secas*)

5. (PUC) – Observe o emprego da partícula *que* em:

- (1) "... esperou *que* a água marejasse..."
(2) "... olhando as estrelas, *que* vinham nascendo."

- a) Indique, respectivamente, o valor morfológico da referida partícula em (1) e em (2).

RESOLUÇÃO:

Em 1, a palavra *que* é conjunção subordinativa integrante.

Em 2, é pronome relativo.

- b) Que tipo de oração introduz em (1)?

RESOLUÇÃO:

Introduz oração subordinada substantiva objetiva direta.

6. (PUC)

- a) Explique a diferença que existe entre o emprego do verbo *haver*, no texto acima – "havia muitas estrelas" – e na oração – *havam contado muitas estrelas*.

RESOLUÇÃO:

Em "havia muitas estrelas", o verbo *haver* é impessoal (equivale a *existir*). É transitivo direto quanto à regência. Quanto à concordância, deve ser usado apenas na 3.ª pessoa do singular.

Na oração *havam contado muitas estrelas*, o verbo *haver* é usado como auxiliar do verbo principal *contar*. Com este, forma um tempo composto. Quanto à concordância, identifica-se com o sujeito em pessoa e número. No caso, está na 3.ª pessoa do plural como sujeito indeterminado.

- b) Observando essa diferença, empregue o verbo *haver* nas orações abaixo, mantendo o mesmo tempo em que foram construídas as orações indicadas em (a):

- b1) Quando pequenos, ... participado de muitos jogos.

RESOLUÇÃO:

Quando pequenos, *havam* participado de muitos jogos.

- b2) No lugar onde construíram aquele conjunto residencial, ... apenas casas comerciais.

RESOLUÇÃO:

No lugar onde construíram aquele conjunto residencial, *havia* apenas casas comerciais.

OBSERVAÇÕES

I. Frequentemente, a oração subordinada substantiva é introduzida pela conjunção integrante *que*, conforme visto nos exemplos anteriores.

II. A oração subordinada substantiva também pode ser introduzida pela conjunção integrante *se*. Exemplo: Não sei se ela estranhou o calor da minha alegria (...) (Rubem Braga). Nesse caso, não ocorre a mesma correlação entre verbos da oração principal e da subordinada vista no emprego da conjunção integrante *que*.

III. Embora a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não registre, o *agente da passiva* também pode aparecer em forma de oração. Exemplo: As ordens são dadas por quem pode. (F. Namora)

IV. As orações subordinadas substantivas que não são introduzidas pelas conjunções integrantes *que* e *se* (*conectivas*) são chamadas de *justapostas*, por estarem colocadas junto às orações principais. São iniciadas por *pronomes* e *advérbios interrogativos* (*quem, quantos, por que, quando, como, onde* etc.) que exercem função sintática.

Exemplos

Não se sabe quem cometeu o crime.

oração subordinada substantiva subjetiva

quem: sujeito da oração subordinada

A polícia investiga por que mataram o empresário.

oração subordinada substantiva objetiva direta

por que: adjunto adverbial de causa da oração subordinada

Tinha medo de quantos o cercavam.

oração subordinada substantiva completiva nominal

quantos: sujeito da oração subordinada



Aplicações

LEIA O TEXTO, PARA RESPONDER ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 1 A 3.

Notícia da atual literatura brasileira – instinto de nacionalidade

Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro.

As tradições de Gonçalves Dias, Porto Alegre e Magalhães são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madrega, como aqueles continuaram as de José Basílio da Gama e Santa Rita Durão. Escusado é dizer a vantagem deste universal acordo. Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional.

Esta outra independência não tem Sete de Setembro nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitos trabalharão para ela até perfazê-la de todo.

(Machado de Assis, *Crítica*. Texto adaptado.)

1. (FATEC) – Assinale a alternativa que interpreta corretamente o texto.

- O texto afirma uma literatura nacionalista que tem suas raízes na Proclamação da Independência, episódio inspirador de obras de muitas gerações.
- Com a metáfora presente em – “As tradições [...] são assim

continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madrega” – Machado critica a tradição de valorizar o passado, presente em escritores brasileiros.

c) Há, no texto, uma concepção de literatura que privilegia a escolha de temas da História pátria, como é o caso de obras que exaltam o Sete de Setembro.

d) Para o autor, as raízes do Realismo remontam às obras dos autores que ele menciona e cujos textos trazem as teses realistas mais importantes.

e) Machado de Assis entende o instinto de nacionalidade na literatura brasileira como autonomia de ideias em relação a temas importados, a qual se constrói paulatinamente.

RESOLUÇÃO

Ao afirmar que “todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país”, Machado de Assis se refere a elementos importados (“formas literárias do pensamento” implicam temas e estruturas literárias) que vão ganhando fisionomia brasileira e, neste sentido, “autonomia”, como se afirma na alternativa de resposta. Que esse trabalho se faça paulatinamente, é o que afirma o último parágrafo do texto.

Resposta: E

2. (FATEC) – Assinale a alternativa contendo afirmação correta acerca de fato linguístico do texto.

a) O pronome “lhe”, destacado no 1.º parágrafo, pode ser substituído, com correção, por “a ela”.

b) É indiferente, para o sentido da frase, que as palavras “certo” e “semelhante”, nos trechos em destaque no 1.º parágrafo, posicionem-se antes ou depois dos substantivos a que se referem.

c) Os pronomes “aqueles” e “as”, em destaque no 2.º parágrafo, referem-se, respectivamente, a Gonçalves Dias, Porto Alegre e Magalhães e a tradições.

d) Os pronomes “ela” e “-la”, destacados no 3.º parágrafo, referem-se, respectivamente, a “obra” e “geração”.

e) A palavra “pausadamente”, destacada no 3.º parágrafo, expressa circunstância de tempo.

RESOLUÇÃO

Erros: a) *lhe* pode ser substituído por *nela*, não por *a ela*; b) antes do substantivo a que se refere, *certo* é pronome indefinido e significa “algum”; depois dele, é adjetivo e significa “correto”, “exato”; *semelhante*, preposto ao substantivo, é pronome demonstrativo e significa o mesmo que *tal*; *posposto*, é adjetivo e significa “similar”, “parecido”; d) os pronomes em questão referem-se ambos a *obra*; e) *pausadamente* é advérbio de modo, não de tempo.

Resposta: C

3. (FATEC) – Observe que a oração em destaque neste período exerce a função de objeto direto:

Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam **vestir-se com as cores do país**.

Encontra-se oração com essa mesma função sintática na alternativa:

a) Esta outra independência não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura.

b) Escusado é dizer a vantagem deste universal acordo.

c) Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração.

d) Não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro.

e) As tradições de Gonçalves Dias, Porto Alegre e Magalhães são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madrega.

RESOLUÇÃO

A oração sublinhada classifica-se como subordinada substantiva objetiva direta. O mesmo ocorre com a oração “que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono do futuro”, que exerce a função de objeto direto.

Resposta: D

EMPREGO DO PRONOME RELATIVO

Os pronomes relativos são assim chamados porque se relacionam a um termo – o antecedente (termo anterior).



VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
MASCULINO		FEMININO		
Singular	Plural	Singular	Plural	
o qual	os quais	a qual	as quais	que
cujo	cujos	cuja	cujas	quem
quanto	quantos			onde

1. Considerando a regência do verbo destacado, complete o espaço de cada frase com um pronome relativo adequado. Se o verbo exigir preposição, coloque-a antes do relativo.

Modelo: Eu trouxe o material **de que** você *precisa*.
do qual você *precisa*.
 (o verbo *precisar* exige preposição **de**)

- a) A cidade _____ *moramos* é muito calma.
- b) A cidade _____ *saímos* é muito calma.
- c) A cidade _____ *nos dirigimos* é muito calma.
- d) A cidade _____ *estamos falando* é muito calma.
- e) A cidade _____ *partimos* é muito calma.
- f) O cheque _____ o gerente *visou* foi roubado.
- g) Ele desconhece as leis _____ *devemos obedecer*.
- h) Ele criticou muito o filme _____ *assistiu* ontem.

RESOLUÇÃO:

- a) **onde, em que, na qual;** b) **da qual, de onde;** c) **para onde, para a qual;** d) **de que, da qual, sobre a qual;**
- e) **de onde, da qual;** f) **que, o qual;** g) **a que, às quais;** h) **a que, ao qual.**

2. Transforme os dois períodos em um só, evitando a repetição dos termos grifados.

- a) Homenagearam o escritor. O livro do escritor foi premiado.

RESOLUÇÃO: Homenagearam o escritor cujo livro foi premiado.

- b) Esse artista é criativo. Conversamos sobre esse artista.

RESOLUÇÃO:

Esse artista sobre quem (ou sobre o qual) conversamos é criativo.

- c) Júlia saiu da escola. Todos se apaixonaram por ela.

RESOLUÇÃO: Júlia, por quem todos se apaixonaram, saiu da escola.

3. (ENEM) – Diante do número de óbitos provocados pela gripe H1N1 – gripe suína – no Brasil, em 2009, o Ministro da Saúde fez um pronunciamento público na TV e no rádio. Seu objetivo era esclarecer a população e as autoridades locais sobre a necessidade do adiamento do retorno às aulas, em agosto, para que se evitassem a aglomeração de pessoas e a propagação do vírus. Fazendo uso da norma padrão da língua, que se pauta pela correção gramatical, seria correto o Ministro ler, em seu pronunciamento, o seguinte trecho:

- Diante da gravidade da situação e do risco de que nos expomos, há a necessidade de se evitar aglomerações de pessoas, para que se possa conter o avanço da epidemia.
- Diante da gravidade da situação e do risco a que nos expomos, há a necessidade de se evitem aglomerações de pessoas, para que se possam conter o avanço da epidemia.
- Diante da gravidade da situação e do risco a que nos expomos, há a necessidade de se evitem aglomerações de pessoas, para que se possa conter o avanço da epidemia.
- Diante da gravidade da situação e do risco os quais nos expomos, há a necessidade de se evitar aglomerações de pessoas, para que se possa conter o avanço da epidemia.
- Diante da gravidade da situação e do risco com que nos expomos, tem a necessidade de se evitem aglomerações de pessoas, para que se possa conter o avanço da epidemia.

RESOLUÇÃO:
Resposta: C

4. (UNIMEP) – Observe a figura abaixo, cujo título é “O cãomandante”.



“O cãomandante”, *Época*, 6/4/2009, p 19)

As alternativas abaixo exibem uma descrição da imagem. Assinale qual delas está redigida de acordo com a norma culta do Português escrito.

- Na figura mostra uma imagem em que se vê um cachorrinho vestido com um uniforme que inclui gravata e um chapéu aonde há um distintivo ou emblema.
- A figura mostra uma imagem em que se vê um cachorrinho vestido com um uniforme que inclui gravata e um chapéu em cuja frente há um distintivo ou emblema.
- O cachorrinho está vestido com um uniforme, como de um comandante de aviões, onde apresenta até uma gravata.

d) O cachorrinho está vestido com um uniforme semelhante ao de um comandante de aviões, onde que parece muito sério.

e) Na figura mostra um cachorrinho vestido com um uniforme, em cuja cabeça há um chapéu profissional.

RESOLUÇÃO:
Resposta: B

5. (UNIMEP) – Assinale a alternativa em que a descrição da figura abaixo vem expressa de acordo com as normas da escrita padrão do português.



(Revista *Exame*, n.º 08, 9/5/2007)

a) Uma criança parece ter espalhado tinta pelo chão e paredes de sua casa. Perto dela há um cachorro, onde a expressão denota surpresa ou curiosidade. O enquadramento destaca ambos, cachorro e criança.

b) Uma criança, mostrada na foto sentada no chão, parece estar espalhando tinta pela casa. A seu lado tem um cachorro cuja expressão denota surpresa, onde parece estar curioso.

c) Na foto aparecem um menino e um cachorro. O enquadramento destaca ambos. A tinta espalhada pela parede e pelo chão também foi usada no cachorro sobre cujo pelo há marcas de tinta.

d) A foto mostra um menino perto de um cachorro que parece surpreso, onde está espalhando tinta pela parede e chão da casa.

e) Na foto mostra uma criança e um cachorro, cercados por tinta espalhada no ambiente da casa. O enquadramento destaca ambos, criança e cachorro.

RESOLUÇÃO:
Resposta: C

6. (PUC-RIO) – Um internauta escreveu o comentário informal abaixo. Reescreva-o fazendo as correções necessárias para adequá-lo às regras da norma culta escrita.

Não gosto muito de poesia, mais aqueles poemas do Manuel Bandeira que eu falei ontem, mudou a minha vida.

RESOLUÇÃO:
Não gosto muito de poesia, mas aqueles poemas de Manuel Bandeira de que eu falei ontem mudaram a minha vida.

7. (FAC. INTEGR. CURITIBA) – Reúna cada par de frases abaixo num único período, utilizando o devido pronome relativo antecedido ou não de preposição e fazendo as alterações necessárias.

a) Esses são apenas alguns recursos. O Estado dispõe desses recursos.

RESOLUÇÃO:

Esse são apenas alguns recursos de que o Estado dispõe.

b) O ministro da Educação apresentou a diretriz. O governo deve insistir nos pontos da diretriz para diminuir o analfabetismo no país.

RESOLUÇÃO:

O ministro da Educação apresentou a diretriz em cujos pontos deve insistir para diminuir o analfabetismo no país.

c) A notícia é falsa. Essa notícia levou-o à morte.

RESOLUÇÃO:

A notícia que o levou à morte é falsa.

d) Já está definido o lugar. Ficaremos alojados nesse lugar.

RESOLUÇÃO:

Já está definido o lugar onde (em que) ficaremos alojados.

e) Ele comprou todos os utensílios. Ele precisava desses utensílios para viajar.

RESOLUÇÃO:

Ele comprou todos os utensílios de que precisava para viajar.

8. (FUVEST) – Está adequado o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) O cronista nunca formulara uma matéria que sua frase de abertura fosse daquele tipo.

b) A cidade onde se dirigia, em 1936, para fazer uma reportagem, era Araxá.

c) A frase de que ele recorreria para dar seu testemunho seria aquela das cascas de barbatimão.

d) Buscou esclarecer-se sobre a finalidade daquelas cascas de árvore.

e) Começou a perceber de que não daria pela razão de as cascas estarem ali.

RESOLUÇÃO:

a) cuja; b) para onde (aonde); c) a que; e) que.

Resposta: D

9. (CÁSPER LÍBERO) – Assinale a alternativa incorreta quanto ao uso dos pronomes relativos e possessivos.

a) Cheguei à conclusão de que nunca fui realmente grato a pessoas de cujas mãos recebi a ajuda de que tanto necessitava.

b) Cresceu muito o bairro em cujas ruas eu passeava quando ia à escola.

c) O rapaz que lhe falei é aquele com quem fiz estágio na empresa.

d) O autor com cujas ideias concordamos irá a Minas Gerais amanhã.

e) A secretária por cujo intermédio marquei a consulta pedi demissão da firma na qual trabalhava.

RESOLUÇÃO:

de que

Resposta: C

quatro passageiros. As demais alternativas contêm falhas semânticas (c e d) ou sintáticas (a e e).

Resposta: B

2. (FGV-Adm.) – Assinale a alternativa em que, **incorretamente**, usou-se ou deixou-se de usar uma preposição antes do pronome relativo.

a) A rua que eu moro não é asfaltada.

b) Ernesto, de cujos olhos parecia saírem raios de fogo, manifestou-se violentamente.

c) Soçobrou o navio que se dirigia a Barcelona.

d) O cachorro a que você deveria dar isso pertence ao vizinho do 43.

e) Era o repouso por que esperávamos quando regressamos de Roma.

RESOLUÇÃO:

O verbo *morar* deveria ter o seu adjunto adverbial (representado na frase pelo pronome relativo *que*, cujo antecedente é *rua*) introduzido pela preposição *em*: *rua em que eu moro*.

Resposta: A



Aplicações

1. (MACKENZIE) – *Viajava num bonde em cujos bancos só cabiam quatro passageiros.*

Um outro modo de relatar o fato acima, preservando o sentido original e respeitando a gramática normativa da língua, é:

a) Viajava num bonde que os bancos só acomodavam quatro passageiros.

b) Os bancos do bonde em que viajava só comportavam quatro passageiros.

c) Quatro passageiros cabiam só nos bancos do bonde onde ele viajava.

d) Viajava num bonde onde só cabiam bancos com quatro passageiros.

e) Os bancos do bonde que ele viajava só acomodavam quatro passageiros.

RESOLUÇÃO:

A alternativa que preserva o significado da frase do enunciado e respeita a norma culta é a b, porque a ideia é de que cada banco do bonde só comportava

MÓDULO 18

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

PRONOMES RELATIVOS

QUE	<p>Substitui um termo da oração anterior.</p> <p>É antecedido por preposição se o nome ou verbo a que se associa a exigir.</p> <p>Exemplos: <i>Contou a novidade que todos já conheciam. Comprou o carro de que gostara. Chegaram os livros com que vou terminar meu trabalho.</i></p>
O QUAL	<p>Usa-se, preferencialmente, depois de preposições com mais de uma sílaba.</p> <p>Substitui o <i>que</i> para evitar ambiguidade.</p> <p>É antecedido por preposição se o nome ou verbo a que se associa a exigir.</p> <p>Exemplos: <i>A testemunha falou a verdade ao juiz perante o qual depôs. O guia da turma, o qual se atrasou, era novo na empresa.</i> (Repare, neste último exemplo, que o uso do <i>que</i> acarretaria ambiguidade.)</p>
QUEM	<p>Usa-se com referência a pessoas.</p> <p>Substitui <i>aquele que</i>.</p> <p>De preferência, concorda com o verbo na terceira pessoa do singular.</p> <p>É antecedido por preposição se o nome ou verbo a que se associa a exigir.</p> <p>Exemplos: <i>João foi quem me defendeu. Foi embora Júlia, por quem todos se apaixonaram.</i></p>
ONDE	<p>Usa-se com referência a lugar.</p> <p>Substitui <i>em que, na qual</i>.</p> <p>Exemplos: <i>Esta é a rua onde moro. Vamos seguir o caminho por onde passo todos os dias.</i></p>
CUJO	<p>Indica posse.</p> <p>Substitui substantivo ou pronome precedido da preposição <i>de</i>.</p> <p>É antecedido por preposição exigida pelo verbo que o segue.</p> <p>Exemplos: <i>Recordava apenas dos escritores de cujos livros havia gostado. Visitava sempre as primas em cuja casa passara a infância.</i></p>

1. Leia cada uma das frases e assinale a alternativa que explica o seu significado.

I. A criança que é curiosa faz descobertas diárias.

a) Toda criança é curiosa e faz descobertas diárias.

b) Algumas crianças que são curiosas fazem descobertas diárias.

RESOLUÇÃO:

Sem vírgula, a oração é adjetiva restritiva e seu sentido é particularizante.

Resposta: B

II. O jovem, que tem energia, necessita de constante atividade física.

a) Todo jovem tem energia e necessita de constante atividade física.

b) Alguns jovens têm energia e necessitam de constante atividade física.

RESOLUÇÃO:

Com vírgulas, a oração é adjetiva explicativa e seu sentido é generalizante.

Resposta: A

ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA encaixa-se na principal, equivalendo a um adjetivo

RESTRITIVA	EXPLICATIVA
<ul style="list-style-type: none">delimita ou define mais claramente o seu antecedentenão é separada por vírgula	<ul style="list-style-type: none">apresenta uma explicação ou pormenor do antecedenteé separada por vírgula

2. Classifique as orações adjetivas destacadas, colocando **R** para as restritivas e **E** para as explicativas. Coloque **vírgula** antes da oração adjetiva, quando se tratar de explicativa.

a) Deram abrigo às vítimas da enchente, mas apenas às que não tinham posses.

(**R**) Deram abrigo às vítimas das enchentes que não tinham posses.

RESOLUÇÃO:

Restritiva, sem vírgulas.

b) Deram abrigo às vítimas da enchente, pois todas perderam a casa.

(**E**) Deram abrigo às vítimas da enchente, que perderam a casa.

RESOLUÇÃO:

Explicativa, com vírgulas.

3. Qual a ambiguidade presente no período abaixo? Como poderia ser evitada?

A assessora do candidato, que conhecia bem as carências daquela região, não propôs projetos de utilidade pública.

RESOLUÇÃO:

O trecho é ambíguo porque o pronome relativo *que* tanto pode referir-se a assessora quanto a candidato. A ambiguidade poderia ser evitada com o emprego de *o qual*, referindo-se a candidato e *a qual*, referindo-se a assessora.

Texto para a questão 4.

Por causa do assassinato do caminhoneiro Pascoal de Oliveira, o Nego, pelo – também caminhoneiro – japonês Kababe Massame, após uma discussão, em 31 de julho de 1946, a população de Osvaldo Cruz (SP), que já estava com os nervos à flor da pele em virtude de dois atentados da Shindô-Renmei na cidade, saiu às ruas e invadiu casas, disposta a maltratar “impiedosamente”, na palavra do historiador local José Alvarenga, qualquer japonês que encontrasse pela frente. O linchamento dos japoneses só foi totalmente controlado com a intervenção de um destacamento do Exército, vindo de Tupã, chamado pelo médico Osvaldo Nunes, um herói daquele dia totalmente atípico na história de Osvaldo Cruz e das cidades brasileiras.*

Com o final da Segunda Guerra Mundial, o eclipse do Estado Novo e o desmantelamento da Shindô-Renmei, inicia-se um ciclo de emudecimento, de ambos os lados, sobre as quatro décadas de intolerância vividas pelos japoneses. Do lado local, foi sedimentando-se no mundo das letras a ideia do país como um “paraíso racial”. Do lado dos imigrantes, as segundas e terceiras gerações de filhos de japoneses se concentraram, a partir da década de 1950, na construção da sua ascensão social. A história foi sendo esquecida, junto com o idioma e os hábitos culturais de seus pais e avós.

(Matinas Suzuki Jr. *Folha de S.Paulo*, 20.4.2008. Adaptado.)

* *Shindô-Renmei* foi uma organização nacionalista, que surgiu no Brasil após o término da Segunda Guerra Mundial, formada por japoneses que não acreditavam na derrota do Japão na guerra. Possuía alguns membros mais fanáticos que cometiam atentados, tendo matado e ferido diversos cidadãos nipo-brasileiros.

4. (UNIFESP) – No texto, as orações (...) *que já estava com os nervos à flor da pele em virtude de dois atentados da Shindô-Renmei na cidade* (...) e (...) *que encontrasse pela frente* (...) são exemplos, respectivamente, de oração subordinada adjetiva explicativa e subordinada adjetiva restritiva, porque:

- a) a primeira limita o sentido do termo antecedente (a população de Osvaldo Cruz), enquanto a segunda explica o sentido do termo antecedente (qualquer japonês).
- b) a pausa, antes e depois da primeira oração, revela seu caráter de restrição e precisão do sentido do termo antecedente, tal como se dá com a segunda oração.
- c) na primeira, a oração é indispensável para precisar o sentido da anterior, enquanto, na segunda, a oração pode ser eliminada.
- d) a primeira explica o sentido do termo antecedente (a população de Osvaldo Cruz), enquanto a segunda limita o sentido do termo antecedente (qualquer japonês).
- e) o sentido do termo “qualquer japonês”, explicado na segunda oração, é determinante para a compreensão da primeira.

RESOLUÇÃO: A justificativa apresentada na alternativa explica exatamente a função de cada oração adjetiva: a explicativa se refere a todo o conjunto do antecedente e a restritiva delimita a parte desse conjunto a que se refere. Resposta: D

Texto para as questões 5 e 6.

Eu lia o meu livrinho quando a sucessão de gritos – “ahhh”... “ehhh”... – picotou a noite de domingo. A impressão que tive foi de alguém sendo esfolado no andar de cima. Não fui o único a saltar da poltrona, assustado, tentando descobrir de onde vinha aquela esganiçada voz feminina: no meu prédio e no que fica ao lado, meia dúzia de pescocões se insinuaram na moldura das janelas enquanto o alarido – “ihhh”... “ohhh”... – prosseguia.

(Humberto Werneck. *O espalhador de passarinhos*.)

5. (FGV – Econ.) – Observando o emprego do pronome relativo *que*, nas duas ocorrências grifadas no fragmento, é possível afirmar:

- a) na primeira ocorrência, substitui um objeto direto; na segunda, vem no lugar de um sujeito.
- b) em ambos os casos, a relação que estabelece é de simples e objetiva coordenação.
- c) na primeira ocorrência, trata-se do sujeito da ação; na segunda, de um adjunto adverbial.
- d) na primeira ocorrência, há uma relação de posse; na segunda, de referência ao receptor da ação.
- e) em ambos os casos, a palavra não exerce função sintática, mas de simples realce.

RESOLUÇÃO: O primeiro *que* é um pronome relativo que substitui o substantivo *impressão* e exerce a função de objeto direto do verbo *tive*. O segundo *que* também é pronome relativo, por sua vez substituindo o pronome demonstrativo *o*, que está no lugar do substantivo *prédio*. Neste segundo caso, assume a função de sujeito do verbo *fica*. Resposta: A

6. (FGV – Econ.) – Considerado no contexto, o verbo *picotou* pode ser substituído, sem prejuízo do sentido, por

- a) emudeceu.
- b) ensurdeceu.
- c) cortou.
- d) apavorou.
- e) atrapalhou.

RESOLUÇÃO: *Picotar* significa “cortar em pequenos pedaços”. O autor usa esse verbo em sentido conotativo, indicando que os gritos femininos vindos do andar de cima “cortaram”, interromperam sua leitura e, por extensão, sua noite de domingo. Resposta: C

7. (UNIFESP) – No período *Uma parcela expressiva destas mortes, que varia de região para região, é atribuída à ação da polícia, que se respalda na impunidade para continuar cometendo seus crimes*, as palavras sublinhadas referem-se, respectivamente,

- a) à palavra *parcela* e tem a função de sujeito; à palavra *polícia* e tem a função de sujeito.
- b) à palavra *mortes* e tem a função de sujeito; à palavra *polícia* e tem a função de sujeito.
- c) à palavra *parcela* e tem a função de objeto; à palavra *polícia* e tem a função de objeto.
- d) à palavra *parcela* e tem a função de objeto; à palavra *ação* e tem a função de sujeito.
- e) à palavra *parcela* e tem a função de sujeito; à palavra *ação* e tem a função de sujeito.

RESOLUÇÃO: Os pronomes relativos em questão referem-se, respectivamente, a *parcela* e a *polícia* e funcionam sintaticamente como sujeitos das orações que introduzem. Resposta: A

Texto para a questão 8.

... para quem quer tornar-se orador consumado não é indispensável conhecer o que de fato é justo, mas sim o que parece justo para a maioria dos ouvintes, que são os que decidem; nem precisa saber tampouco o que é bom ou belo, mas apenas o que parece tal ...

8. (UNESP) – Neste trecho da tradução da segunda fala de Fedro, observa-se uma frase com estruturas oracionais recorrentes, e por isso plena de termos repetidos, sendo notável, a este respeito, a retomada do demonstrativo **o** e do pronome relativo **que** em *o que de fato é justo, o que parece justo, os que decidem, o que é bom ou belo, o que parece tal*. Em todos esses contextos, o relativo **que** exerce a mesma função sintática nas orações de que faz parte. Indique-a.

- a) Sujeito.
- b) Predicativo do sujeito.
- c) Adjunto adnominal.
- d) Objeto direto.
- e) Objeto indireto.

RESOLUÇÃO: Em todas as orações apontadas, o pronome relativo *que* é sujeito dos verbos. Resposta: A



Aplicações

Texto para a questão 1.

UM BALNEÁRIO HISTÓRICO

Guarujá deve ter herdado o nome ("guaru-yá") do termo indígena **que** indicaria a passagem estreita entre a praia das Pitangueiras, a mais central, e a praia dos Astúrias, **que** já foi chamada de praia do Guarujá.

Além de Pitangueiras e Astúrias, a ilha tem praias mais recônditas, como Tombo e Guaíba. Tem ainda praias movimentadas, caso da Enseada, **cuja** história se confunde com a do imigrante de origem libanesa Miguel Estefno; do Pernambuco / Jequitimar, **onde** reinaram a quatrocentona Veridiana da Silva Prado e o pioneiro Fernando Lee, em **cuja** ilha do Arvoredo fazia experimentações com energias alternativas (eólica, das marés etc.) e colecionava plantas e aves exóticas.

(Folha de S. Paulo, 21 de agosto de 2008)

1. (PUC) – Assinale a alternativa que indica a que se referem os pronomes sublinhados no texto “Um Balneário histórico”, na ordem em que aparecem,

- a) Guarujá; termo indígena; Enseada; Pernambuco / Jequitimar; Fernando Lee
- b) termo indígena; praia dos Astúrias; Enseada; Pernambuco / Jequitimar; Fernando Lee
- c) Guarujá; Pitangueiras; Enseada; Veridiana da Silva Prado; Fernando Lee
- d) praia dos Astúrias; termo indígena; Pernambuco / Jequitimar; Enseada; Fernando Lee
- e) Guaru-yá; praia dos Astúrias; caso da Enseada; Fernando Lee; Veridiana da Silva Prado

RESOLUÇÃO

Os *antecedentes* dos pronomes relativos, ou seja, os termos que eles retomam, são sempre contíguos a esses pronomes, em geral imediatamente próximos, como em todos os casos ocorrentes no texto dado. Não há possibilidade de confusão neste teste: para responder corretamente, bastava atenção e adequado entendimento do texto, que não oferecia dificuldade.

Resposta: B

Considere o trecho abaixo:

Após a passagem do fogo, as folhas e gemas (aglomerados de células que dão origem a novos galhos) sofrem necrose e morrem. As gemas que ficam nas extremidades dos galhos são substituídas por gemas internas, que nascem em outros locais, quebrando a linearidade do crescimento.

2. (ITA) – Nesse trecho, as orações adjetivas permitem afirmar que

- I. nem todas as células produzem novos galhos.
- II. algumas gemas se localizam nas extremidades dos galhos.
- III. todas as gemas internas nascem em outros pontos do galho.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas a I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas a II.
- d) apenas a III.
- e) todas.

RESOLUÇÃO

A oração “que dão origem a novos galhos” é adjetiva restritiva e significa que apenas algumas células dão origem a novos galhos. Também a oração “que ficam nas extremidades dos galhos” é restritiva, indicando que somente algumas gemas ficam nas pontas dos galhos. A oração “que nascem em outros locais” (do galho) é adjetiva explicativa e indica uma característica de todas as gemas internas.

Resposta: E

3. (MACKENZIE)

*Eu não a quero dar como uma alma **que** a paixão desatina e cega, nem fazê-la morrer de um amor silencioso e tímido. Nada disso era, nem faria. Sua natureza exigia e amava essas flores do coração, mas não havia esperar que as fosse colher em sítios agrestes e nus, nem nos ramos do arbusto modesto plantado em frente de janela rústica.*

Sobre o fragmento acima, é correto afirmar que

- a) o pronome relativo assinalado exerce a função de sujeito.
- b) a expressão “de um amor silencioso e tímido” é um adjunto adnominal.
- c) em “Sua natureza exigia e amava essas flores do coração”, a substituição de *exigia* por *precisava* não afetaria a correção gramatical, pois ambos os verbos, o substituído e o substituto, pedem o mesmo tipo de complemento.
- d) em “não havia esperar que as fosse colher em sítios agrestes e nus, nem nos ramos do arbusto modesto plantado em frente de janela rústica”, a repetição do *nem* depois de *colher* preservaria o sentido original da frase.
- e) “nada disso” retoma, dos traços psicológicos e das ações anteriormente atribuídas à personagem, apenas as ações.

RESOLUÇÃO

Em *a*, o pronome relativo exerce a função de objeto direto. Em *b*, a expressão em causa tem a função de adjunto adverbial. Em *c*, o verbo *precisar*, nessa acepção, rege a preposição *de*. Em *e*, a expressão *nada disso* refere-se às características psicológicas de Guiomar.

Resposta: D

OS CINCO SENTIDOS

Os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo que têm por função receber informação necessária à sobrevivência. É necessário ver o que há em volta para poder evitar perigos. O tato ajuda a obter conhecimentos sobre como são os objetos. O olfato e o paladar ajudam a catalogar elementos que podem servir ou não como alimento. O movimento dos objetos gera ondas na atmosfera que são sentidas como sons.

4. (PUC) – A palavra relacional *que* aparece quatro vezes no primeiro parágrafo, exercendo, pela ordem, as seguintes funções:

- a) sujeito, objeto direto, sujeito, sujeito.
- b) sujeito, sujeito, sujeito, sujeito.
- c) sujeito, sujeito, sujeito, objeto direto.
- d) objeto direto, objeto direto, sujeito, sujeito.
- e) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.

RESOLUÇÃO

O primeiro *que* é sujeito de *têm*; o segundo é objeto direto de *há*; o terceiro é sujeito de *podem*; o quarto é sujeito de *são*.

Resposta: A

MÓDULO 21

PROSA ROMÂNTICA II –
JOSÉ DE ALENCAR II

LEITURA

Texto 1

(...)

Na sala, cercada de adoradores, no meio das esplêndidas reverberações de sua beleza, Aurélia, bem longe de inebriar-se da adoração produzida por sua formosura e do culto que lhe rendiam, ao contrário parecia unicamente possuída de indignação por essa turba vil e abjeta.

Não era um triunfo que ela julgasse digno de si, a torpe humilhação dessa gente ante sua riqueza. Era um desafio, que lançava ao mundo, orgulhosa de esmagá-lo sob a planta, como a um réptil venenoso.

E o mundo é assim feito; que foi o fulgor satânico da beleza dessa mulher a sua maior sedução. Na acerba veemência da alma revolta, pressentiam-se abismos de paixão, e entrevia-se que procelas de volúpia havia de ter o amor da virgem bacante.

Se o sinistro vislumbre se apagasse de súbito, deixando a formosa estátua na penumbra suave da candura e inocência, o anjo casto e puro que havia naquela, como há em todas as moças, talvez passasse despercebido pelo turbilhão.

As revoltas mais impetuosas de Aurélia eram justamente contra a riqueza que lhe servia de trono e sem a qual nunca, por certo, apesar de suas prendas, receberia como rainha desdenhosa a vassalagem que lhe rendiam.

Por isso mesmo considerava ela o ouro um vil metal que rebaixava os homens; e no íntimo sentia-se profundamente humilhada pensando que, para toda essa gente que a cercava, ela, a sua pessoa, não merecia uma só das bajulações que tributavam a cada um de seus mil contos de réis.

Nunca da pena de algum Chatterton desconhecido saíram mais cruciantes apóstrofes contra o dinheiro, do que vibrava muitas vezes o lábio perfumado dessa feiticeira menina, no seio de sua opulência.

Um traço basta para desenhá-la sob esta face.

Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos o mesmo estalão.

Assim costumava ela indicar o merecimento relativo de cada um dos pretendentes, dando-lhes certo valor monetário. Em linguagem financeira, Aurélia cotava os seus adoradores pelo preço que razoavelmente poderiam obter no mercado matrimonial.

(José de Alencar, *Senhora*, cap. I)

Texto 2

Aurélia passava agora as noites solitária.

Raras vezes aparecia Fernando, que arranjava uma desculpa qualquer para justificar sua ausência. A menina, que não pensava em interrogá-lo, também não contestava esses fúteis inventos. Ao contrário, buscava afastar da conversa o tema desagradável.

Conhecia a moça que Seixas retirava-lhe seu amor; mas a altivez de coração não lhe consentia queixar-se. Além de que, ela tinha sobre o amor ideias singulares, talvez inspiradas pela posição especial em que se achara ao fazer-se moça.

(José de Alencar, *Senhora*, cap. VI)

Texto 3

Um embaraço imprevisto, causado por duas gôndolas¹, tinha feito parar o carro. A moça ouvia-me; voltou ligeiramente a cabeça para olhar-me e sorriu. Qual é a mulher bonita que não sorri a um elogio espontâneo e um grito ingênuo de admiração? Se não sorri nos lábios, sorri no coração.

Durante que se desimpedia o caminho, tínhamos parado para melhor admirá-la; e então ainda mais notei a serenidade de seu olhar que nos procurava com ingênua curiosidade, sem provocação e sem vaidade. O carro partiu; porém tão de repente e com tal ímpeto dos cavalos por algum tempo sofreados, que a moça assustou-se e deixou cair o leque. Apressei-me e tive o prazer de o restituir inteiro.

Na ocasião de entregar o leque apertei-lhe a ponta dos dedos presos na luva de pelica. Bem vê que tive razão assegurando-lhe que não sou tímido. A minha afoiteza a fez corar; agradeceu-me com um segundo sorriso e uma ligeira inclinação da cabeça; mas o sorriso desta vez foi tão melancólico, que me fez dizer ao meu companheiro:

— Esta moça não é feliz!

— Não sei; mas o homem a quem ela amar deve ser bem feliz!

Nunca lhe sucedeu, passeando em nossos campos, admirar alguma das brilhantes parasitas que pendem dos ramos das árvores, abrindo ao sol a rubra corola? E quando ao colher a linda flor, em vez da suave fragrância que esperava, sentiu o cheiro repulsivo de torpe inseto que nela dormiu, não a atirou com desprezo para longe de si?

É o que se passava em mim quando essas primeiras recordações roçaram a face da Lúcia que eu encontrara na Glória. Voltei-me no leito para fugir à sua imagem e dormi.

(José de Alencar, *Lucíola*, cap. II)

1 – Gôndola: carro puxado por burros.

Texto 4

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

(...)

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

(José de Alencar, *Iracema*, cap. II)

EXERCÍCIOS

1. (UNIFESP-SP) – Leia o texto:

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso, nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

(José de Alencar, *Iracema*)

a) Explique a construção da personagem em conformidade com os preceitos da literatura romântica.

RESOLUÇÃO:

Iracema é uma típica heroína romântica, idealizada tanto em seus traços físicos quanto psicológicos. Correspondem a preceitos românticos, portanto, sua beleza extraordinária e, ao mesmo tempo, simples e natural, assim como seu comportamento audaz, amoroso e compassivo, como se percebe já nos primeiros momentos de sua relação com o estrangeiro Martim.

b) Identifique e exemplifique o recurso linguístico-textual recorrente para a construção da personagem.

RESOLUÇÃO:

A associação entre a índia Iracema e a natureza que a circunda é um dos aspectos mais salientes da construção dessa personagem. Para tal associação, Alencar pratica a comparação e a metáfora, figuras irmãs, ambas baseadas em relação de semelhança entre o termo real (primeiro elemento da comparação ou da metáfora) e o termo ideal (aquele com que o termo real é comparado ou pelo qual é substituído). Assim, a descrição de Iracema, no trecho transcrito, inclui a metáfora “lábios de mel” e diversas comparações: “cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira”, sorriso mais doce que o favo da jati, hálito mais perfumado que a baunilha, rapidez maior que a da ema selvagem etc.

2. (FUVEST-SP) – Leia o trecho de Machado de Assis sobre *Iracema*, de José de Alencar, e responda ao que se pede.

“..... é o ciúme e o valor marcial; a austera sabedoria dos anos; Iracema o amor. No meio destes caracteres distintos e animados, a amizade é simbolizada em Entre os indígenas a amizade não era este sentimento, que à força de civilizar-se, tornou-se raro; nascia da simpatia das almas, avivava-se com o perigo, repousava na abnegação recíproca; e são os dois amigos da lenda, votados à mútua estima e ao mútuo sacrifício”.

(Machado de Assis, *Crítica*)

No trecho, os espaços pontilhados serão corretamente preenchidos, respectivamente, pelos nomes das seguintes personagens de *Iracema*:

- a) Caubi, Jacaúna, Araquém, Araquém, Martim.
- b) Martim, Irapuã, Poti, Caubi, Martim.
- c) Poti, Araquém, Japi, Martim, Japi
- d) Araquém, Caubi, Irapuã, Irapuã, Poti.
- e) Irapuã, Araquém, Poti, Poti, Martim.

RESOLUÇÃO:

As caracterizações do texto de Machado de Assis referem-se, evidentemente, às personagens enumeradas na alternativa e, sendo Irapuã o pretendente ciumento de Iracema, Araquém o velho e sábio pajé, e Poti o amigo fiel de Martim.

Resposta: E

Filho de um empregado público e órfão aos dezoito anos, Seixas foi obrigado a abandonar seus estudos na Faculdade de São Paulo pela impossibilidade em que se achou sua mãe de continuar-lhe a mesada.

Já estava no terceiro ano e, se a natureza que o ornara de excelentes qualidades lhe desse alguma energia e força de vontade, conseguiria ele, vencendo pequenas dificuldades, concluir o curso; tanto mais quanto um colega e amigo, o Torquato Ribeiro, lhe oferecia hospitalidade até que a viúva pudesse liquidar o espólio.

Mas Seixas era desses espíritos que preferem a trilha batida e só impelidos por alguma forte paixão rompem com a rotina. Ora, a carta de bacharel não tinha grande sedução para sua bela inteligência, mais propensa à literatura e ao jornalismo.

Cedeu, pois, à instância dos amigos de seu pai que obtiveram encartá-lo em uma secretaria como praticante. Assim começou ele essa vegetação social, em que tantos homens de talento consomem o melhor da existência numa tarefa inglória, ralados por contínuas decepções.

(José de Alencar, *Senhora*)

3. (FUVEST-SP) – Que fatores, segundo o narrador, teriam levado Seixas a abandonar seus estudos e entregar-se à “vegetação social”?

- a) A hospitalidade oferecida por um colega e as decepções com os amigos de seus pais.
- b) A injusta distribuição de renda e a escassez de bons postos de trabalho.
- c) O desperdício de talento em tarefas inglórias e a falta de apoio da família.
- d) As dificuldades financeiras e a falta de tenacidade para vencer obstáculos.
- e) O infortúnio causado pela morte do pai e a exigência social de um diploma.

RESOLUÇÃO:

Por ser “filho de um empregado público e órfão aos dezoito anos”, Seixas viu-se obrigado a abandonar seus estudos. A razão de entregar-se à “vegetação social” deveu-se à fraqueza de seu caráter, que o fazia preferir soluções já dadas a lutar contra os obstáculos que lhe eram apresentados.

Resposta: D

4. (UPF-RS) – Sobre a personagem Iracema, protagonista do romance homônimo de José de Alencar, apenas é **incorreto** afirmar que

- a) possui características físicas e morais genuinamente indígenas.
- b) representa a contribuição indígena na formação da nacionalidade brasileira.
- c) simboliza a terra americana, vista como mãe fecunda, daí seu nome ser um anagrama de *América*.
- d) segue um modelo de comportamento típico das heroínas românticas.
- e) é retratada em íntima conexão com a natureza.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

LEITURA

Texto 1

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo — O canto dos meirinhos¹ —; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual se passavam os terríveis combates das citações, provarás², razões principais e finais e todos esses trejeitos judiciais que se chamava o processo.

Dáí sua influência moral.

(Manuel Antônio de Almeida,
Memórias de um Sargento de Milícias, cap. I)

1 – *Meirinho*: antigo funcionário judicial, correspondente ao oficial de justiça de hoje.

2 – *Provará*: cada um dos artigos de um requerimento judicial.

Texto 2

Apesar de tudo quanto havia já sofrido por amores, o Leonardo de modo algum queria emendar-se; enquanto se lembrou da cadeia, dos granadeiros e do Vidigal, esqueceu-se da cigana, ou antes só pensava nela para jurar esquecê-la; quando, porém, as caçoadas dos companheiros foram cessando, começou a renovar-se a paixão, e teve lugar uma grande luta entre a sua ternura e a sua dignidade, em que esta última quase triunfava, quando uma descoberta maldita veio transtornar tudo. Não sabemos por que meio o Leonardo descobriu um dia que o rival feliz que o pusera fora de combate era o reverendo mestre-de-cerimônias¹ da Sé! Subiu-lhe com isto o sangue à cabeça:

— Pois um padre?!... dizia ele; é preciso que eu salve aquela criatura do inferno, onde ela se está metendo já em vida...

E começou de novo em tentativas, em promessas, em partidos para com a cigana, que a coisa alguma queria dobrar-se. Um dia que a pilhou de jeito à janela, abordou-a e começou ex-abrupto² a falar-lhe deste modo:

— Você está já em vida no inferno!... pois logo um padre?!...

A cigana interrompeu-o:

— Havia muitos meirinhos para escolher, mas nenhum me agradou...

— Mas você está cometendo um pecado mortal... está deitando sua alma a perder..

— Homem, sabe que mais? Você para pregador não serve, não tem jeito... eu, como estou, estou muito bem; não me dei bem com os meirinhos; eu nasci para coisa melhor...

— Pois então tem alguma coisa que dizer de mim?... Hei de me ver vingado... e bem vingado.

— Ora! respondeu a cigana, rindo-se.

E começou a cantarolar o estribilho de uma modinha.

(Manuel Antônio de Almeida,
Memórias de um Sargento de Milícias, cap. XV)

1 – *Mestre-de-cerimônias*: padre que dirige o cerimonial litúrgico.

2 – *Ex-abrupto*: de súbito; sem preparação; intempestivamente.

EXERCÍCIOS

Texto para a questão 1.

Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enojos; foram os dois morar juntos; e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

1. (PUC-SP – modificado) – O trecho acima integra o romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Considerando o romance como um todo, indique a alternativa que contém informações que **não** são pertinentes a essa obra.

- É classificado como romance folhetinesco e foi publicado em capítulos no jornal carioca *Correio Mercantil* entre 1852 e 1853.
- Segundo alguns críticos, pode ser considerado precursor do movimento realista, por causa da forma como caracteriza o cotidiano dos personagens, moradores dos bairros populares do Rio de Janeiro.
- É considerado como o romance da malandragem, narrado em terceira pessoa e inteiramente aclimatado no tempo em que D. João VI governou o Brasil.
- É considerado um romance picaresco, por causa das ações de seu herói principal, e identificado com o ideário romântico vigente na literatura da época.
- Associa-se ao Romantismo brasileiro, ainda que apresente um certo descompasso com os padrões e o tom da estética romântica.

RESOLUÇÃO:

Memórias de um Sargento de Milícias é um romance romântico excêntrico, porque se afasta da idealização e do sentimentalismo típicos dessa escola. Aproxima-se, segundo Mário de Andrade, da novela picaresca; Antonio Candido cria para a obra a designação *romance malandro* ou *de malandragem*. Leonardo é o “anti-herói” — um rejeitado que ascende socialmente. Além disso, o autor antecipa uma atitude do escritor realista, pois aborda a vida popular sem idealizações nem maniqueísmo.
Resposta: D

2. (CÁSPER LÍBERO-SP) – Sobre as *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, é correto afirmar que

- O realismo do autor não é do tipo documental, que resvalaria no folclórico ou no pitoresco. Antes, é um tipo de realismo por meio do qual ele intui certos princípios constitutivos da sociedade brasileira da época.
- A obra é narrada em 3.^a pessoa por um narrador-personagem que varia com desenvoltura o ponto de vista, trazendo-o de Leonardo Pai a Leonardo Filho, deste ao Compadre ou à Comadre, depois à Cigana e assim por diante, de maneira a estabelecer uma visão dinâmica da matéria narrada.

c) O vocabulário do romance é acentuadamente licencioso e de tal modo caricatural que o elemento irregular se desfaz em humor chulo, como no episódio do padre surpreendido em trajes menores no quarto da Cigana.

d) Os quadros, as figuras, os diálogos e o enredo do romance são tratados com os recursos típicos do Romantismo, denunciando um contraste flagrante com a realidade cotidiana vivida pela sociedade do Brasil colonial.

e) Trata-se de uma crônica do Rio de Janeiro, da segunda metade do século XIX. Uma crônica das ruas, dos costumes populares, das superstições e credices, dos tipos e das festas de outrora, dos simpáticos vadios dos velhos tempos e dos mexericos do Brasil pré-republicano.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

3. (UFPR-PR – adaptado) – Leia o texto a seguir, extraído do romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, e assinale a alternativa correta.

Os leitores devem estar lembrados de que o nosso antigo conhecido, de quem por algum tempo nos temos esquecido, o Leonardo-Pataca, apertara-se em laços amorosos com a filha da comadre e que com ela vivia em santa e honesta paz. Pois este viver santo e honesto deu em tempo oportuno o seu resultado. Chiquinha (era este o nome da filha da comadre) achou-se de esperanças e pronta a dar à luz. Já veem os leitores que a raça dos Leonardos não se há de extinguir com facilidade. Leonardo-Pataca não perdia por modo algum aqueles hábitos de ternura com que sempre o conhecemos e, nas atuais circunstâncias, quando ele via às portas da vida um fruto do seu derradeiro amor, crescia-lhe n'alma aquela violenta chama do costume; o pobre homem ardia todo por dentro e por fora e desfazia-se em carinhos para com sua companheira.

(ALMEIDA, Manuel Antônio de.

Memórias de um Sargento de Milícias. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1971, p. 81. Tomo I, cap. XVIII.)

- Leonardo-Pataca, personagem central da obra, composta a partir de suas memórias desde a infância até a vida madura, transmitirá ao filho nascido de sua relação com Chiquinha a patente de sargento das milícias do Rei.
- A caracterização da personagem Leonardo-Pataca enfatiza sua seriedade e virtudes morais extremadas, apresentando-a como tipo idealizado, em procedimento próprio da literatura ultrarromântica.
- A observação que abre o parágrafo transcrito se associa às circunstâncias da divulgação primeira do romance, que, antes de ser reunido em volume, foi publicado, capítulo a capítulo, na imprensa carioca da época.
- Entre outros aspectos, pode-se afirmar que o tom de “conversa com o leitor” adotado pelo narrador nesta obra reflete a influência dos escritos de Machado de Assis sobre a produção de Manuel Antônio de Almeida.
- A valorização do período colonial reflete as tendências conservadoras desta obra, que enaltece a grandeza dos tempos em que o Brasil foi sede do Reino Português, nas primeiras décadas do século XIX.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

Texto para o teste 4.

A COMADRE

Cumpra-nos agora dizer alguma coisa a respeito de uma personagem que representará no correr desta história um importante papel, e que o leitor apenas conhece, porque nela tocamos de passagem no primeiro capítulo: é a comadre (...).

Era a comadre uma mulher baixa, excessivamente gorda, bonachona, ingênua ou tola até um certo ponto, e finória até outro; vivia do ofício de parteira, que adotara por curiosidade, e benzia de quebranto; todos a conheciam por muito beata e pela mais desabrida papa-missa da cidade.

(Manuel Antônio de Almeida,
Memórias de um Sargento de Milícias)

4. (MACKENZIE-SP – modificado) – Assinale a alternativa **incorreta**.

- a) No primeiro parágrafo, a metalinguagem introduz a descrição.
- b) No texto, “apenas conhece” pode ser acertadamente substituída por “mal conhece”.
- c) Os adjetivos “bonachona” e “ingênua” são coerentes com “beata” e “papa-missa”, neste contexto.
- d) A formação profissional como parteira constitui o traço de seriedade da comadre.
- e) A expressão “benzia de quebranto” quer dizer “benzia contra mau-olhado”.

RESOLUÇÃO:

Na alternativa *d*, a consideração de que a comadre tem “formação profissional” contraria a afirmação do texto, segundo a qual ela adotara a profissão “por curiosidade”.

Resposta: D

MÓDULO 23

INTRODUÇÃO AO REALISMO-NATURALISMO

LEITURA

Texto 1

Noventa e cinco casinhas comportou a imensa estalagem.

Prontas, João Romão mandou levantar na frente, nas vinte braças que separavam a venda do sobrado do Miranda, um grosso muro de dez palmos de altura, coroado de cacos de vidro e fundos de garrafa, e com um grande portão no centro, onde se dependurou uma lanterna de vidraças vermelhas, por cima de uma tabuleta amarela, em que se lia o seguinte, escrito a tinta encarnada e sem ortografia:

“Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e tinas para lavadeiras”.

As casinhas eram alugadas por mês e as tinas por dia; tudo pago adiantado. O preço de cada tina, metendo a água, quinhentos réis; sabão à parte. As moradoras do cortiço tinham preferência e não pagavam nada para lavar.

Graças à abundância de água que lá havia, como em nenhuma outra parte, e graças ao muito espaço de que se dispunha no cortiço para estender a roupa, a concorrência às tinas não se fez esperar; acudiram lavadeiras de todos os pontos da cidade, entre elas algumas vindas de bem longe. E, mal vagava uma das casinhas, ou um quarto, um canto onde coubesse um colchão, surgia uma nuvem de preten-dentes a disputá-los.

E aquilo se foi constituindo numa grande lavanderia, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejan-tes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas tinas transbordantes e o revérbero¹ das claras barracas de algodão cru, armadas sobre os lustrosos bancos de lavar. E os gotejantes jiraus², cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco.

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.

(Aluísio Azevedo, *O Cortiço*, cap. I)

1 – Revérbero: reflexo.

2 – Jirau: varal.

Texto 2

(...) Ora, nesse tempo Jacinto concebera uma ideia... Este Príncipe concebera a ideia de que “o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado”. E por homem civilizado o meu camarada entendia aquele que, robustecendo¹ a sua força pensante com todas as noções adquiridas desde Aristóteles e multiplicando a potência corporal dos seus órgãos com todos os mecanismos inventados desde Terâmenes, criador da roda, se torna um magnífico Adão, quase onipotente, quase onisciente, e apto portanto a recolher dentro de uma sociedade e nos limites do progresso (tal como ele se comportava em 1875) todos os gozos e todos os proveitos que resultam de saber e de poder... Pelo menos assim Jacinto formulava copiosamente² a sua ideia, quando conversamos de fins e destinos humanos, sorvendo bocks³ poeirentos, sob o toldo das cervejarias filosóficas, no Boulevard Saint-Michel.

Este conceito de Jacinto impressionara os nossos camaradas de cenáculo⁴, que, tendo surgido para a vida intelectual, de 1866 a 1875, entre a batalha de Sadowa e a batalha de Sedan, e ouvindo constantemente, desde então, aos técnicos e aos filósofos, que fora a espingarda de agulha que vencera em Sadowa e fora o mestre-escola quem vencera em Sedan, estavam largamente preparados a acreditar que a felicidade dos indivíduos, como a das nações, se realiza pelo ilimitado desenvolvimento da Mecânica e da erudição. Um desses moços mesmo, o nosso inventivo Jorge Carlande, reduzira a teoria de Jacinto, para lhe facilitar a circulação e lhe condensar o brilho, a uma forma algébrica:

suma ciência

X = suma felicidade.

suma potência

E durante dias, do Odeon à Sorbona, foi louvada pela mocidade positiva a equação metafísica de Jacinto.

Para Jacinto, porém, o seu conceito não era meramente metafísico e lançado pelo gozo elegante de exercer a razão especulativa; mas constituía uma regra, toda de realidade e de utilidade, determinando a conduta, modalizando a vida. E já a esse tempo, em concórdância com o seu preceito, ele se surtira⁵ da Pequena Enciclopédia dos Conhecimentos Universais em setenta e cinco volumes e instalara, sobre os telhados do 202, num mirante envidraçado, um telescópio. Justamente com esse telescópio me tornou ele palpável a sua ideia, numa noite de agosto, de mole e dormente calor. Nos céus remotos lampejavam relâmpagos lânguidos. Pela Avenida dos Campos Elísios, os fiacres⁶ rolavam para as frescuras do Bosque, lentos, abertos, cansados, transbordando de vestidos claros.

(Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*, cap. I)

1 – Robustecer: fortalecer.

2 – Copiosamente: abundantemente.

3 – Bock: cerveja preta.

4 – Cenáculo: grupo de amigos.

5 – Surtir-se: servir-se.

6 – Fiacre: carruagem.

EXERCÍCIOS

1. (UFV-MG – modificado) – “O Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos — para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que houver de mau na nossa sociedade.”

(Eça de Queirós)

O texto de Eça de Queirós reúne alguns princípios básicos do Realismo. Entre as alternativas abaixo, assinale a que **não** está em conformidade com a definição do romancista português.

- O Realismo foi marcado por um forte espírito crítico e assumiu uma atitude mais combativa diante dos problemas sociais contemporâneos a ele.
- O autor realista procurou retratar com fidelidade a psicologia da personagem, demonstrando um interesse maior pelas fraquezas humanas e pelos dramas existenciais.
- As preocupações psicológicas da prosa de ficção realista levaram o romancista a uma conscientização do próprio “eu” e à manifestação de sua mais profunda interioridade.
- Em oposição à idealização romântica, o escritor realista procurou descobrir a verdade de suas personagens, dissecando-lhes o comportamento.
- O sentido de observação e análise vigente no Realismo exigiu do escritor uma postura racional e crítica diante das contradições do homem enquanto ser social.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

2. Considere o que se afirma a seguir e responda ao que se pede.

- O Realismo é um conceito genérico, que designa, sobretudo, uma reação antirromântica e o compromisso com a objetividade.
- O Naturalismo é uma tendência cientificista e determinista do Realismo, na qual o homem é encarado como animal, regido pelos instintos, pelos aspectos biofisiológicos de sua constituição, e condicionado pelo meio em que vive. São frequentes os registros de aspectos “baixos” do corpo e do comportamento.

Assinale com **R**, nos trechos abaixo, aqueles que podem ser considerados simplesmente realistas e com **N** os que apresentam um enfoque naturalista.

- ...Causava terror aquela sua implacável mandíbula, assanhada e devoradora; aquele enorme queixo, ávido, ossudo e sem um dente, que parecia engolir tudo, tudo (...) De repente, um pedaço de carne, grande demais para ser ingerido de uma vez, engasgou-o seriamente. Libório começou a tossir, aflito, com os olhos sumidos, a cara tingida de uma vermelhidão apoplética. (...) O glutão arremessou sobre a toalha da mesa o bocado de carne já meio triturado... (**N**)
- ...E enquanto uma chora, outra ri; é a lei do mundo, meu rico senhor; é a perfeição universal. Tudo chorando seria monótono, tudo rindo, cansativo; mas uma boa distribuição de lágrimas e polcas, soluços e sarabandas, acaba por trazer à alma do mundo a variedade necessária, e faz-se o equilíbrio da vida... (**R**)
- O quarto respirava todo um ar triste de desmazelo e boemia. Fazia má impressão estar ali: o vômito de Amâncio secava-se no chão, azedando o ambiente; a louça, que servira ao último jantar, ainda coberta de gordura coalhada, aparecia dentro de uma lata abominável, cheia de contusões e roída de ferrugem. (**N**)
- Este honesto tabelião era um dos homens mais perspicazes do século. Está morto: podemos elogiá-lo à vontade. Tinha um olhar de lanceta, cortante e agudo. Ele adivinhava o caráter das pessoas que o buscavam para escrever os seus acordos e resoluções; conhecia a alma de um testador muito antes de acabar o testamento. (**R**)

Texto para a questão 3.

(...) Tremiam-lhe as carnes como ao contato de um condutor elétrico, (...) a distender-lhe os nervos, escabujando na rede em espreguiçamentos lúbricos, vergando, como um vencido, ao poder irresistível da animalidade humana.

(Adolfo Caminha, *A Normalista*)

3. Por que se pode associar o trecho acima ao Naturalismo?

RESOLUÇÃO:

Porque nele são evidentes o gosto pela descrição considerada objetiva e a tendência a aproximar o comportamento humano do comportamento animal. Notar também a ênfase em aspectos fisiológicos e o determinismo (“vergando, como um vencido, ao poder irresistível da animalidade humana”).

4. (UEL-PR – modificado) – Indique o trecho em que há visíveis marcas do estilo naturalista.

a) *O vulto da mulher, quase invisível à frouxa luz do luar, pareceu-lhe uma fantasmagoria, e seu coração bateu mais forte, ao compasso das ondas, da música do mar que chegava pelo vento...*

b) (...) *tem tão bom céu e goza de tão bons ares toda a terra do Brasil, que nenhuma das causas que costumam fazer dano por outras regiões o fazem nela, nem cobram forças para o poderem fazer.*

c) *Quanta graça devemos à Fé que nos destes, porque ela só nos cativa o entendimento, para que, à vista destas desigualdades, reconheçamos contudo vossa justiça e providência!*

d) (...) *ela era a cobra verde e traíçoera, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos (...)*

e) *Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse seu estudo do idioma tupiniquim, deram não se sabe por que em chamá-lo Ubirajara.*

RESOLUÇÃO:

O trecho transcrito na alternativa *d*, extraído de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, descreve o fascínio e desejo que Rita Baiana desperta no português Jerônimo. Notar que a descrição é tipicamente naturalista, já que aproxima o comportamento humano do comportamento animal, aspecto dessa escola já estudado na questão anterior.

Resposta: D

MÓDULO 24

O REALISMO EM PORTUGAL – ANTERO DE QUINTAL

LEITURA

Texto 1

IDEAL

*Aquela, que eu adoro, não é feita
De lírios nem de rosas purpurinas,
Não tem as formas lânguidas, divinas
Da antiga Vênus¹ de cintura estreita...*

*Não é a Circe², cuja mão suspeita
Compõe filtros mortais entre ruínas,
Nem a Amazona³, que se agarra às crinas
Do corcel⁴ e combate satisfeita...*

*A mim mesmo pergunto e não atino
Com o nome que dê a essa visão,
Que ora amostra, ora esconde o meu destino...*

*É como uma miragem que entrevejo,
Ideal, que nasceu da solidão...
Nuvem, sonho impalpável do Desejo...*

1 – Vênus: deusa do amor. 2 – Circe: feiticeira lendária. 3 – Amazona: mulher guerreira que montava a cavalo. 4 – Corcel: cavalo.

Texto 2

TESE E ANTÍTESE

I

*Já não sei o que vale a nova ideia,
Quando a vejo nas ruas desgrenhada,
Torva no aspecto, à luz da barricada,
Como bacante¹ após lúbrica² ceia!*

*Sanguinolento o olhar se lhe incendeia...
Aspira fumo e fogo embriagada...
A deusa de alma vasta e sossegada
Ei-la presa das fúrias de Medeia³!*

*Um século irritado e truculento
Chama à epilepsia pensamento,
Verbo ao estampido de pelouro e obus⁴...*

*Mas a ideia é um mundo inalterável,
Num cristalino céu, que vive estável...
Tu, pensamento, não és fogo, és luz!*

1 – Bacante: integrante do cortejo de Baco.

2 – Lúbrico: sensual.

3 – Medeia: figura mitológica; abandonada pelo marido, Jasão, vingando-se assassinando os filhos de maneira horrenda.

4 – Pelouro e obus: munição e peça de artilharia, respectivamente.

Texto 3

TORMENTO DO IDEAL

*Conheci a Beleza que não morre
E fiquei triste. Como quem da serra
Mais alta que haja, olhando aos pés a terra
E o mar, vê tudo, a maior nau ou torre,*

*Minguar, fundir-se, sob a luz que jorre;
Assim eu vi o mundo e o que ele encerra
Perder a cor, bem como a nuvem que erra
Ao pôr-do-sol e sobre o mar discorre.*

*Pedindo à forma, em vão, a ideia pura,
Tropeço, em sombras, na matéria dura,
E encontro a imperfeição de quanto existe.*

*Recebi o batismo dos poetas
E assentado entre as formas incompletas,
Para sempre fiquei pálido e triste.*

Texto 4

O PALÁCIO DA VENTURA

*Sonho que sou um cavaleiro andante.
Por desertos, por sóis, por noite escura,
Paladino do amor, busco anelante
O Palácio encantado da Ventura!*

*Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rota¹ a armadura...
E eis que súbito o avisto, fulgurante
Na sua pompa e aérea formosura!*

*Com grandes golpes bato à porta e brado:
Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...
Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais!*

*Abrem-se as portas d'ouro, com fragor²...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão — e nada mais!*

1 – Roto: estragado.

2 – Frigor: estrondo, barulho.

Texto 5

A GERMANO MEIRELES

*Só males são reais, só dor existe;
Prazeres só os gera a fantasia;
Em nada, um imaginar, o bem consiste,
Anda o mal em cada hora e instante e dia.*

*Se buscamos o que é, o que devia
Por natureza ser não nos assiste;
Se fiamos num bem, que a mente cria,
Que outro remédio há aí senão ser triste?*

*Oh! quem tanto pudera¹ que passasse
A vida em sonhos só e nada vira²...
Mas, no que se não vê, labor³ perdido!*

*Quem fora⁴ tão ditoso⁵ que olvidasse⁶...
Mas nem seu mal com ele então dormira⁷,
Que sempre o mal pior é ter nascido!*

1 – Pudera: pudesse.

2 – Vira: visse.

3 – Labor: trabalho, esforço.

4 – Fora: fosse.

5 – Ditoso: feliz.

6 – Olvidar: esquecer.

7 – Dormira: dormiria.

EXERCÍCIOS

Releia o poema “A Germano Meireles”, texto 5 da seção Leitura, e responda às questões 1, 2 e 3.

1. O crítico português Antônio Sérgio apontou uma alternância, nos sonetos de Antero de Quental, entre duas tendências: a *luminosa* — positiva, otimista, confiante em relação à vida e ao progresso social — e a *noturna* — negativa, pessimista em relação à vida e às possibilidades de avanço social. A que tipo de tendência — *luminosa* ou *noturna* — você atribuiria este soneto de Antero? Justifique.

RESOLUÇÃO:

Trata-se de um soneto “noturno”, o que se prova pela simples constatação do pessimismo absoluto, que culmina na convicção de que estar vivo é o pior dos males.

2. Dê o sentido da expressão “o que devia / Por natureza ser não nos assiste”, da segunda estrofe.

RESOLUÇÃO:

Aquilo que seria lógico (natural) que existisse (para que a vida fosse mais satisfatória) não existe na realidade. (“Não nos assiste” significa “não está presente para nós” ou “não nos socorre”.)

3. Observe o verso: “Quem fora tão ditoso que olvidasse...” — Por que nem mesmo essa solução de esquecer tudo vem a ser de fato a solução?

RESOLUÇÃO:

Porque, de acordo com o eu lírico, mesmo quem esquecesse tudo não estaria livre do “mal pior”, que é, segundo ele, “ter nascido”.

EÇA DE QUEIRÓS I

LEITURA

Texto 1

Foi no domingo de Páscoa que se soube em Leiria que o pároco da Sé, José Miguéis, tinha morrido de madrugada com uma apoplexia¹. O pároco era um homem sanguíneo e nutrido, que passava entre o clero diocesano pelo comilão dos comilões. Contavam-se histórias singulares da sua voracidade. O Carlos da botica — que o detestava — costumava dizer, sempre que o via sair depois da sesta, com a face afogueada de sangue, muito enfartado:

— Lá vai a jiboia esmoer². Um dia estoura!

Com efeito estourou, depois de uma ceia de peixe — à hora em que defronte, na casa do Dr. Godinho, que fazia anos, se polcava³ com alarido. Ninguém o lamentou, e foi pouca gente ao seu enterro. Em geral não era estimado. Era um aldeão; tinha os modos e os pulsos de um cavador, a voz rouca, cabelos nos ouvidos, palavras muito rudes.

Nunca fora querido das devotas; arrotava no confessional e, tendo vivido sempre em freguesias da aldeia ou da serra, não compreendia certas sensibilidades requintadas da devoção: perdera por isso, logo ao princípio, quase todas as confessadas, que tinham passado para o polido Padre Gusmão, tão cheio de lábia!

E quando as beatas, que lhe eram fiéis, lhe iam falar de escrúpulos de visões, José Miguéis escandalizava-as, rosnando:

— Ora histórias, santinha! Peça juízo a Deus! Mais miolo na bola!

As exagerações dos jejuns sobretudo irritavam-no:

— Coma-lhe e beba-lhe — costumava gritar —, coma-lhe e beba-lhe, criatura!

Era miguelista — e os partidos liberais, as suas opiniões, os seus jornais enchiam-no duma cólera irracional:

— Cacete! cacete! — exclamava, meneando o seu enorme guarda-sol vermelho.

(Eça de Queirós, *O Crime do Padre Amaro*, cap. I)

1 – Apoplexia: derrame cerebral.

2 – Esmoer: fazer a digestão.

3 – Polcar: dançar a polca.

Texto 2

Que noite para Luísa! A cada momento acordava num sobresalto, abria os olhos na penumbra do quarto, e caía-lhe logo na alma, como uma punhalada, aquele cuidado pungente: Que havia de fazer? Como havia de arranjar dinheiro? Seiscentos mil-réis! As suas joias valiam talvez duzentos mil-réis. Mas depois, que diria Jorge? Tinha as pratas... Mas era o mesmo!

A noite estava quente, e na sua inquietação a roupa escorregara; apenas lhe restava o lençol sobre o corpo. Às vezes a fadiga readormecia-a de um sono superficial, cortado de sonhos muito vivos. Via montões de libras reluzirem vagamente, maços de notas agitarem-se brandamente no ar. Erguia-se, saltava para as agarrar, mas as libras começavam a rolar, a rolar como infinitas rodinhas sobre um chão liso, e as notas desapareciam, voando muito leves com

um frêmito¹ de asas irônicas. Ou então era alguém que entrava na sala, curvava-se respeitosamente e começava a tirar do chapéu, a deixar-lhe cair no regaço libras, moedas de cinco mil-réis, peças, muitas, muitas, profusamente; não conhecia o homem; tinha um chinó² vermelho e uma pera³ impudente⁴. Seria o diabo? Que lhe importava? Estava rica, estava salva! Punha-se a chamar, a gritar por Juliana, a correr atrás dela, por um corredor que não findava e que começava a estreitar-se, a estreitar-se, até que era como uma fenda por onde ela se arrastava de esguelha⁵, respirando mal e apertando sempre contra si o montão de libras que lhe punha frialdades de metal sobre a pele nua do peito. Acordava assustada; e o contraste da sua miséria real com aquelas riquezas do sonho era como um acréscimo de amargura. Quem lhe poderia valer? — Sebastião! Sebastião era rico, era bom. Mas mandá-lo chamar e dizer-lhe ela, ela Luísa, mulher de Jorge: — Empreste-me seiscentos mil-réis. — Para quê, minha senhora? E podia lá responder: para resgatar umas cartas que escrevi ao meu amante. Era lá possível! Não, estava perdida. Restava-lhe ir para um convento.

(Eça de Queirós, *O Primo Basílio*, cap. VIII)

1 – Frêmito: agitação.

2 – Chinó: peruca.

3 – Pera: barba no queixo, cavanhaque.

4 – Impudente: desavergonhado, atrevido, sensual.

5 – De esguelha: de lado.

EXERCÍCIOS

1. (FUVEST-SP) – A Marquesa de Alegros ficara viúva aos quarenta e três anos e passava a maior parte do ano retirada na sua quinta de Carcavelos. (...) As suas duas filhas, educadas no receio do Céu e nas preocupações da Moda, eram beatas e faziam o chique, falando com igual fervor da humildade cristã e do último figurino de Bruxelas. Um jornalista de então dissera delas: — Pensam todos os dias na toalette com que hão de entrar no Paraíso.

(Eça de Queirós, *O Crime do Padre Amaro*)

Paralelismo sintático e oposição semântica são recursos usados na caracterização das filhas da Marquesa de Alegros.

a) Transcreva do texto os segmentos em que isso ocorre.

RESOLUÇÃO:

Paralelismo sintático: “educadas no receio do Céu e nas preocupações da Moda...; falando com igual fervor da humildade cristã e do último figurino de Bruxelas”.

Oposição semântica: “eram beatas / faziam o chique”; “receio do Céu” / “preocupações da Moda”; “humildade cristã” / “último figurino de Bruxelas”.

b) Identifique os efeitos de sentido que decorrem do emprego de tais recursos.

RESOLUÇÃO:

Os efeitos de sentido obtidos com tais construções consistem em satirizar o sentimento e o comportamento cristão das filhas da marquesa, fazendo que sua religiosidade soe afetada e falsa, quando comparada ou contraposta à sua frívola mundanidade.

Texto para as questões 2 e 3.

Que noite para Luísa! A cada momento acordava num sobressalto, abria os olhos na penumbra do quarto, e caía-lhe logo na alma, como uma punhalada, aquele cuidado pungente: Que havia de fazer? Como havia de arranjar dinheiro? Seiscentos mil-réis! As suas joias valiam talvez duzentos mil-réis. Mas depois, que diria Jorge? Tinha as pratas... Mas era o mesmo!

(...) Quem lhe poderia valer? — Sebastião! Sebastião era rico, era bom. Mas mandá-lo chamar e dizer-lhe ela, ela Luísa, mulher de Jorge: — Emprésteme seiscentos mil-réis. — Para quê, minha senhora? E podia lá responder: para resgatar umas cartas que escrevi ao meu amante. Era lá possível! Não, estava perdida. Restava-lhe ir para um convento.

(Eça de Queirós, *O Primo Basílio*, cap. VIII)

2. No trecho transcrito, descreve-se uma situação conflituosa por que passa Luísa. De que situação se trata? O que a motivou?

RESOLUÇÃO:

Trata-se da chantagem que faz a empregada Juliana à patroa, Luísa, em virtude de a primeira ter em seu poder cartas que revelam o adultério entre Luísa e Basílio. Juliana exige dinheiro em troca da devolução das cartas.

3. O que significam, no texto, as palavras *cuidado* (1.º parágrafo) e *valer* (2.º parágrafo)?

RESOLUÇÃO:

Cuidado: preocupação; *valer*: ajudar.

MÓDULO 26

EÇA DE QUEIRÓS II

LEITURA

Texto 1

Neste trecho de *A Cidade e as Serras*, Jacinto e Zé Fernandes observam a cidade de Paris do alto de uma colina. Essa visão panorâmica encoraja Zé Fernandes a falar sobre os males da civilização urbana:

— *Sim, é talvez tudo uma ilusão... E a cidade a maior ilusão!*

(...) Certamente, meu Príncipe, uma ilusão! E a mais amarga, porque o homem pensa ter na cidade a base de toda a sua grandeza e só nela tem a fonte de toda a sua miséria (...). Na cidade findou a sua liberdade moral; cada manhã ela lhe impõe uma necessidade, e cada necessidade o arremessa para uma dependência; pobre e subalterno, a sua vida é um constante solicitar, adular, vergar, rastejar, aturar; e rico e superior como um Jacinto, a sociedade logo o enreda em tradições, preceitos, etiquetas, cerimônias, praxes, ritos, serviços mais disciplinares que os dum cárcere ou dum quartel... (...) Os sentimentos mais genuinamente humanos logo na cidade se desumanizam! (...) Mas o que a cidade mais deteriora no homem é a inteligência, porque ou lha arregimenta dentro da banalidade ou lha empurra para a extravagância. Nesta densa e pairante camada de ideias e fórmulas que constitui a atmosfera mental das cidades, o homem que a respira, nela envolto, só pensa todos os pensamentos já pensados, só exprime todas as expressões já exprimidas (...) Todos, intelectualmente, são carneiros, trilhando o mesmo trilho, balando¹ o mesmo balido, com o focinho pendido para a poeira onde pisam, em fila, as pegadas pisadas; e alguns são macacos, saltando no topo de mastros vistosos, com esgares² e cabriolas³. Assim, meu Jacinto, na cidade, nesta criação tão antinatural onde o solo é de pau e feltro e alcatrão, e o carvão tapa o céu, e a gente vive acamada nos prédios como o paninho nas lojas, e a claridade vem pelos canos, e as mentiras se murmuram através de arames, o homem aparece como uma criatura anti-humana (...) E aqui tem o belo Jacinto o que é a bela cidade!

E ante estas encanecidas⁴ e veneráveis invectivas⁵, (...) o meu Príncipe vergou⁶ a nuca dócil, como se elas brotassem, inesperadas e frescas, duma revelação superior, naqueles cimos de Montmartre:

— *Sim, com efeito, a cidade... É talvez uma ilusão perversa!*

(Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*, cap. VI)

1 – *Balar*: o mesmo que *balir*: berrar como ovelha, saltar balidos.

2 – *Esgar*: trejeito, careta.

3 – *Cabriola*: cambalhota.

4 – *Encanecido*: de *encanecer* (= embranquecer os cabelos); experiente; antigo.

5 – *Invectiva*: ataque, crítica feroz.

6 – *Vergar*: curvar, dobrar.

1. (PUC-SP – adaptado) – O romance *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós, publicado em 1901, é desenvolvimento de um conto chamado “Civilização”. Do romance como um todo, pode afirmar-se que
- seu narrador se recorda de uma viagem que fizera havia algum tempo ao Oriente Médio, à Terra Santa, de onde deveria trazer uma relíquia para uma tia velha, beata e rica.
 - consiste numa narrativa em que se analisam os mecanismos do casamento e o comportamento da pequena burguesia da cidade de Lisboa.
 - uma de suas personagens detesta inicialmente a vida do campo, aderindo ao desenvolvimento tecnológico da cidade, mas, no final, regressa à vida campesina e a transforma, com a aplicação de seus conhecimentos técnicos e científicos.
 - seu enredo envolve a vida devota provinciana e o celibato clerical e caracteriza a situação de decadência e alienação de Leiria, tomando-a como espelho da marginalização de todo o país com relação ao contexto europeu.
 - se desenvolve em duas linhas de ação: uma marcada por amores incestuosos, outra voltada para a análise da vida da alta burguesia lisboeta.

RESOLUÇÃO:

Em *A Cidade e as Serras*, o narrador conta a vida de seu amigo Jacinto, defensor da vida urbana hipercivilizada, repleta de tecnologia e artificialismos. Inicialmente, Jacinto acredita que “o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado”; porém, ao partir para o campo, Tormes — na época, cidade fictícia em Portugal —, ele recupera suas origens, torna-se mais compreensivo com o que antes rejeitava e integra-se à vida rural, trabalhando no campo e levando para a vida campesina o que a sociedade urbana e a tecnologia ofereciam de melhor.

Resposta: C

2. (FUVEST-SP – adaptada) – Em *A Cidade e as Serras*, Eça de Queirós critica o abandono da terra natal por parte das elites portuguesas seduzidas pela cultura francesa, pelo ócio endinheirado e por uma ideia de civilização como “armazenamento” de comodidades, e não como fruto do trabalho. Qual é a relação, segundo preconiza o romance, que essas elites deveriam estabelecer com as classes subalternas?

RESOLUÇÃO:

Ao fixar moradia no campo, Jacinto se dá conta das condições precárias da vida dos trabalhadores e, apresentando-se como socialista — o que para ele significava “ser pelos pobres” —, manda construir novas moradias e melhora a renda dos empregados. Com isso, pode-se concluir que Eça de Queirós propõe uma relação de proximidade e solidariedade entre as classes sociais, defendendo o progresso social e não apenas o progresso técnico.

Texto para os testes 3 e 4.

As duas manas Lousadas! Secas, escuras e gárrulas como cigarras, desde longos anos, em Oliveira, eram elas as esquadrihadoras de todas as vidas, as espalhadoras de todas as maledicências, as tecedeiras de todas as intrigas. E na desditosa cidade, não existia nódoa, pecha, bule rachado, coração dorido, algibeira arrasada, janela entreaberta, poeira a um canto, vulto a uma esquina, bolo encomendado nas Matildes, que os seus quatro olhinhos furantes de azeviche sujo não descortinassem e que a sua solta língua, entre os dentes ralos, não comentasse com malícia estridente!

(Eça de Queirós, *A Ilustre Casa de Ramires*)

3. (FUVEST-SP) – No texto, o emprego de artigos definidos e a omissão de artigos indefinidos têm como efeito, respectivamente,
- atribuir às personagens traços negativos de caráter; apontar Oliveira como cidade onde tudo acontece.
 - acentuar a exclusividade do comportamento típico das personagens; marcar a generalidade das situações que são objeto de seus comentários.
 - definir a conduta das duas irmãs como criticável; colocá-las como responsáveis pela maioria dos acontecimentos na cidade.
 - particularizar a maneira de ser das manas Lousadas; situá-las numa cidade onde são famosas pela maledicência.
 - associar as ações das duas irmãs; enfatizar seu livre acesso a qualquer ambiente na cidade.

RESOLUÇÃO:

Os artigos definidos substantivam os adjetivos *esquadrihadoras*, *espalhadoras* e *tecedeiras*, acentuando o comportamento típico das Lousadas, irmãs extremamente mexeriqueiras. Os substantivos *nódoa*, *pecha*, *bule*, *coração*, *algibeira*, *janela*, *poeira*, *vulto* e *bolo* não são definidos por artigo, generalizando-se, assim, as situações que são objeto dos comentários das duas irmãs, a quem nenhum detalhe da vida alheia passava despercebido.

Resposta: B

4. (FUVEST-SP) – Há, no texto, analogia entre o sentido da expressão “gárrulas como cigarras” e o sentido de
- “tecedeiras de todas as intrigas”. b) “olhinhos furantes”.
 - “azeviche sujo”. d) “sua solta língua”.
 - “entre os dentes ralos”.

RESOLUÇÃO:

Os sentidos de “gárrulas como cigarras” e “sua solta língua” são análogos, pois ambas as expressões sugerem a ideia de que as irmãs são extremamente tagarelas.

Resposta: D

MÓDULO 27

POESIA DA ÉPOCA DO REALISMO: CESÁRIO VERDE

LEITURA

Texto 1

EU E ELA

*Cobertos de folhagem, na verdura,
O teu braço ao redor do meu pescoço,
O teu fato sem ter um só destroço,
O meu braço apertando-te a cintura;*

*Num mimoso jardim, ó pomba mansa,
Sobre um banco de mármore assentados.
Na sombra dos arbustos, que abraçados,
Beijarão meigamente a tua trança.*

*Nós havemos de estar ambos unidos,
Sem gozos sensuais, sem más ideias,
Esquecendo para sempre as nossas ceias,
E a loucura dos vinhos atrevidos.*

*Nós teremos então sobre os joelhos
Um livro que nos diga muitas coisas
Dos mistérios que estão para além das lousas¹,
Onde havemos de entrar antes de velhos.*

*Outras vezes buscando distração,
Leremos bons romances galhofeiros,
Gozaremos assim dias inteiros,
Formando unicamente um coração.*

*Beatos ou pagãos, vida à paxá²,
Nós leremos, aceita este meu voto,
O Flos Sanctorum³ místico e devoto
E o laxo⁴ Cavaleiro de Faublas⁵...*

1 – Lousa: túmulo.

2 – Vida à paxá: vida preguiçosa e feliz.

3 – Flos Sanctorum (latim): A Vida dos Santos, título de uma antologia moral composta por Alonso de Villegas no século XVI.

4 – Laxo: débil, fraco, franzino.

5 – Cavaleiro de Faublas: personagem do romance *Os Amores do Cavaleiro de Faublas* (1787-90), de Louvet de Couvray.

EXERCÍCIOS

Textos para as questões de 1 a 4.

Texto 1

*Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.*

(...)

*E, enorme, nesta massa irregular
De prédios sepulcrais, com dimensões de montes,
A Dor humana busca os amplos horizontes,
E tem marés, de fel, como um sinistro mar!*
(Cesário Verde, “O Sentimento dum Ocidental”)

*Como amanhece! Que meigas
As horas antes do almoço!
Fartam-se as vacas nas veigas¹
E um pasto orvalhado e moço
Produz as novas manteigas.*
(Cesário Verde, “Provincianas”)

1 – Veiga: várzea, planície cultivada e fértil.

Texto 2

*Ao entardecer, debruçado pela janela,
(...)
Leio até me arderem os olhos
O Livro de Cesário Verde.*

*Que pena que tenho dele! Ele era um camponês
Que andava preso em liberdade pela cidade.*
(Fernando Pessoa (1888-1935),
Poemas Completos de Alberto Caetano)

1. (UNICAMP-SP – adaptada) – Como Cesário Verde apresenta a cidade em “O Sentimento dum Ocidental”?

RESOLUÇÃO:

Cesário Verde, em “O Sentimento dum Ocidental”, apresenta a cidade de modo fragmentário, por meio de *flashes* justapostos. Cada elemento, como “Tejo”, “maresia”, “prédios sepulcrais”, representa, de certa maneira, a ansiedade do poeta; são elementos objetivos que exprimem estados subjetivos. Pode-se ainda dizer que a cidade é apresentada como algo sombrio e opressivo.

2. (UNICAMP-SP – adaptada) – Como Caeiro interpreta a visão que Cesário Verde tem da cidade?

RESOLUÇÃO:

O antirracionalista Caeiro enxerga Cesário Verde como uma vítima da civilização moderna. A partir de seu ponto de vista, que é o mundo da natureza e do campo, considera Cesário infeliz pela opressão da cidade.

3. (UNICAMP-SP – adaptada) – O que, nos versos de Cesário Verde, justifica as considerações de Caeiro?

RESOLUÇÃO:

Há uma oposição entre o primeiro e o segundo texto de Cesário Verde: o primeiro, depressivo, focaliza a cidade; o segundo, alegre e positivo, tem como tema o campo. Daí a interpretação de Caeiro, baseada na constante contraposição, presente na obra de Cesário, entre a depressão da cidade e a alegria do campo.

4. (UNICAMP-SP – adaptada) – Segundo Caeiro, qual a origem da tristeza presente na obra de Cesário Verde?

RESOLUÇÃO:

Cesário Verde vê a cidade com melancolia, incômodo e soturnidade, como se estivesse deslocado no espaço. Segundo Caeiro, o poeta repara nas coisas da cidade como quem olha uma árvore, anda pelas ruas como se estivesse no campo, ou seja, ele canta a cidade como se estivesse cantando a natureza. Esse paradoxo está na origem da construção imagética dos poemas de Cesário Verde e também da tristeza neles presente, fato que Caeiro soube tão bem perceber e magnificamente exprimir.

MÓDULO 28

MACHADO DE ASSIS I

Texto para a questão 1.

Ao cabo, era um lindo garção, lindo e audaz, que entrava na vida de botas e esporas, chicote na mão e sangue nas veias, cavalgando um corcel nervoso, rijo, veloz, como o corcel das antigas baladas, que o Romantismo foi buscar ao castelo medieval, para dar com ele nas ruas do nosso século. O pior é que o estafaram a tal ponto, que foi preciso deitá-lo à margem, onde o realismo o veio achar, comido de lazeira e vermes, e, por compaixão, o transportou para os seus livros.
(Machado de Assis)

1. (FUVEST-SP) – Como se configura, no texto, a contraposição Romantismo versus Realismo?

RESOLUÇÃO:

Enquanto os românticos preferiam temas cavaleirescos e “elevados”, os realistas escolheram tratar da vida comum e degradada, utilizando também os restos do que o Romantismo consumiu. O fragmento pertence ao romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Para responder às questões de números 2 e 3, leia o trecho a seguir, de Machado de Assis. Trata-se da parte final do conto “Noite de Almirante”. Deolindo saíra a trabalho em viagem marítima, deixando em terra Genoveva. Ambos haviam feito jura de fidelidade. Ao voltar, Deolindo encontra sua amada já morando com outro. Após o momento inicial de ira e desespero, seus ânimos arrefecem.

Deolindo seguiu, praia fora, cabisbaixo e lento, não já o rapaz impetuoso da tarde, mas com um ar velho e triste, ou, para usar outra metáfora de marujo, como um homem “que vai do meio do caminho para terra”. Genoveva entrou logo depois, alegre e barulhenta. Contou à outra a anedota dos seus amores marítimos, gabou muito o gênio do Deolindo e os seus bonitos modos; a amiga declarou achá-lo grandemente simpático.

– Muito bom rapaz, insistiu Genoveva. Sabe o que ele me disse agora?

– Que foi?

– Que vai matar-se.

– Jesus!

— *Qual o quê! Não se mata não. Deolindo é assim mesmo; diz as coisas, mas não faz. Você verá que não se mata. Coitado, são ciúmes. Mas os brincos são muito engraçados.*

— *Eu aqui ainda não vi destes.*

— *Nem eu, concordou Genoveva, examinando-os à luz.*

Depois guardou-os e convidou a outra a coser. — Vamos coser um bocadinho, quero acabar o meu corpinho azul...

A verdade é que o marinheiro não se matou. No dia seguinte, alguns dos companheiros bateram-lhe no ombro, cumprimentando-o pela noite de almirante, e pediram-lhe notícias de Genoveva, se estava mais bonita, se chorara muito na ausência, etc. Ele respondia a tudo com um sorriso satisfeito e discreto, um sorriso de pessoa que viveu uma grande noite. Parece que teve vergonha da realidade e preferiu mentir.

2. (UNIFESP-SP) – A desilusão amorosa de Deolindo aparece, no final do texto, sob a forma de

- tristeza por ter de mentir sobre a realidade, que lhe aparece injusta e incontornável.
- vergonha por ter de mentir sobre a noite que teve, já que tentou matar-se por Genoveva.
- resignação por não conseguir transformar a situação, sublimando-a na sua resposta aos amigos.
- agressividade em relação à mulher amada e seu companheiro, por causa do adultério.
- indiferença em relação à amada, pelo fato de ela já estar com outro companheiro.

RESOLUÇÃO:

A resignada sublimação da frustração amorosa é explicitada no final do texto, parafraseado na alternativa c. É uma forma de racionalizar o sofrimento, mecanismo psicológico que visa a atenuar as situações conflitantes e angustiantes.

Resposta: C

3. (UNIFESP-SP) – O desfecho do conto retoma um dos grandes temas machadianos, a saber, a questão

- da solidão, retratando-a por meio de romances conflituosos e mal resolvidos.
- da desilusão amorosa, reafirmando a triste realidade daqueles que sofrem por amor.
- do adultério, confirmando que as relações amorosas são instáveis e, por isso, o amor passa por mudanças.
- da máscara social, revelando o jogo de mentira e verdade a que as pessoas estão sujeitas.
- do amor, mostrando que as pessoas, mesmo após muito tempo, ainda guardam os sentimentos puros.

RESOLUÇÃO:

A alternativa d identifica uma das constantes da ficção machadiana: o conflito entre ser e parecer, entre a essência e a aparência sob a qual a verdade se esconde.

Resposta: D

Texto para o teste 4.

São onze horas da manhã.

D. Augusta Vasconcelos está reclinada sobre um sofá, com um livro na mão. Adelaide, sua filha, passa os dedos pelo teclado do piano.

(...)

Comecei dizendo que Adelaide era filha de Augusta, e esta informação, necessária no romance, não o era menos na vida real em que se passou o episódio que vou contar, porque à primeira vista ninguém diria que havia ali mãe e filha; pareciam duas irmãs, tão jovem era a mulher de Vasconcelos.

Tinha Augusta trinta anos e Adelaide quinze; mas comparativamente a mãe parecia mais moça ainda que a filha. Conservava a mesma frescura dos quinze anos, e tinha de mais o que faltava a Adelaide, que era a consciência da beleza e da mocidade (...).

(Machado de Assis,

“O Segredo de Augusta”, in *Contos Fluminenses*)

4. (FIPA-SP – modificado) – Baseando-se na leitura do trecho de Machado de Assis, identifique uma importante característica desse escritor.

- O processo metalinguístico de dirigir-se ao leitor, dando-lhe consciência da estrutura e da elaboração da narrativa.
- A configuração do caráter feminino composto por dissimulações e ambiguidades, o que se opõe à fragilidade própria da personagem romântica.
- A visão pessimista que atribui à existência humana, considerando os indivíduos seres movidos por interesses e não por valores morais.
- O retrato, feito sob um olhar crítico e ferino, da sociedade carioca e de seus costumes burgueses, no século XIX.
- A erudição do autor revelada pelas referências a artistas e filósofos, as quais complementam suas reflexões acerca do ser humano.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

MÓDULO 29

MACHADO DE ASSIS II

1. (FUVEST-SP) – *O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui.*

É o que diz o narrador no capítulo II de *Dom Casmurro*. Afinal, por que não teria ele alcançado o seu intento?

- Pelas dificuldades inerentes à escritura do romance, na recuperação de outros tempos.
- Pelo receio de confessar suas fraquezas e a traição sofrida.
- Porque era impossível recuperar o sentido daquele período, pois ele já não era a mesma pessoa.
- Pela falta de bom senso e de clareza na apreensão das lembranças.
- Porque o tempo, impiedoso, apaga os acontecimentos e transforma as pessoas.

RESOLUÇÃO:

A questão do tempo e de sua projeção na memória é fundamental na construção de *Dom Casmurro*. Valendo-se da técnica impressionista de recompor o passado por meio de “manchas” de recordação, o memorialista Bento Santiago constata, também, a transformação do Bentinho enamorado no amargurado D. Casmurro. Assim, o narrador entende que nada era igual ao passado, nem ele mesmo; daí o reconhecimento do fracasso de sua “busca do tempo perdido”.

Resposta: C

Texto para o teste 2.

Jantei fora. De noite fui ao teatro. Representava-se justamente Otelo, que eu não vira nem lera nunca; sabia apenas o assunto e estimei a coincidência. (...) O último ato mostrou-me que não eu, mas Capitu devia morrer. Ouvi as súplicas de Desdêmona, as suas palavras amorosas e puras, e a fúria do mouro, e a morte que este lhe deu entre aplausos frenéticos do público.

2. (PUC-SP) – O trecho acima é do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. A personagem, na trama de *Otelo*, Desdêmona, leva o narrador do romance a estabelecer comparações com Capitu. Assim, indique, nas alternativas abaixo, a que contém afirmação que as aproxima e as identifica.

- a) Tanto Desdêmona quanto Capitu eram inocentes, mas acabaram tendo o mesmo destino trágico.
- b) Capitu era inocente, enquanto Desdêmona era culpada por ter traído Otelo e mereceu a morte que teve.
- c) Desdêmona era inocente e foi alvo de calúnia, enquanto Capitu era sabidamente culpada por delito reconhecido.
- d) Bentinho e Otelo tinham motivos claros e suficientes para vingarem-se do ultraje sofrido.
- e) Tanto Desdêmona quanto Capitu foram alvos de ciúme e tiveram seus destinos traçados pelos maridos.

RESOLUÇÃO:

As duas personagens são, de fato, alvo de intenso ciúme de seus pares e ambas são vítimas do destino por eles definidos: Desdêmona é morta por Otelo; Capitu, rechaçada por Bentinho, é enviada à Europa, mantendo-se assim as aparências. No entanto, enquanto sabemos, pelo próprio enredo, que Desdêmona é inocente, sobre Capitu, graças à focalização da narrativa em 1.ª pessoa, paira um mistério irresolúvel.

Resposta: E

Texto para o teste 3.

CAPÍTULO III

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala: um Mefistófeles e um Fausto. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, — primor de argentearia, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. O seu bom pajem, que ele queria pôr na sala, como um pedaço da província, nem o pôde deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi degradado a outros serviços.

(ASSIS, M. Quincas Borba. In: *Obra Completa*. V.1. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1993 – fragmento.)

3. (ENEM) – *Quincas Borba* situa-se entre as obras-primas do autor e da literatura brasileira. No fragmento apresentado, a peculiaridade do texto que garante a universalização de sua abordagem reside

- a) no conflito entre o passado pobre e o presente rico, que simboliza o triunfo da aparência sobre a essência.
- b) no sentimento de nostalgia do passado devido à substituição da mão de obra escrava pela dos imigrantes.
- c) na referência a Fausto e Mefistófeles, que representam o desejo de eternização de Rubião.
- d) na admiração dos metais por parte de Rubião, que metaforicamente representam a durabilidade dos bens produzidos pelo trabalho.
- e) na resistência de Rubião aos criados estrangeiros, que reproduz o sentimento de xenofobia.

RESOLUÇÃO:

Rubião tem de se afastar de sua origem pobre e mineira, assim como dos gestos que traz dela, para corresponder às exigências de representação que, segundo o amigo Palha, a nova situação social lhe impõe.

Resposta: A

4. (PUC-SP – modificado) – *...este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...*

O trecho transcrito integra o capítulo “O Senão do Livro”, do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Sobre esse capítulo e sobre o livro como um todo, é possível afirmar:

- a) Identifica-se no trecho a função metalinguística, já que o narrador-defunto reflete sobre o próprio ato de escrever e analisa criticamente seu estilo irregular e vagaroso.
- b) Esse capítulo foge ao estilo geral da obra de Machado de Assis, uma vez que interrompe o fio da narrativa com inserções reflexivas.
- c) Em outro trecho do mesmo capítulo, o narrador afirma que o livro “cheira a sepulcro” e “traz certa contração cadavérica”, porque foi escrito do além e trata apenas de fatos da eternidade.
- d) O capítulo do qual se extraiu o trecho acima é desnecessário, e o próprio narrador pensa em suprimi-lo, em virtude da possível quebra da estrutura linear da narrativa.
- e) Segundo o narrador, em outra passagem do mesmo capítulo, o leitor é o grande defeito do livro, razão pela qual o primeiro desconsidera o segundo, ao longo do romance.

RESOLUÇÃO:

Uma das características do defunto-autor Brás Cubas é discutir “o próprio ato de escrever”, procedimento que corresponde à função metalinguística da linguagem. No fragmento apresentado, o narrador descreve, por meio de uma comparação, uma característica central de seu estilo.

Resposta: A

MACHADO DE ASSIS III

Textos para as questões 1 e 2.

Texto 1

*Pedindo à forma, em vão, a ideia pura,
Tropeço, em sombras, na matéria dura,
E encontro a imperfeição de quanto existe.*

*Recebi o batismo dos poetas,
E assentado entre as formas incompletas,
Para sempre fiquei pálido e triste.*

(Antero de Quental, “Tormento do Ideal”, fragmento)

Texto 2

O princípio do canto rematava em um certo lá; este lá, que lhe caía bem no lugar, era a nota derradeiramente escrita. Mestre Romão ordenou que lhe levassem o cravo para a sala do fundo, que dava para o quintal: era-lhe preciso ar. Pela janela viu na janela dos fundos de outra casa dois casadinhos de oito dias, debruçados, com os braços por cima dos ombros e duas mãos presas. Mestre Romão sorriu com tristeza.

— Aqueles chegam — disse ele —, eu saio. Comporei ao menos este canto que eles poderão tocar...

Sentou-se ao cravo; reproduziu as notas e chegou ao lá...

— Lá, lá, lá...

Nada, não passava adiante. E, contudo, ele sabia música como gente.

— Lá, dó... lá, mi... lá, si, dó, ré... ré... ré...

Impossível! nenhuma inspiração. Não exigia uma peça profundamente original, mas enfim alguma coisa, que não fosse de outro e se ligasse ao pensamento começado. Voltava ao princípio, repetia as notas, buscava reaver um retalho da sensação extinta, lembrava-se da mulher, dos primeiros tempos. Para completar a ilusão, deitava os olhos pela janela para o lado dos casadinhos. Estes continuavam ali, com as mãos presas e os braços passados nos ombros um do outro; a diferença é que se miravam agora, em vez de olhar para baixo. Mestre Romão, ofegante da moléstia e de impaciência, tornava ao cravo; mas a vista do casal não lhe supria a inspiração, e as notas seguintes não soavam.

— Lá... lá... lá...

Desesperado, deixou o cravo, pegou do papel escrito e rasgou-o. Nesse momento, a moça embebida no olhar do marido, começou a cantarolar à toa, inconscientemente, uma coisa nunca antes cantada nem sabida, na qual coisa um certo lá trazia após si uma linda frase musical, justamente a que mestre Romão procurara durante anos sem achar nunca. O mestre ouviu-a com tristeza, abanou a cabeça e à noite expirou.

(Machado de Assis, “Cantiga de Esponsais”, fragmento)

1. (VUNESP-SP – adaptada) – Os textos apresentados abordam um tema fundamental frequente na obra de escritores e artistas de todos os tempos. De que tema se trata?

RESOLUÇÃO:

O tema é o da impossibilidade de expressão, da insuficiência da forma (a palavra ou a música) para comunicar o que pretende o artista.

2. (VUNESP-SP – adaptada) – A comparação entre os textos de Machado de Assis e de Antero de Quental revela que as atitudes de Mestre Romão e do eu poemático, embora identificadas pela tristeza, se distinguem quanto à crença na possibilidade de atingir o objetivo almejado. Aponte essa diferença de *atitude*, apresentando um exemplo de cada texto.

RESOLUÇÃO:

Antero de Quental convive com a imperfeição, mas consegue “produzir”. O poeta reconhece a impossibilidade de atingir a “ideia pura”. Mestre Romão não atingiu seu objetivo, embora tenha o tempo todo buscado a frase musical que ideara. Do primeiro texto, temos: “...assentado entre as formas incompletas”; do segundo: “...justamente a [nota musical] que mestre Romão procurara durante anos sem achar nunca”. Ironicamente, a recém-casada, feliz, consegue emitir a nota buscada infrutiferamente por Mestre Romão.

Texto para os testes 3 e 4.

Se eu disser que este homem vendeu uma sobrinha, não me hão de crer; se descer a definir o preço, dez contos de réis, voltar-me-ão as costas com desprezo e indignação. Entretanto, basta ver este olhar felino, estes dois beiços, mestres de cálculo, que, ainda fechados, parecem estar contando alguma coisa, para adivinhar logo que a feição capital do nosso homem é a voracidade do lucro. (...) Não tem cama fofa, nem mesa fina, nem carruagem, nem comenda. Não se ganha dinheiro para esbanjá-lo, dizia ele. Vive de migalhas; tudo o que amontoa é para a contemplação.

(Machado de Assis,

“Anedota Pecuniária”, in *Histórias sem Data*)

3. (UESBA-BA – adaptado) – O realismo, neste texto de Machado de Assis, pode ser observado

- na presença constante do leitor incluso.
- no humor revelado através da ironia.
- no detalhismo na descrição da personagem.
- nos interesses impuros transfigurados em ações nobres.
- na luta do homem em busca da própria sobrevivência.

RESOLUÇÃO:

Machado de Assis descreve traços da personalidade do avaro Falcão, personagem do conto “Anedota Pecuniária”. O narrador, como a esboçar uma caricatura da personagem, ressalta-lhe traços do caráter sovina, revelados até mesmo em sua fisionomia (“olhar felino”, “beiços mestres de cálculo”).

Resposta: C

4. (UESBA-BA) – A expressão “mestres de cálculo” corresponde a uma figura de linguagem que consiste
- numa oposição de ideias.
 - numa comparação implícita.
 - numa afirmação exagerada.
 - no emprego de termos desnecessários.
 - na combinação de sensações opostas.

RESOLUÇÃO:

Na passagem “estes dois beijos, mestres de cálculo”, a expressão “mestres de cálculo” exprime uma comparação entre os lábios (“beijos”) da personagem e os mestres de cálculos, aproximando-os pelo elemento que têm em comum: a habilidade em fazer contas. A comparação é implícita porque o narrador não empregou nenhum elemento normalmente usado para expressar comparação (*como, tal como, do mesmo modo que etc.*).

Resposta: B

Texto para o teste 5.

Chamava-se Raimundo este pequeno e era mole, aplicado, inteligência tarda. Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos; vencia com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

(Machado de Assis, “Conto de Escola”)

5. (FATEC-SP – modificado) – De acordo com o texto, podemos afirmar sobre a personagem Raimundo:

- Era um aluno relapso; fazia corpo mole na hora de estudar e chegava atrasado à escola.
- Era um aluno medíocre, com grandes chances de ser reprovado, mas o pai o favorecia.
- Usava o cérebro para vencer suas dificuldades no estudo, causadas pelo grande medo que tinha ao pai.
- Tinha dificuldade para aprender e precisava estudar muito mais do que seus colegas para obter o mesmo resultado.
- Unia o tempo à inteligência, mas nem assim obtinha sucesso nos estudos, pois o professor era muito exigente.

RESOLUÇÃO:

No texto está escrito que “Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos”; portanto ele tinha dificuldade para aprender e precisava estudar muito mais do que seus colegas, como se afirma na alternativa d.

Resposta: D

MÓDULO 31

ALUÍSIO AZEVEDO

Texto para o teste 1.

Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse pecuniário. (...) Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular, de reduzir tudo a moeda.

(Aluísio Azevedo, *O Cortiço*)

1. (MACKENZIE-SP) – No excerto acima, a percepção do narrador traz marcas do estilo naturalista, pelo fato de

- caracterizar o modo de ser da personagem como uma patologia.
- trazer ao leitor, com objetividade e parcimônia, o lado cômico do comportamento humano.

- criar analogia entre homem e animal, imagem resultante da projeção subjetiva do observador sobre o observado.
- criticar explicitamente a ambição desmesurada da alta burguesia.
- apresentar sintaxe e léxico inovadores e temática cientificista.

RESOLUÇÃO:

A classificação dos comportamentos humanos como patologias é um traço típico do Naturalismo, presente no trecho transcrito de *O Cortiço*, em que a compulsão do capitalista primitivo na busca obsessiva do dinheiro é chamada “febre”, “moléstia nervosa”, “loucura”.

Resposta: A

2. A personagem principal de *O Cortiço* é a habitação coletiva que dá título ao livro. Levando em conta essa afirmação, explique o que representam, no contexto da narrativa, o espaço do cortiço e o do sobrado.

RESOLUÇÃO:

O sobrado e o cortiço representam duas situações sociais distintas entre si: o sobrado é o símbolo da elite econômica; o cortiço é a habitação por excelência do proletariado urbano. Para João Romão, o cortiço será o meio que lhe propiciará ascensão econômica; o sobrado representa a ascensão social.

Texto para a questão 3.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: Jerônimo abraçara-se. A sua casa perdeu aquele ar sombrio e concentrado que a entristecia; já apareciam por lá alguns companheiros de estalagem, para dar dois dedos de palestra nas horas de descanso, e, aos domingos, reunia-se gente para o jantar. A revolução afinal foi completa: a aguardente de cana substituiu o vinho; a farinha de mandioca sucedeu à broa; a carne-seca e o feijão-preto ao bacalhau com batatas e cebolas cozidas; a pimenta-malagueta e a pimenta-do-reino invadiram vitoriosamente a sua mesa.

(Aluísio Azevedo, *O Cortiço*)

3. O trecho acima ilustra uma das “teses” do Naturalismo. De que tese se trata?

RESOLUÇÃO:

Trata-se da tese da influência do meio na determinação do comportamento humano.

4. Leia as afirmações abaixo, sobre Aluísio Azevedo e sua obra, e assinale a alternativa correta.

I. Em *O Cortiço*, a personagem João Romão é o estereótipo do capitalista selvagem, que deseja enriquecer a qualquer custo, explorando a massa animalizada que vive no cortiço e seres mais próximos, como Bertoleza, sua amante.

II. Em *O Mulato*, Aluísio Azevedo retrata o racismo no Rio de Janeiro, por meio do relato da história do mulato Raimundo, que, depois de ter estudado na Europa, retorna à sua cidade natal, tornando-se objeto de inveja da sociedade local.

III. Aluísio Azevedo voltou-se mais para o social do que para o individual. Criticou a burguesia provinciana de São Luís do Maranhão, o preconceito racial, o capitalismo selvagem, o clero, entre outros alvos.

IV. *O Mulato* é um romance de personagem; *O Cortiço* é um romance de espaço; *Casa de Pensão* é intermediário entre o romance de personagem e o romance de espaço.

- a) São corretas apenas I, II e III.
- b) São corretas apenas I, III e IV.
- c) São corretas apenas I, II e IV.
- d) São corretas apenas I e III.
- e) Todas são corretas.

RESOLUÇÃO:

O erro da afirmativa II está em declarar que, em *O Mulato*, o autor trata do racismo na cidade do Rio de Janeiro. Aluísio Azevedo critica o racismo em São Luís do Maranhão, o que o levou a enfrentar sérios problemas em sua terra natal, forçando sua ida para o Rio de Janeiro, onde publicou a maior parte de sua obra.

Resposta: B

MÓDULO 32

RAUL POMPEIA

LEITURA

Texto 1

(...) Não é o internato que faz a sociedade; o internato a reflete. A corrupção que ali viceja vai de fora. (...)

(...)

A educação não faz as almas; exercita-as.

(Raul Pompeia, *O Ateneu*, cap. XI)

Texto 2

Música estranha, na hora cálida. Devia ser Gottschalk¹. Aquele esforço agonizante dos sons, lentos, pungidos, angústia deliciosa de extremo gozo em que pode ficar a vida porque fora uma conclusão triunfal. Notas graves, uma, uma; pausas de silêncio e treva em que o instrumento sucumbe e logo um dia claro de renascença, que ilumina o mundo como o momento fantástico do relâmpago, que a escuridão novamente abate...

Há reminiscências sonoras que ficam perpétuas, como um eco do passado. Recorda-me, às vezes, o piano, ressurgendo-me aquela data.

Do fundo repouso caído de convalescente, serenidade extenuada em que nos deixa a febre, infantilizados no enfraquecimento como a recomençar a vida, inermes contra a sensação por um requinte mórbido da sensibilidade — eu aspirava a música como a embriaguez dulcíssima de um perfume funesto; a música envolvia-me num

contágio de vibração, como se houvesse nervos no ar. As notas distantes cresciam-me n'alma em ressonância enorme de cisterna; eu sofria, como das palpitações fortes do coração quando o sentimento exacerba-se — a sensualidade dissolvente dos sons.

Lasso, sobre os lençóis, em conforto ideal de túmulo, que a vontade morrera, eu deixava martirizar-me o encanto. A imaginação de asas crescidas fugia solta.

(...)

(Raul Pompeia, *O Ateneu*, cap. XII)

1 – *Gottschalk*: Louis Moreau Gottschalk (1829-1869), pianista e compositor nascido em Nova Orleans (EUA) e falecido no Rio de Janeiro.

EXERCÍCIOS

Texto para as questões 1 e 2.

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.”

Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. (...)

(...)

Eu tinha onze anos.

(Raul Pompeia, *O Ateneu*)

1. (FUVEST-SP – adaptada) – No texto, o narrador está dentro dos acontecimentos e no mesmo tempo da narração? Explique.

RESOLUÇÃO:

O narrador, sendo de 1.ª pessoa, toma parte dos acontecimentos narrados; porém ele se encontra em um tempo posterior. Por tratar-se de narração memorialística, o narrador encontra-se no presente e narra fatos passados, mais precisamente, no trecho transcrito, suas impressões a respeito de seu ingresso no ateneu. Há, portanto, um Sérgio que viveu a experiência do internato; há outro, já adulto, que recria e reinterpreta essa experiência, ocupando, em relação à criança, uma posição de onisciência. [Entre o Sérgio-criança (passado) e o Sérgio-adulto (presente), interpõe-se ainda a voz do autor, por meio de digressões de toda natureza, atirando o leitor para o futuro, para o “depois” do narrado.]

2. (FUVEST-SP – adaptada) – Qual o componente, segundo o texto, que torna mais rudes os primeiros ensinamentos?

RESOLUÇÃO:

O próprio lar — ou o amor materno — é, segundo o narrador, o que torna mais rude a impressão dos primeiros ensinamentos, pois a “estufa de carinho que é o regime do amor doméstico” não prepara a criança ou o jovem para o que ela/ele terá de enfrentar fora de casa, ou seja, as verdadeiras relações sociais.

Texto para as questões 3 e 4.

No capítulo VII de *O Ateneu*, ao descrever a exposição de quadros dos alunos do colégio, o narrador assim se refere aos sentimentos de Aristarco:

Não obstante, Aristarco sentia-se lisonjeado pela intenção. Parecia-lhe ter na face a cocega zinha sutil do crayon¹ passando, brincando na ruga mole da pálpebra, dos pés de galinha, contornando a concha da orelha, calcando a comissura dos lábios, entrevista na franja dos fios brancos, definindo a severa mandíbula barbeada, subindo pelas dobras oblíquas da pele ao nariz, varejando a pituitária², extorquindo um espirro agradável e desopilante³.

- 1 – Crayon: mesmo que *craiom*, lápis de grafite macio utilizado em desenho.
2 – Pituitária: mesmo que *hipófise*, glândula endócrina; no contexto, mucosa das narinas.
3 – Desopilante: aliviante.

3. (UNICAMP-SP) – Quais características da personalidade de Aristarco estão sugeridas no comentário do narrador?

RESOLUÇÃO:

A vaidade pessoal e o culto desmesurado de sua própria imagem são as características que se evidenciam na atitude do diretor, que se sente lisonjeado mesmo com as canhestras reproduções pictóricas de suas feições, como se o *crayon* o acariciasse, acariciasse seus traços grotescos.

4. (UNICAMP-SP) – Lendo a descrição, você considera que o narrador compartilha dos mesmos sentimentos de Aristarco? Justifique.

RESOLUÇÃO:

Não. A atitude do narrador é irônica e, por meio da deformação pelo exagero, compõe a figura do diretor com relevo caricatural, risível.

5. (MACKENZIE-SP – modificado) – Leia as afirmações a respeito do autor de *O Ateneu* e assinale a alternativa correta.

I. Tendo recebido, como Aluísio Azevedo, a influência de Zola e Eça de Queirós, Raul Pompeia, dado o desprezo que revelou pelos dramas interiores das personagens, é considerado mais preso ao ideário naturalista do que o autor de *O Cortiço*.

II. N’*O Ateneu*, Raul Pompeia lida com a memória, assim como Machado de Assis em *Dom Casmurro*; entretanto, os distinguem, na revisão dos relacionamentos vividos, a atitude passional do primeiro e a ambiguidade do segundo.

III. A caracterização do protagonista aproxima *O Ateneu* de *Memórias de um Sargento de Milícias*, pois nas duas obras o herói é o pícaro que vive de truques em busca de meios para a sobrevivência.

Está correto o que se afirma em

- a) I e II, apenas. b) II e III, apenas.
c) II, apenas. d) I e III, apenas.
e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

Dom Casmurro e *O Ateneu* são romances memorialistas. O “D. Casmurro”, ao tentar “atar as duas pontas” de sua vida, a juventude e a velhice, deixa entrever um aspecto de dubiedade ou ambiguidade em sua narrativa, aspecto este que ora “absolve” ora “condena” Capitu, em relação à dúvida sobre haver ela traído ou não Bentinho. O narrador de *O Ateneu*, Sérgio, restringe suas memórias à época do internato e é tão passional que deforma caricaturalmente personagens e ambiente. Seu estilo expressa tensão interior e foge à objetividade buscada pelo Naturalismo (item I); tampouco Sérgio pode ser descrito como um pícaro aventureiro, como Leonardo-Pataca (item III).

Resposta: C

MÓDULO 33

PARNASIANISMO

LEITURA

Texto 1

*Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.*

(...)

*Torce, aprimora, alteia¹, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta² a rima,
Como um rubim.*

*Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito.*

(...)

(Olavo Bilac, “Profissão de Fé”)

1 – *Altear*: elevar.

2 – *Engastar*: encravar, embutir.

Texto 2

*E, de súbito, paramos na estrada
Da vida, longos anos, presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive, da luz que seu olhar continha.*

(Olavo Bilac, “Nel Mezzo del Camin”)

Texto 3

CANTILENA

*Quando as estrelas surgem na tarde, surge a esperança...
Toda alma triste no seu desgosto sonha um Messias:
Quem sabe? o acaso, na sorte esquivada, traz a mudança
E enche de mundos as existências que eram vazias!*

*Quando as estrelas brilham mais vivas, brilha a esperança...
Os olhos fulgem; loucas, ensaiam as asas frias:
Tantos amores há pela terra, que a mão alcança!
E há tantos astros, com outras vidas, para outros dias!*

*Mas, de asas fracas, baixando os olhos, o sonho cansa;
No céu e na alma, cerram-se as brumas, gelam as luzes:
Quando as estrelas tremem de frio, treme a esperança...*

*Tempo, o delírio da mocidade não reproduzes!
Dorme o passado: quantas saudades e quantas cruces!
Quando as estrelas morrem na aurora, morre a esperança...
(Olavo Bilac)*

Texto 4

MAL SECRETO

*Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;*

*Se se pudesse o espírito que chora
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!*

*Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!*

*Quanta gente que ri talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!*

(Raimundo Correia)

EXERCÍCIOS

Textos para as questões de 1 a 3.

Texto 1

XXIII

- 1 *Frouxo o verso talvez, pálida a rima*
- 2 *Por estes meus delírios cambeteia.*
- 3 *Porém odeio o pó que deixa a lima*
- 4 *E o tedioso emendar que gela a veia!*
- 5 *Quanto a mim é o fogo quem anima*
- 6 *De uma estância o calor: quando formei-a,*
- 7 *Se a estátua não saiu como pretendo,*
- 8 *Quebro-a — mas nunca seu metal emendo.*

(Álvares de Azevedo, “Poema do Frade”)

Texto 2

A UM POETA

- 1 *Longe do estéril turbilhão da rua,*
- 2 *Beneditino, escreve! No aconchego*
- 3 *Do claustro, na paciência e no sossego,*
- 4 *Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!*
- 5 *Mas que na forma se disfarce o emprego*
- 6 *Do esforço; e a trama viva se construa*
- 7 *De tal modo, que a imagem fique nua,*
- 8 *Rica mas sóbria, como um templo grego.*

- 9 Não se mostre na fábrica o suplício
10 Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
11 Sem lembrar os andaimes do edifício:
- 12 Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
13 Arte pura, inimiga do artifício,
14 É a força e a graça na simplicidade.

(Olavo Bilac)

1. (UNIP-SP) – Assinale a alternativa que contenha informação falsa, ou que interprete incorretamente os textos transcritos.

- a) O texto 1, coerentemente com a atitude romântica, propõe a noção de que a poesia é fruto da “inspiração”, resultado de um impulso pessoal, subjetivo.
- b) O texto 2 é uma defesa do ideal clássico da “arte pela arte” que o Parnasianismo adotou como seu. Propõe a noção de que a poesia é fruto do trabalho intelectual paciente e rigoroso.
- c) O texto 1, posterior ao texto 2, pode ser considerado uma “resposta” de Álvares de Azevedo a Olavo Bilac, na qual o poeta romântico recusa enfaticamente o formalismo parnasiano.
- d) Os dois textos são exemplos de “metapoesia”, de poesia sobre poesia, configurando-se, portanto, além da função poética, a função metalinguística da linguagem.
- e) Há, no texto 1, uma contradição, possivelmente irônica, entre a liberdade formal que defende e a forma poética que adota: os versos decassílabos, a oitava-rima, que Camões utilizou em *Os Lusíadas*, a presença de rimas ricas e de inversões sintáticas.

RESOLUÇÃO:

A alternativa c envolve a noção elementar de que Álvares de Azevedo, anterior a Olavo Bilac, não poderia tomar por referência um poema escrito cerca de meio século depois da morte do poeta romântico.

Resposta: C

2. (UNIP-SP) – É possível afirmar-se corretamente que

- a) a palavra “lima” que aparece no verso 3 do texto 1 e no verso 4 do texto 2 é, em ambas as ocorrências, substantivo comum.
- b) “Beneditino” (v. 2, texto 2) sugere devoção religiosa e inclinação mística, fontes permanentes de inspiração dos poetas parnasianos, como Olavo Bilac.
- c) o texto 1 defende a contenção emocional, atitude característica dos poetas que, como Álvares de Azevedo, integraram a geração romântica que se denominou *byroniana*, *egótica* ou *do mal-do-século*.
- d) o verso 4 do texto 2 sintetiza a proposta parnasiana, apresentada por Olavo Bilac, de que a poesia, aparentada com as artes plásticas — ourivesaria, pintura, escultura e arquitetura —, resulta da “construção” e do trabalho formal.
- e) a noção de poesia no texto 1 será, mais tarde, encampada por João Cabral de Melo Neto; as propostas de Olavo Bilac, no texto 2, terão em Manuel Bandeira um defensor intransigente.

RESOLUÇÃO:

A alternativa d traduz exatamente as propostas parnasianas de contenção emocional, distanciamento da vida e exclusão do cotidiano, dentro do sentido geral da “arte pela arte”. Observe que “beneditino”, mencionado na alternativa b, não tem qualquer conotação religiosa e se restringe ao sentido de paciência e devoção à poesia, atitudes que a teoria parnasiana endossava.

Resposta: D

3. (PUC-SP) – No poema de Bilac, aponte termos que, metaforizados, se referem à construção do texto poético.

RESOLUÇÃO:

Templo grego (verso 8) sugere a retomada parnasiana dos ideais clássicos de sobriedade, beleza, equilíbrio; *andaimes* e *edifício* (verso 11) estabelecem relação entre a construção do texto poético e a de uma obra arquitetônica.

Texto para o teste 4.

*Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.*

*Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito.*

(Olavo Bilac, “Profissão de Fé”, *Poesias*)

4. (FUVEST-SP) – Entre as seguintes passagens, extraídas de poemas de outros autores, assinale aquela que pode ser considerada uma reiteração da proposta contida no fragmento de “Profissão de Fé”.

- a) “Este verso, apenas um arabesco / em torno do elemento essencial — inatingível.”
- b) “Assim eu quereria o meu último poema / Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais.”
- c) “Musa (...), dá-me o hemistíquio d’ouro, a imagem atrativa, / rima (...) / a estrofe limpa e viva.”
- d) Mundo mundo vasto mundo, / se eu me chamasse Raimundo / seria uma rima, não seria uma solução.”
- e) “Catar feijão se limita com escrever: / jogam-se os grãos na água do alguidar / e as palavras na da folha de papel.”

RESOLUÇÃO:

Os versos transcritos na alternativa c são da poetisa parnasiana Francisca Júlia. Os demais versos são dos seguintes poetas: alternativas a e d: Carlos Drummond de Andrade; alternativa b: Manuel Bandeira; alternativa e: João Cabral de Melo Neto.

Resposta: C

**SIMBOLISMO: CARACTERÍSTICAS,
AUTORES E OBRAS****LEITURA****Texto 1****CORRESPONDÊNCIAS**

*A natureza é um templo onde vivos pilares
Podem deixar ouvir confusas vozes: e estas
Fazem o homem passar através de florestas
De símbolos que o veem com olhos familiares.*

*Como os ecos além confundem seus rumores
Na mais profunda e mais tenebrosa unidade,
Tão vasta como a noite e como a claridade,
Harmonizam-se os sons, os perfumes e as cores.*

*Há perfumes frescos como carnes de criança,
Doces como os oboés, verdes como as campinas,
E outros, corrompidos, mas ricos e triunfantes,*

*Que possuem a efusão das coisas infinitas
Como o sândalo¹, o almíscar², o benjoim³ e o incenso,
Que cantam o êxtase do espírito e dos sentidos.*

(Charles Baudelaire, trad. de Jamil A. Haddad)

1 – Sândalo, 2 – Almíscar, 3 – Benjoim: substâncias aromáticas.

Texto 2**ARTE POÉTICA**

*Antes de tudo, a Música. Preza
Portanto o Ímpar. Só cabe usar
O que é mais vago e solúvel no ar,
Sem nada em si que pousa ou que pesa.*

*Pesar palavras será preciso,
Mas com algum desdém pela pinça:
Nada melhor do que a canção cinza
Onde o Indeciso se une ao Preciso.*

*Uns belos olhos atrás do véu,
O lusco-fusco no meio-dia,
A turba azul de estrelas que estria¹
O outono agônico² pelo céu!*

*Pois a Nuance é que leva a palma,
Nada de Cor, somente a nuance!
Nuance, só, que nos afiance³
O sonho ao sonho e a flauta na alma!*

*Foge do Chiste⁴, a Farpa mesquinha,
Frase de espírito, Riso alvar⁵,
Que o olho do Azul faz lacrimejar,
Alho plebeu de baixa cozinha!*

*A eloquência? Torce-lhe o pescoço!
E convém empregar de uma vez
A rima com certa sensatez
Ou vamos todos parar no fosso!*

*Quem nos dirá dos males da rima!
Que surdo absurdo ou que negro louco
Forjou em joia este toco oco
Que soa falso e vil sob a lima?*

*Música ainda, e eternamente!
Que teu verso seja o voo alto
Que se desprende da alma no salto
Para outros céus e para outra mente.*

*Que teu verso seja a aventura
Esparsa ao árdego⁶ ar da manhã
Que encham de aroma o timo⁷ e a hortelã...
E todo o resto é literatura.*

(Verlaine, trad. de Augusto de Campos)

- 1 – Estriar: riscar.
- 2 – Agônico: aflito.
- 3 – Afiançar: garantir.
- 4 – Chiste: gracejo.
- 5 – Alvar: grosseiro.
- 6 – Árdego: impetuoso.
- 7 – Timo: tomilho.

Texto 3

*Entre brumas¹, ao longe surge a aurora.
O hialino² orvalho aos poucos se evapora,
agoniza o arrebol³.
A catedral ebúrnea⁴ do meu sonho
aparece, na paz do céu risonho,
toda branca de sol.*

*E o sino canta em lúgubres⁵ resposos⁶:
“Pobre Alphonsus, pobre Alphonsus.”*

(Alphonsus de Guimaraens)

- 1 – Bruma: nevoeiro.
- 2 – Hialino: transparente como o vidro.
- 3 – Arrebol: vermelhidão ao nascer do Sol.
- 4 – Ebúrneo: de marfim; branco como marfim.
- 5 – Lúgubre: triste, fúnebre.
- 6 – Resposo: conjunto de versículos pronunciados ou cantados alternadamente.

Texto 4

ELEGIA

Ó Virgens que passais, ao sol-poente,
Pelas estradas ermas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente,
Que me transporte ao meu perdido Lar.

Cantai-me, nessa voz onipotente,
O Sol que tomba aureolando o Mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a Graça, a formosura, o luar!

Cantai! cantai as límpidas cantigas!
Das ruínas do meu Lar desenterrai
Todas aquelas ilusões antigas

Que eu vi morrer num sonho, como um ai...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai!

(Antônio Nobre)

Texto 5

INSCRIÇÃO

Eu vi a luz em um país perdido.
A minha alma é lânguida¹ e inerme².
Oh! Quem pudesse deslizar sem ruído!
No chão sumir-se, como faz um verme...

(Camilo Pessanha)

1 – Lânguido: abatido, sem forças.

2 – Inerme: indefeso.

Texto 6

CAMINHO

I

Tenho sonhos cruéis; n'alma doente
Sinto um vago receio prematuro.
Vou a medo na aresta do futuro,
Embebido em saudades do presente...

Saudades desta dor que em vão procuro
Do peito afugentar bem rudemente,
Devendo, ao desmaiar sobre o poente,
Cobrir-me o coração dum véu escuro!...

Porque a dor, esta falta d'harmonia,
Toda a luz desgrenhada¹ que alumia
As almas doidamente, o céu d'agora,

Sem ela o coração é quase nada:
Um sol onde expirasse a madrugada,
Porque é só madrugada quando chora.

II

Encontre-me um dia no caminho
Em procura de quê, nem eu o sei
– Bom dia, companheiro – te saudei,
Que a jornada é maior indo sozinho.

É longe, é muito longe, há muito espinho!
Paraste a repousar, eu descansei...
Na venda em que pousaste, onde pousei,
Bebemos cada um do mesmo vinho.

É no monte escabroso², solitário.
Corta os pés como a rocha dum calvário
E queima como a areia!... Foi no entanto

Que choramos a dor de cada um...
E o vinho em que choraste era comum:
Tivemos que beber do mesmo pranto.

(Camilo Pessanha)

1 – Desgrenhado: desordenado. 2 – Escabroso: escarpado.

EXERCÍCIOS

1. (UNIP-SP) – Assinale a alternativa que transcreva um fragmento de texto no qual sejam evidentes algumas características fundamentais do Simbolismo.

- a) *Lede, que é tempo, os clássicos honrados;
Herdai seus bens, herdais suas conquistas,
Que em reinos dos romanos e dos gregos
Com indefeso estudo conseguiram.*
- b) *Sinto-me, sem sentir, todo abrasado
No rigoroso fogo que me alenta;
O mal que me consome me sustenta,
O bem que me entretém me dá cuidado.*
- c) *Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém.
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe.
Mas eu, que nunca principio nem acabo,
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.*
- d) *Olha bem estes sítios queridos,
Vê-os bem neste olhar derradeiro...
Ai! o negro dos montes erguidos
Ai! o verde do triste pinheiro!*
- e) *Três da manhã. Desperto incerto... E essa quermesse?
E a flor que sonho? E o sonho? Ah! tudo isso esmorece!
No meu quarto uma luz, luz com lumes amenos,
Chora o vento lá fora, à flor dos flóreos fenos...*

RESOLUÇÃO:

A alternativa e apresenta um fragmento do poema “Um Sonho”, de Eugênio de Castro, autor que inaugura o Simbolismo português, com o livro *Oaristos*, de 1890. O teste, porém, não exige a identificação da autoria, mas apenas dos versos com características notórias do estilo simbolista: a exploração intensiva de recursos de sonoridade, por meio do emprego de aliterações e assonâncias; a atmosfera vaga, indefinível, e as sensações sinestésicas.

Resposta: E

2. (UNICAMP-SP) – Leia com atenção os dois poemas transcritos a seguir. Identifique aquilo que o segundo conserva do primeiro e as mudanças que introduz. Compare, a partir disso, os significados dos poemas.

INSCRIÇÃO

*Eu vi a luz em um país perdido.
A minha alma é lânguida e inerme. sem forças – indefesa
Oh! Quem pudesse deslizar sem ruído!
No chão sumir-se, como faz um verme...*
(Camilo Pessanha, 1922)

RETRATO DO AUTOR POR CAMILO PESSANHA (COLAGEM)

*A cinza arrefeceu sobre o brasido
das coisas não logradas ou perdidas:
olhos turvos de lágrimas contidas,
eu vi a luz em um país perdido.*
(Carlos de Oliveira, 1950)

RESOLUÇÃO:

Os dois poemas são quadras em versos decassílabos rimados. O verso que abre o poema de Camilo Pessanha — “Eu vi a luz em um país perdido” — é o mesmo que fecha o de Carlos de Oliveira. Em Pessanha, o “país perdido” não é indicado com precisão: só sabemos que é um lugar de “luz”. Da experiência referida nesse verso, o resultado parece ser o abatimento da alma (“lânguida e inerme”) e o desejo de evasão deste mundo sem luz (“No chão sumir-se, como faz um verme...”). Em Carlos de Oliveira (cujo poema parece ser todo composto de citações de Camilo Pessanha), o “país perdido” é indicado precisamente: é o passado, cuja luz parece dever-se às coisas não obtidas (“não logradas”) ou às coisas obtidas e perdidas. O poema de Pessanha parece referir-se a um “país” abstrato da alma, uma espécie de região platônica de onde a alma se acha exilada, condenada a este mundo sem “luz”. No poema de Carlos de Oliveira, o “país perdido” é a experiência de frustrações e privações, de um passado agora totalmente desaparecido, como a luz no braseiro que se apaga — um passado que provoca lágrimas.

Texto para o teste 3.

*Se andava no jardim,
Que cheiro de jasmim!
Tão branca do luar!*

.....
.....
.....

*Eis tenho-a junto a mim.
Vencida, é minha, enfim,
Após tanto a sonhar...*

*Por que entristeço assim? ...
Não era ela, mas sim
(O que eu quis abraçar)*

*A hora do jardim...
O aroma de jasmim...
A onda do luar...*

(Camilo Pessanha)

3. No poema transcrito, as linhas pontilhadas são do original e sugerem uma estrofe que não foi escrita, na qual se contaria uma parte da história que o leitor pode supor pelo contexto. Leia as seguintes afirmações sobre o poema e assinale a alternativa correta.

- I. Há uma presença feminina no poema, sugerida pelo gênero de algumas palavras: o adjetivo “branca”, o particípio “vencida”, o pronome possessivo “minha” e os pronomes pessoais “a” (duas vezes) e “ela”.
- II. O eu lírico conta a história de um sujeito que, num jardim perfumado e enluarado, vê uma mulher, passa a desejá-la e, quando finalmente a tem nos braços, se entristece, pois o que ele queria não era ela, mas tudo aquilo que fazia o encanto daquele momento no jardim.
- III. A tristeza do eu lírico decorre da percepção que ele tem de que há uma distância entre o sonho e a vida, ou entre o ideal e o real, ou entre a magia do momento em que nasceu o desejo e o atual momento sem magia em que o desejo é (aparentemente) satisfeito.

Está correto o que se afirma em

- a) I e II, apenas.
- b) I e III, apenas.
- c) II e III, apenas.
- d) I, apenas.
- e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

Texto para o teste 4.

*Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila,
— Perdida voz que de entre as mais se exila,
— Festões de som dissimulando a hora.*

4. (FUVEST-SP – adaptado) – Os versos acima são marcados pela presença da _____ e pela predominância de imagens auditivas, o que nos sugere a sua inclusão na estética simbolista.

Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna.

- a) comparação b) aliteração
c) anáfora d) antítese
e) hipérbole

RESOLUÇÃO:

A presença da aliteração da sibilante *s*, a exploração intensiva da camada sonora e das imagens auditivas são indícios da estética simbolista, fundada na musicalidade e no princípio verlainiano (relativo ao poeta Verlaine) “De la musique avant toute chose” (A música antes de todas as coisas). Estão ainda presentes no fragmento de “Ao Longe os Barcos de Flores”, de Camilo Pessanha, a vagueza sinestésica, o esbatimento (suavização) das linhas e a ruptura da articulação lógica, em favor da linguagem da alma, do encantamento e da magia, essência da poética do Simbolismo.

Resposta: B

MÓDULO 35

SIMBOLISMO NO BRASIL I

LEITURA

(fragmentos)

Texto 1

LONGE DE TUDO

*É livres, livres desta vã matéria,
Longe, nos claros astros peregrinos,
Que havemos de encontrar os dons divinos
E a grande paz, a grande paz sidérea¹.*

(Cruz e Sousa)

1 – Sidéreo: celeste.

Texto 2

ANTÍFONA

*Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...*

(Cruz e Sousa)

Texto 3

FLORES DA LUA

*Brancuras imortais da Lua Nova,
Frios de nostalgia e sonolência...
Sonhos brancos da Lua e viva essência
Dos fantasmas noctívagos¹ da Cova.*

(Cruz e Sousa)

1 – Noctívago: que vagueia de noite.

Texto 4

SIDERAÇÕES

*Para as Estrelas de cristais gelados
As ânsias e os desejos vão subindo,
Galgando azuis e siderais noivados
De nuvens brancas a amplidão vestindo...*

(Cruz e Sousa)

Texto 5

TÉDIO

*Vala comum de corpos que apodrecem,
Esverdeada gangrena
Cobrindo vastidões que fosforescem
Sobre a esfera terrena.*

(...)

*Mudas epilepsias, mudas, mudas,
Mudas epilepsias,
Masturbações mentais, fundas, agudas,
Negras nevrostenias¹.*

*Flores sangrentas do soturno vício
Que as almas queima e morde...
Música estranha de letal suplício,
Vago, mórbido acorde...*

(...)

(Cruz e Sousa)

1 – Nevrostenia: irritação dos nervos.

Texto 6

SORRISO INTERIOR

*O ser que é ser e que jamais vacila
Nas guerras imortais entra sem susto,
Leva consigo esse brasão augusto
Do grande amor, da grande fé tranquila.*

*Os abismos carnavais da triste argila
Ele os vence sem ânsias e sem custo...
Fica sereno, num sorriso justo,
Enquanto tudo em derredor oscila.*

(Cruz e Sousa)

Texto para as questões de 1 a 3.

ANTÍFONA

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos¹ das aras²...

Formas do Amor, consteladamente puras,
De Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas³ frescuras
E dolências⁴ de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,
Harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem⁵ do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,
Surdinas de órgãos flébeis⁶, soluçantes...
Dormências de volúpicos⁷ venenos
Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,
Inefáveis⁸, edênicos⁹, aéreos,
Fecundai o Mistério destes versos
Com a chama ideal de todos os mistérios.

(...)

(Cruz e Sousa)

- 1 – *Turíbulo*: vaso em que se queima o incenso nas igrejas.
2 – *Ara*: altar de igreja.
3 – *Márido*: umedecido.
4 – *Dolência*: mágoa, sofrimento.
5 – *Réquiem*: missa fúnebre.
6 – *Flébel*: lacrimoso, plangente.
7 – *Volúpico*: sensual, prazeroso.
8 – *Inefável*: indizível, inebriante.
9 – *Edênico*: relativo ao éden, paradisíaco.

1. A primeira estrofe do poema “Antífona” caracteriza-se pela vagueza e pelo que há de nebuloso e informe na descrição de objetos. Comente essa afirmação, baseando-se nos versos.

RESOLUÇÃO:

As imagens utilizadas pelo poeta são “vagas, fluidas” (luares, neves, neblinas, incensos etc.) porque construídas a partir de uma sucessão de sugestões baseadas nos sentidos, nas sensações. Dessa forma, percebe-se que não se nomeia nem se indica *objetivamente* qualquer ser, bem conforme prescreveu Mallarmé, para quem “nomear um objeto é suprimir três quartos do prazer do poema”.

2. Que recurso estilístico o poeta usa para criar a sugestão, na primeira estrofe?

RESOLUÇÃO:

Além de se deter em elementos por si mesmos tênues, como “neblinas” e “incensos”, o poeta emprega a sinestesia, fazendo entrecruzarem-se sensações, sentidos: “formas claras de luares (visão), de neves...” (visão, tato e sensação térmica); “incensos dos turíbulos” (visão e olfato).

3. O título do poema, “Antífona” (designação do versículo cantado antes e depois de um salmo), revela a associação entre poesia e liturgia, que irá se desenvolver ao longo do texto. Localize no poema outras palavras que pertencem ao vocabulário litúrgico.

RESOLUÇÃO:

“Incensos”, “turíbulos”, “aras”, “réquiem”, “salmos e cânticos”. Além dessas, há uma série de outras palavras que pertencem ao mesmo campo semântico (“Virgens”, “Santas”, “espíritos”, “edênicos”, “Mistério”). O poema aproxima-se, assim, de uma celebração religiosa, explorando a musicalidade das palavras, da mesma forma que um canto litúrgico. [O professor pode aproveitar o momento e discutir com os alunos a relação que a poesia simbolista mantém com o sentimento religioso, entendido em seu sentido primeiro, ou seja, de *religio*, *re-ligare*, união das partes no todo — definição que também está na origem de *símbolo*.]

4. (FUVEST-SP – modificado) – Leia o fragmento a seguir e responda ao que se pede.

*E fria, fluente, frouxa claridade
Flutua como as brumas de um letargo.*

Nesses versos de Cruz e Sousa, encontra-se um dos traços característicos do estilo simbolista:

- a) utilização do valor sugestivo da música e da cor.
- b) rima aproximativa; uso de aliterações.
- c) presença de onomatopéia.
- d) uso de paradoxos.
- e) emprego de expressões arcaicas.

RESOLUÇÃO:

A rima é aproximativa — ou, melhor dizendo, toante — porque incide apenas na vogal tônica das palavras finais dos versos: claridAde / letArgo. É saliente a aliteração em *f*, em *fria, fluente, frouxa e flutua*.

Resposta: B

MÓDULO 36

SIMBOLISMO NO BRASIL II

LEITURA

Texto 1

(...)

*Foi-lhe a vida um eterno mês de maio,
Cheio de rezas brancas a Maria,
Que ela vivera como num desmaio.*

*Tão branca assim! Fizera-se de cera...
Sorriu-lhe Deus, e ela, que lhe sorria,
Virgem voltou como do céu descera.*

(“*Pulchra ut Luna*” — expressão latina que pode ser traduzida por “bela como a lua”.)

Texto 2

HÃO DE CHORAR POR ELA OS CINAMOMOS

(...)

*A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.*

*Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul, ao vê-la,
Pensando em mim: — “Por que não vieram juntos?”*

(Alphonsus de Guimaraens)

Texto 3

A CATEDRAL

*Entre brumas¹, ao longe, surge a aurora.
O hialino² orvalho aos poucos se evapora,
agoniza o arrebol³.*

*A catedral ebúrnea⁴ do meu sonho
aparece, na paz do céu risonho,
toda branca de sol.*

*E o sino canta em lúgubres⁵ resposos⁶:
“Pobre Alphonsus, pobre Alphonsus!”*

*O astro glorioso⁷ segue a eterna estrada.
Uma áurea seta lhe cintila⁸ em cada
refulgente raio de luz.*

*A catedral ebúrnea do meu sonho,
onde os meus olhos tão cansados ponho,
recebe as bênçãos de Jesus.*

*E o sino clama em lúgubres resposos:
“Pobre Alphonsus, pobre Alphonsus!”*

(...)

*O céu é todo trevas: o vento uiva.
Do relâmpago a cabeleira ruiva
vem açoitar⁹ o rosto meu.*

*E a catedral ebúrnea do meu sonho
afunda-se no caos do céu medonho
como um astro que já morreu.*

*E o sino geme em lúgubres resposos:
“Pobre Alphonsus, pobre Alphonsus!”*

(Alphonsus de Guimaraens,
in *Pastoral dos Crentes do Amor e da Morte*)

1 – *Bruma*: nevoeiro. 2 – *Hialino*: transparente como o vidro. 3 – *Arrebol*: vermelhidão ao nascer do Sol. 4 – *Ebúrneo*: de marfim; branco como marfim. 5 – *Lúgubre*: triste, fúnebre. 6 – *Resposo*: conjunto de versículos pronunciados ou cantados alternadamente. 7 – *Astro glorioso*: o Sol. 8 – *Cintilar*: brilhar. 9 – *Açoitar*: chicotear.

EXERCÍCIOS

Texto para as questões de 1 a 4.

ISMÁLIA

*Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.*

*No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...*

*E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...*

*E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...*

*As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...*

(Alphonsus de Guimaraens)

1. Esse é um dos poemas mais populares de Alphonsus de Guimaraens. Sua popularidade se deve, em grande parte, a um tipo de verso muito comum na lírica popular da Língua Portuguesa, associado à tradição poética e musical da Idade Média. De que tipo de verso se trata?

RESOLUÇÃO:

O verso é o redondilho maior, verso de sete sílabas métricas.

2. De que tratam os versos?

RESOLUÇÃO:

Tratam da loucura, da morte, do mundo terreno e do mundo espiritual.

3. Há um sistema de oposições no texto que forma o esquema básico de seu sentido: céu / mar, subir / descer, alma / corpo. O que esse sistema de oposições exprime?

RESOLUÇÃO:

Exprime a “loucura”, a divisão do espírito (a “esquizofrenia”) de Ismália.

4. Ismália — que pode ser um símbolo da criatura já tocada pela “loucura” divina, ou seja, já convocada pelo chamado de Deus — encontra-se na torre. Assim, podemos concluir que ela ainda faz parte do mundo terreno ou já se encontra no mundo espiritual?

RESOLUÇÃO:

Ela está em vias de abandonar este mundo de baixo, terreno. O fato de estar na torre indica que sua “loucura” já a situa acima do plano habitual da vida terrena, mas ainda abaixo do céu.

5. Sobre a poesia de Alphonsus de Guimaraens, leia as afirmações a seguir e assinale a alternativa correta.

I. Foi um poeta monotemático; quase tudo o que escreveu gira em torno do amor e da morte, da morte da amada ou em torno da Virgem Maria.

II. Apesar de monotemático, superou Cruz e Sousa, que, apesar de apresentar temática variada, se fixou na cor branca, tornando-se, por isso, monótono.

III. Foi o maior poeta místico da Literatura Brasileira, não só pela recorrência à liturgia católica e pela exaltação da Virgem, mas também pela atmosfera de sonho e mistério, ternura e melancolia que perpassa seus poemas.

- a) Estão corretas apenas a I e a II.
- b) Estão corretas apenas a I e a III.
- c) Estão corretas apenas a II e a III.
- d) Está correta apenas a III.
- e) Todas estão corretas.

RESOLUÇÃO:

Não se pode fazer uma comparação simplista entre Alphonsus de Guimaraens e Cruz e Sousa, afirmando-se a superioridade de um em detrimento de outro, sobretudo se os critérios de avaliação utilizados forem a variedade temática ou a predileção de cor dos poetas.

Resposta: B

MÓDULO 11 – ANÁLISE DE TEXTO

Texto 1

A AVENTURA DO BEAGLE
 Charles Darwin tinha 22 anos quando embarcou no *Beagle*, um veleiro de 27 metros da Marinha inglesa. A viagem, cujo objetivo principal era mapear melhor o Hemisfério Sul, durou cinco anos. A missão de Darwin era fazer companhia, como cavalheiro que era, ao capitão Robert FitzRoy. Curiosamente, o naturalista oficial do *Beagle* era o cirurgião Robert McCormik

19 Falmouth – FIM DA VIAGEM (outubro de 1836)

18 Plymouth – INÍCIO DA VIAGEM (dezembro de 1831)

17 ILHAS CANARIAS (janeiro de 1832)

16 CABO VERDE (janeiro de 1832)

15 Pernambuco

14 BRASIL

13 Salvador (fevereiro de 1832)

12 Rio de Janeiro (abril de 1832)

11 Montevideo (julho de 1832)

10 Punta Alta (setembro de 1832)

9 ILHAS MALVINAS (março de 1833)

8 ESTREITO DE TERRA MAGALHÃES DO FOGO (junho de 1834)

7 Valparaiso (março de 1835)

6 Darwin encontrou conchas na Cordilheira dos Andes e desenvolveu a teoria de que as montanhas se elevaram lentamente a partir do nível do mar

5 Darwin se surpreendeu com a grande quantidade de corais nas ilhas. Após estudá-los, Darwin elaborou sua teoria sobre a formação dos recifes

4 ILHAS KEELING (abril de 1836)

3 ILHAS MAURÍCIO (abril/mayo de 1836)

2 Sydney (janeiro de 1836)

1 AUSTRÁLIA

Observando diferentes espécies de tartarugas e de tentilhões, Darwin percebeu a diferenciação de espécies. Foi o passo inicial da teoria da evolução

Esperantado com a estranha fauna local, Darwin se perguntou por que aqueles animais eram tão diferentes dos outros mamíferos do planeta

O naturalista ficou fascinado com a biodiversidade brasileira. No Rio, em apenas um dia, coletou 68 espécies de besouro. Mas, indignado com a escravidão, até onde sou capaz de julgar, possuem apenas uma pequena porção das qualidades que conferem dignidade à humanidade"

"Não estou surpreso de que as pessoas sejam tão indolentes em um país tão quente!"

Fontes: American Museum of Natural History e Charles Darwin's Beagle Diary, de R.D. Keynes

(Gabriela Carelli; Leoleli Camargo, "A Revolução sem Fim de Darwin", in *Veja*, p. 116-117, 9 maio 2007.)

Texto 2

A REVOLUÇÃO SEM FIM DE DARWIN

A história da viagem dele é quase tão conhecida e reverenciada quanto a de Cristóvão Colombo. O naturalista¹ inglês Charles Darwin iniciou em 1831 uma viagem pelo mundo a bordo do *Beagle*, um pequeno navio de exploração científica. Quando voltou à Inglaterra, cinco anos depois, ele trazia na bagagem um conjunto de ideias revolucionárias que mudariam para sempre a geografia da alma humana tanto quanto Colombo mudou a geografia terrestre. Darwin, como se sabe, é o autor da teoria da evolução e um herói da razão e um inimigo da superstição e da ignorância.

Tamanho foi a força das revelações de Darwin sobre a origem e a transformação do mundo animal, das plantas e, em especial, da humanidade, que quase ninguém consegue ter uma visão muito clara hoje em dia de como se pensavam essas coisas antes dele. Poucas revoluções tiveram esse poder. A prova de que a Terra é redonda é uma delas. Parece natural hoje em dia nos vermos habitando uma esfera que gira sobre o próprio eixo e em torno do Sol. Mas por milênios se acreditou em uma Terra plana como um campo de futebol sustentada pelos ombros fortes de um titã que se apoia sobre os cascos de tartarugas. A evolução lenta das espécies ao longo das eras formando linhagens que desembocam nos atuais seres vivos. Isso é Darwin. Antes dele? Acreditava-se na versão religiosa segundo a qual por volta do ano 4004 a.C., de uma só tacada, Deus criou o homem, a mulher e os demais seres vivos exatamente como eles são agora. Essa visão pré-darwinista, que só sobrevive dentro dos círculos religiosos, tem conseguido ultimamente uma projeção assustadora. À luz desse retrocesso, lembrar as conquistas de Darwin torna-se um imperativo.

(Gabriela Carelli; Leoleli Camargo, “A Revolução sem Fim de Darwin”, in *Veja*, p. 114, 9 maio 2007 – texto adaptado.)

1 – *Naturalista*: especialista em ciências naturais, especialmente Botânica e Zoologia.

1. (UFV-MG – modificado) – Dos fragmentos abaixo, assinale aquele que **não** apresenta uma crítica, explícita ou implícita, feita pelas autoras (texto 2) à visão pré-darwinista sobre a origem das espécies.

- “Darwin, como se sabe, é o autor da teoria da evolução e um herói da razão e um inimigo da superstição e da ignorância.” (§ 1)
- “Acreditava-se na versão religiosa segundo a qual por volta do ano 4004 a.C., de uma só tacada, Deus criou o homem (...).” (§ 2)
- “À luz desse retrocesso, lembrar as conquistas de Darwin torna-se um imperativo.” (§ 2)
- “Quando voltou à Inglaterra (...), ele trazia na bagagem um conjunto de ideias revolucionárias que mudariam para sempre a geografia da alma humana (...).” (§ 1)

RESOLUÇÃO:
Resposta: D

2. (UFV-MG – modificado) – Levando em conta as características do gênero discursivo *mapa* (texto 1), assinale o comentário **incorreto**.

- Aparece exposta no mapa a rota da expedição que Darwin realizou a bordo do *Beagle*, nome da embarcação utilizada pelo cientista em sua viagem.
- Além de servir para descrever a aventura do *Beagle*, o mapa é utilizado também para divulgar, entre os leitores da revista, as experiências de Darwin como jovem naturalista e geólogo.
- As formas verbais utilizadas no mapa estão no pretérito, tempo verbal que confere maior grau de confiabilidade a respeito daquilo que se afirma, pois as ações já ocorreram.
- No mapa, as sequências narrativas tratam de fatos históricos, objetivos, o que não impede, no entanto, que haja nelas escolhas subjetivas do autor na linguagem que ele emprega, como quando ele diz, por exemplo, “*Espantado* com a estranha fauna”, pois outro autor poderia dizer, por exemplo, “*Admirado* com a estranha fauna”.

RESOLUÇÃO:
Resposta: C

3. (UFV-MG – modificado) – Dadas as informações no mapa, assinale a afirmativa **incorreta**.

- Em “A viagem, cujo objetivo principal era mapear melhor o Hemisfério Sul, durou cinco anos”, o termo *cujo* refere-se à viagem e introduz uma explicação.
- Citando textualmente as impressões de Darwin sobre o Brasil, o autor enriquece as informações que acompanham o mapa e ratifica a expressão “prostrado pelo calor da Bahia”.
- Em “Observando diferentes espécies de tartarugas e de tentilhões, Darwin percebeu a diferenciação de espécies”, as formas verbais “observando” e “percebeu” expressam atividade mental, cognitiva.
- Em “Curiosamente, o naturalista oficial do *Beagle* era o cirurgião Robert McCormick”, o termo *curiosamente* expressa circunstância de modo e revela a ironia de Darwin sobre o fato de ser outro, e não ele, o naturalista oficial da missão.

RESOLUÇÃO:
Resposta: D

4. (UFV-MG) – Associe as deduções de Darwin às situações que as motivaram:

- Abundância de corais nas Ilhas Keeling.
- Calor na Bahia.
- Existência de diferentes espécies de tartarugas e tentilhões.
- Existência de animais exóticos.

- () Indolência do povo brasileiro.
() Teoria sobre a formação de recifes.
() Reflexões sobre as diferenças em relação à fauna de outras partes do planeta.
() Diferenciação entre as espécies.

Assinale abaixo a sequência correta:

- 1, 2, 3, 4.
- 2, 1, 4, 3.
- 2, 3, 1, 4.
- 3, 2, 1, 4.

RESOLUÇÃO:
Resposta: B

Texto 3

PAPA X DARWIN



(Disponível em:

http://www.sintrafesc.org.br/diadia_charges.php?pg=9.

Acesso em: 04 maio 2007.)

5. (UFV-MG) – Das afirmativas abaixo, assinale aquela que expressa corretamente o sentido da charge.

- a) A teoria da evolução estabelece que todos os seres vivos evoluíram de organismos menos sofisticados ao longo do tempo, o que vai ao encontro das crenças religiosas.
- b) A ideia de que há participação de elementos metafísicos na criação do mundo e, conseqüentemente, na determinação das características dos seres vivos retifica a visão das doutrinas religiosas.
- c) A relação ancestral entre os organismos, o surgimento de novas características nas espécies e o mecanismo da seleção natural ratificam, na charge, a visão do Papa sobre a origem das espécies.
- d) A ideia de que os seres humanos se originaram e evoluíram dos primatas contradiz os preceitos morais e religiosos defendidos pelo Papa.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

6. (UFV-MG) – Considere as informações abaixo, referentes a comparações entre os textos 1, 2 e 3.

- I. O texto jornalístico foi produzido explicitamente para que o leitor seja apenas informado sobre as conquistas de Darwin.
- II. O humor da charge constrói-se a partir de dois pressupostos: um sobre a evolução dos seres humanos através dos primatas e outro sobre o conservadorismo moral e religioso.
- III. Tanto a charge quanto o texto jornalístico são textos que nos ajudam a compreender melhor a discussão acerca da teoria da evolução de Darwin, embora a charge exija mais do leitor o conhecimento do contexto.
- IV. Comparando-se as informações dispostas no mapa e no texto jornalístico, este apresenta um teor mais sociopolítico e subjetivo sobre o assunto do que aquele.

É **incorreto** o que se afirma apenas em

- a) I e III.
- b) I.
- c) II e IV.
- d) IV.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

MÓDULO 12 – ANÁLISE DE TEXTO

Iracema é um romance poético que desenvolve uma antiga lenda sobre a colonização do Ceará, terra do autor, José de Alencar. A ação, centrada no encontro/desencontro entre o europeu e o nativo brasileiro, envolve a rivalidade entre as tribos tabajara e pitiguara. Martim é europeu, branco e civilizado; Iracema, a bela selvagem tabajara que foge com ele para o litoral, representa a América virgem e ingênua, cativa e dominada.

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo de jati não era doce como seu sorriso, nem a baunilha recendida no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem, os pássaros ameigavam o canto.

(...)

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiracaba e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

(José de Alencar, *Iracema*, cap. II)

1. José de Alencar foi quem consolidou o romance romântico brasileiro, pretendendo ser autenticamente nacional. Quais características apresentadas no trecho poderiam ser consideradas eminentemente nacionais, brasileiras?

RESOLUÇÃO:

A personagem que dá título ao romance, Iracema, é uma índia; o autor emprega termos indígenas e o cenário é tipicamente brasileiro.

2. No texto de *Iracema*, ocorre o uso intenso de vocábulos extraídos da língua indígena. De que maneira tal dado estilístico se liga ao tema do livro, às intenções do autor e às características da escola literária a que este se filia?

RESOLUÇÃO:

O livro é indianista, daí a propriedade de nele se usarem termos indígenas. Alencar tinha a intenção de empregar o que chamava a “língua brasileira”, na qual os termos indígenas têm presença importante. O Romantismo em geral privilegiou a valorização do nacional, do primitivo, do selvagem — no Brasil, isso correspondeu à valorização do mundo dos índios e, naturalmente, também de suas línguas.

3. Existe um traço da descrição física de Martim que já indica o saudosismo da pátria que caracterizará seu comportamento durante todo o livro. Indique-o.

RESOLUÇÃO:

O “azul triste das águas profundas” que há nos olhos de Martim já é uma indicação da saudade que sentia de seu país, de sua sociedade, da vida civilizada.

4. Qual o principal procedimento estilístico utilizado por Alencar na descrição da virgem Iracema?

RESOLUÇÃO:

Alencar vale-se principalmente de imagens que servem de metáforas ou comparações: “virgem dos lábios de mel”, “cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira”.

5. Em *Iracema*, há uma estreita relação entre o homem e a natureza, típica do Romantismo. Comente-a.

RESOLUÇÃO:

Em *Iracema*, a natureza é amável e oferece imagens de beleza e amenidade (“a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas”, “a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite”), servindo como símile para a descrição da beleza sublime da índia.

6. Indique o trecho em que ocorre algo inesperado e inquietante, que já anuncia a ruptura da relação harmoniosa de Iracema com seu meio.

RESOLUÇÃO:

“Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta.” [Martim surge e Iracema estranha sua etnia, sua roupa, tratando-o inicialmente como um inimigo.]

7. Explique como, no encontro entre Iracema e Martim, se evidenciam diferenças culturais, de crenças e de costumes.

RESOLUÇÃO:

Iracema apresenta-se aguerrida, oferecendo ameaça ao guerreiro que a surpreende. Martim estranha o gesto agressivo de Iracema, pois, segundo tinha aprendido “na religião de sua mãe” (o Cristianismo, naturalmente), “a mulher é símbolo de ternura e amor”. Aí está presente uma grande diferença cultural na concepção da mulher, pois Martim não podia imaginar que uma bela jovem fosse também guerreira.

8. O que significa o gesto de Iracema de quebrar a flecha com que ferira Martim?

RESOLUÇÃO:

Quebrar a flecha era, entre os indígenas, a maneira simbólica de estabelecerem a paz [conforme nota do autor].

Iracema tornou-se referência para a produção artística brasileira, conforme exemplifica a letra abaixo:

IRACEMA VOOU

*Iracema voou
Para a América
Leva roupa de lã
E anda lépida
Vê um filme de quando em vez
Não domina o idioma inglês
Lava chão numa casa de chá
Tem saído ao luar
Com um mímico
Ambiciona estudar
Canto lírico
Não dá mole pra polícia
Su puder, vai ficando por lá
Tem saudade do Ceará
Mas não muita
Uns dias, afoita
Me liga a cobrar:
— É Iracema da América.*

(Chico Buarque, 1998)

9. No livro de Alencar, Iracema exerce atividade de grande importância na cultura indígena, pois é ela quem prepara a bebida a ser usada nas cerimônias dos guerreiros. Na letra de Chico Buarque, a condição social de Iracema é também prestigiada? Explique.

RESOLUÇÃO:

Não, pois ela vive na ilegalidade, é clandestina (“não dá mole pra polícia”), seu trabalho é subalterno (“lava chão numa casa de chá”) e não está integrada na cultura estrangeira (“não domina o idioma inglês”). [A protagonista de Chico Buarque não é caracterizada com a idealização romântica.]

10. Os adjetivos *rápida*, usado por Alencar, e *lépida*, escolhido por Chico Buarque, são sinônimos. Alencar preferiu *rápida*, não propriamente por ser uma palavra corrente, pois na época *lépida* também o era, mas por compor um jogo sonoro com o substantivo, na expressão “*rápida ema*”. Qual o efeito desse jogo sonoro em relação à personagem comparada com a ema?

RESOLUÇÃO:

O efeito é de, ao mencionar o animal, sugerir, como se fosse por trás das palavras, a própria personagem, pois a expressão contém todas as letras de seu nome, menos uma: *RáplDA EMA*. Trata-se de uma forma de anagrama, sendo *anagrama*, conforme o *Dicionário Houaiss*, a “transposição de letras de palavra ou frase para formar outra palavra ou frase diferente (*Natércia*, de *Caterina*; *amor*, de *Roma*; *Célia*, de *Alice* etc.)”. No caso, o jogo de palavras reforça a sugestão de integração entre a índia e o mundo natural.

MÓDULO 13 – ANÁLISE DE TEXTO

Texto para as questões de 1 a 4.

Antonio Candido, sobre *Memórias de um Sargento de Milícias*

(...) Com efeito, a felicidade é estática por vocação, e a lei principal das *Memórias* [de um Sargento de Milícias] é o movimento. A impressão que nos deixa é de sarabanda¹ – bizarra² e alegre sarabanda em que os grupos vão e vêm, os pares se unem e separam, as combinações são por vezes estranhas, mas nada é irremediável. A própria morte, nas duas vezes em que aparece, é oportuna e discreta. E quando o mestre de dança acha que todos já deram de si o que lhes caberia dar sem prejuízo da coreografia, corre no livro uma cortina de reticências, antes que a vida, sempre igual, recomece da capo³: “Daqui em diante, aparece o reverso da medalha. Seguiu-se a morte de D. Maria, a do Leonardo-Pataca e uma enfiada de acontecimentos tristes que pouparemos aos leitores, fazendo aqui ponto final”.

Manuel Antônio é, pois, um romancista consciente não apenas das próprias intenções, como (dá a sua categoria literária) dos meios necessários para realizá-las. Ao contrário de um Teixeira e Sousa ou de um Joaquim Manuel de Macedo, não procura violar os limites do romance de costumes pela inclusão do patético⁴ ou do excepcional. O romance de costumes tende para a norma e, portanto, antes para a caracterização de tipos do que para a revelação de pessoas; os seus personagens são, como diria E. M. Forster, flat characters⁵ – rasos psicologicamente, desprovidos de surpresas, avaliados pelo autor de uma vez por todas desde os primeiros golpes de vista. Assim são também os das *Memórias*, que não precisam sequer de uma pincelada após a primeira caracterização; os acontecimentos passam, envolvendo-os, e eles permanecem idênticos. Tanto que o autor procura dissolvê-los numa categoria geral, mais social do que psicológica, substituindo a própria indicação do nome pela do lugar que têm no grupo, a profissão, a função: o “compadre”, “a comadre”, o “tomalargura”, o “Mestre de Cerimônias”, os “primos”, as duas “velhas”, a “cigana”, o “tenente-coronel”, o “fidalgo” – que através de todo o livro não conhecemos de outra forma. Até quase a metade, Leonardo é apenas “o menino”; e uma vez definido pelo romancista aos quatro anos de idade, permanece tal e qual até a última página: travesso, esperto, malcriado, simpático, ágil. O tempo não atua sobre os tipos fixos desse romance horizontal, onde o que importa é o acontecimento, mais que o protagonista. Diferente do simples romance de aventuras, o acontecimento importa aqui, todavia, na medida em que revela certas formas de convivência e certas alterações na posição das pessoas, umas em relação às outras. As desventuras do Mestre de Cerimônias, por exemplo, não interessam como sucesso pitoresco, nem revelação duma personalidade, mas como ilustração dos costumes clericais da época. No fundo, qualquer outro padre serviria, pois o que Manuel Antônio pesquisa é a norma, não a singularidade; os seus personagens-tipos são mais sociais do que psicológicos, definindo antes um modo de existir do que de ser.

(...)

(CANDIDO, Antonio. “Manuel Antônio de Almeida: o romance em moto-contínuo”, in *Formação da Literatura Brasileira*. 5.^a ed., Belo Horizonte, Itatiaia / São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975, p. 217-218.)

1 – *Sarabanda*: dança popular espanhola. 2 – *Bizarro*: extravagante. 3 – *Da capo* (italiano): do início. 4 – *Patético*: aquilo que envolve emoção muito intensa, trágico. 5 – *Flat character* (inglês): personagem plana.

1. Logo no início, Antonio Candido afirma “que a felicidade é estática por vocação, e a lei principal das *Memórias* é o movimento”, o que implicaria concluir que as *Memórias* são tristes. No entanto, o próprio autor afirma “que a impressão que [o livro] nos deixa é de bizarra e alegre sarabanda”. Transcreva do texto de Antonio Candido as passagens que desfazem essa aparente contradição.

RESOLUÇÃO:

As seguintes passagens impedem que se pense que as *Memórias* sejam um livro triste, com uma história infeliz: “...nada é irremediável”; “A própria morte, nas duas vezes em que aparece, é oportuna e discreta...”; “...corre no livro uma cortina de reticências, antes que a vida, sempre igual, recomece da capo...”.

2. Segundo o texto, **não** se pode afirmar que

- a) como o romance de costumes tende para a norma, suas personagens tendem a ser tipos, e não figuras individualizadas.
- b) seria violar o limite do romance de costumes incluir o patético e o excepcional, elementos característicos de outros gêneros literários.
- c) as peripécias presentes nas *Memórias* revelam a astúcia de certas personagens, destacando-lhes a personalidade e individuação psicológica.
- d) as personagens de Manuel Antônio de Almeida pertencem a uma categoria mais social do que psicológica.
- e) os acontecimentos envolvem as personagens sem transformá-las; eles se sucedem, alimentando a narrativa, sem, porém, alterar o caráter dos implicados.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

3. O que permite ao autor referir-se às personagens pela profissão, pela função e pelo lugar que ocupam no grupo a que pertencem?

RESOLUÇÃO:

O fato de serem tipos, ou seja, terem realidade mais geral do que individual, serem figuras mais sociais do que singulares.

4. No texto, fala-se sobre personagens planas (*flat characters*), que são os tipos, dotados sempre das mesmas características de comportamento e que, portanto, não se alteram psicologicamente (isto é, em seu comportamento) no decorrer da história. Existem, por outro lado, as personagens “esféricas” (*round characters*, na expressão do mesmo crítico, E. M. Forster). Estas últimas mudam de comportamento no curso dos acontecimentos e, portanto, não são inteiramente previsíveis.

No texto de Antonio Candido há, sobre personagens, uma série de afirmações que podem ser correlacionadas. Assinale a alternativa correta. As personagens “esféricas” estão para os tipos (personagens planas), assim como

- a) as personagens sociais estão para as personagens típicas.
- b) o nome da personagem está para a sua profissão.
- c) o acontecimento está para o protagonista.
- d) a norma está para a singularidade.
- e) o convencionalismo está para o anticonvencionalismo.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

Texto para os testes de 5 a 7.

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe¹ em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se, porém, do negócio e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia² rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão³. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

(Manuel Antônio de Almeida,
Memórias de um Sargento de Milícias)

1 – *Algibebe*: mascate, vendedor ambulante.

2 – *Saloiã*: aldeã das imediações de Lisboa.

3 – *Maganão*: brincalhão, jovial, divertido.

5. (FUVEST-SP – modificado) – Neste excerto, o modo pelo qual é relatado o início do relacionamento entre Leonardo e Maria

- a) manifesta os sentimentos antilusitanos do autor, que enfatiza a grosseria dos portugueses em oposição ao refinamento dos brasileiros.
- b) revela os preconceitos sociais do autor, que retrata de maneira cômica as classes populares, mas de maneira respeitosa a aristocracia e o clero.

c) reduz as relações amorosas a seus aspectos sexuais e fisiológicos, conforme os ditames da época em que a obra foi escrita.

d) se opõe ao tratamento idealizante e sentimental, dominante no Romantismo, das relações amorosas.

e) evidencia a brutalidade das relações inter-raciais, própria do contexto colonial-escravista.

RESOLUÇÃO:

A forma satírica e bem-humorada com que o narrador relata a corte entre Leonardo e Maria discrepa cruamente das idealizações com que, no Romantismo, se costuma tratar o relacionamento amoroso.

Resposta: D

6. (FUVEST-SP) – No excerto, o narrador incorpora elementos da linguagem usada pela maioria das personagens da obra, como se verifica em

- a) “aborrecera-se, porém, do negócio”.
- b) “de que o vemos empossado”.
- c) “rechonchuda e bonitota”.
- d) “envergonhada do gracejo”.
- e) “amantes tão extremosos”.

RESOLUÇÃO:

O gosto que uma personagem como Leonardo-Pataca teria pela exuberância e por outros encantos femininos exprime-se, pitoresca e saborosamente, na expressão “rechonchuda e bonitota”.

Resposta: C

7. (CÁSPER LÍBERO-SP – modificado) – Tomando-se por base a seguinte afirmação de Antonio Candido: “O cunho especial [das *Memórias de um Sargento de Milícias*] consiste numa certa ausência de juízo moral e na aceitação risonha do homem como ele é”, é correto afirmar que o humor explorado por Manuel Antônio de Almeida é do tipo

- a) absurdo, uma vez que o narrador do romance constantemente afirma o contrário daquilo em que está pensando ou que está sentindo.
- b) grotesco, já que as personagens são retratadas pela óptica do desvario ou da loucura.
- c) satírico, uma vez que o narrador ridiculariza os costumes, as instituições e os valores “morais”, em estilo irônico e mordaz.
- d) burlesco, já que o narrador constantemente exagera no emprego de situações grosseiras, como as incongruências, os equívocos, os enganos e os episódios ridículos.
- e) engenhoso, por conta do brilho intelectual e inventivo que o narrador emprega na aguda observação dos costumes.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

MÓDULO 14 – ANÁLISE DE TEXTO

As questões de números 1 a 3 tomam por base um trecho de *Uma Campanha Alegre*, de Eça de Queirós (1845-1900) e uma tira de Allan Sieber (1972).

UMA CAMPANHA ALEGRE

O País perdeu a inteligência e a consciência moral. Os costumes estão dissolvidos e os caracteres corrompidos. A prática da vida tem por única direção a conveniência. Não há princípio que não seja desmentido, nem instituição que não seja escarnejada. Ninguém se respeita. Não existe nenhuma solidariedade entre os cidadãos. Já se não crê na honestidade dos homens públicos. A classe média abate-se progressivamente na imbecilidade e na inércia. O povo está na miséria. Os serviços públicos vão abandonados a uma rotina dormente. O desprezo pelas ideias aumenta em cada dia. Vivemos todos ao acaso. Perfeita, absoluta indiferença de cima a baixo! Todo o viver espiritual, intelectual, parado. O tédio invadiu as almas. A mocidade arrasta-se, envelhecida, das mesas das secretarias para as mesas dos cafés. A ruína econômica cresce, cresce, cresce... O comércio definha. A indústria enfraquece. O salário diminui. A renda diminui. O Estado é considerado na sua ação fiscal como um ladrão e tratado como um inimigo.

Neste salve-se quem puder a burguesia proprietária de casas explora o aluguel. A agiotagem explora o juro. (...) A intriga política alastra-se por sobre a sonolência enfastiada do País. Apenas a devoção perturba o silêncio da opinião, com padre-nossos maquinais.

Não é uma existência, é uma expiação.

(QUEIRÓS, Eça de. *Obras de Eça de Queirós*. vol. III. Porto, Lello & Irmão, [s.d.], p. 959-960.)



(Allan Sieber, in *Folha de S.Paulo*, 14/05/2006. "Folha Ilustrada", p. E-11.)

1. (VUNESP-SP) – Embora pareça focalizar os dias atuais em nosso país, o texto de Eça de Queirós foi escrito em junho de 1871, para retratar a situação sociocultural, econômica e política de Portugal. Releia com atenção o fragmento e, tendo também em mente a realidade atual, explique o que quer dizer o autor com o período: “O Estado é considerado na sua ação fiscal como um ladrão e tratado como um inimigo.”

RESOLUÇÃO:

A ação fiscal do Estado, isto é, a arrecadação de impostos, não traz benefícios para a sociedade que paga esses tributos. Portanto, o Estado age como um ladrão, surrupia o dinheiro, sendo evitado como um inimigo. Tal situação é semelhante à vivida pelo Brasil, país que combina uma carga fiscal pesadíssima com péssimos serviços à população. Assim, trata-se do mesmo fenômeno: o Estado é visto como ladrão e, ao sonegar impostos, muitos cidadãos creem estar apenas evitando o ataque de um inimigo.

2. (VUNESP-SP) – Em *Uma Campanha Alegre*, Eça se serve, entre outros recursos discursivos, do acúmulo de frases curtas, da repetição de palavras e expressões, do paralelismo. Com base nessa informação, demonstre o caráter paralelístico da sequência “O salário diminui. A renda diminui”.

RESOLUÇÃO:

Na sequência de períodos sintaticamente paralelos (“O salário diminui. A renda diminui”), mantém-se o mesmo predicado (“diminui”) e altera-se o sujeito (“o salário”, “a renda”). Esse paralelismo sugere efeito em cadeia.

3. (VUNESP-SP) – Não é difícil verificar que há um parentesco bastante grande entre o texto de Eça de Queirós e a tira de Allan Sieber, apesar da diferença de gênero e de tom, sério e acusatório em Eça, jocoso e debochado, sem deixar de ser acusatório, em Sieber. Releia ambos os textos com base nesse comentário e explique em que medida o fato que é humoristicamente sugerido no terceiro quadrinho da tira de Sieber representa um exemplo do que Eça afirma no primeiro período de seu texto.

RESOLUÇÃO:

A tira parece ilustrar a frase inicial do texto: os “ingênuos” deixam-se corromper (por “uma caixa de barras de cereal”) e enganar (“eles [os corruptores] se comprometeram a reciclar o lixo”). Portanto, os membros do PI, tal como o país diagnosticado por Eça, perderam a inteligência (ou seja, no caso, o discernimento que lhes permitiria evitar serem enganados) e a consciência moral (que evitaria que se deixassem corromper).

Textos para as questões de 4 a 7.

SUAVE MARI MAGNO

*Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão.*

*Arfava, espumava e ria,
De um riso espúrio e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.*

*Nenhum, nenhum curioso
Passava, sem se deter,
Silencioso,*

*Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.*

(Machado de Assis, *Obra Completa*, vol. III, p. 161)

SEQUÊNCIA

*Eu era pequena. A cozinheira Lizarda
tinha nos levado ao mercado, minha irmã, eu.
Passava um homem com um abacate na mão
e eu inconsciente:
“Ome, me dá esse abacate...”
O homem me entregou a fruta madura.
Minha irmã, de pronto: “vou contar pra mãe que ocê
pediu abacate na rua.”
Eu voltava trocando as pernas bambas.
Meus medos, crescidos, enormes...
A denúncia confirmada, o auto, a comprovação do delito.
O impulso materno... consequência obscura da
escravidão passada,
o ranço dos castigos corporais.
Eu, aos gritos, esperneando.
O abacate esmagado, pisado, me sujando toda.
Durante muitos anos minha repugnância por esta fruta
trazendo a recordação permanente do castigo cruel.
Sentia, sem definir, a recreação dos que ficaram de fora,
assistentes, acusadores.
Nada mais aprazível no tempo, do que presenciar a
criança indefesa
espernear numa coça de chineladas.
“É pra seu bem,” diziam, “doutra vez não pedi fruta na rua.”
(Cora Coralina, *Vintém de Cobre*, p. 131-132)*

4. (UFSCar-SP – adaptada) – Depois de comparar os dois textos, explicito o que há em comum entre eles.

RESOLUÇÃO:

Os dois textos apresentam o mesmo tema: o sadismo, ou seja, o prazer que se obtém com o sofrimento alheio. No primeiro, conta-se que os passantes se detinham para observar a agonia de um cão que morria envenenado; no segundo, “a recreação dos que ficaram de fora, / assistentes, acusadores” diante do castigo que era infligido ao eu poético por simplesmente ter pedido a um estranho um abacate. [O título do poema de Machado é o início de um verso de *De Rerum Natura*, de Lucrecio, em que se relata cena semelhante, na qual um naufrágio que ocorre em alto mar (“mari magno”) constitui espetáculo agradável (“suave”) para os que o contemplam da praia.]

5. (UFSCar-SP – adaptada) – No segundo texto, cite pelo menos três formas de linguagem que refletem a oralidade do português do Brasil.

RESOLUÇÃO:

Entre as formas de linguagem que revelam a oralidade do português brasileiro podem ser apontadas *ome, pra, ocê, pedi*, que diferem do padrão culto, que consigna *homem, para, você, pede*.

6. (UFSCar-SP – adaptada) – No poema de Cora Coralina, há uma frase sem verbo: “Durante muitos anos minha repugnância por esta fruta.” Qual o sentido dessa frase?

RESOLUÇÃO:

A frase indica que o eu poemático transferiu para a fruta, como num trauma, a repugnância ao sadismo, revelador da maldade humana camuflada em intenções benignas.

7. (UFSCar-SP – adaptada) – “Reconstrua” a frase da questão anterior, empregando um verbo.

RESOLUÇÃO:

A frase indicada, reconstruída, poderia ser: “Durante muitos anos permaneceu minha repugnância por esta fruta.” (Há outras possibilidades.)

Texto para as questões 8 e 9.

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

(Machado de Assis, “A Causa Secreta”)

8. O fragmento anterior apresenta o mesmo tema de “Suave Mari Magno” e de “Sequência”. No trecho, há um verbo e um advérbio que exprimem o efeito que a cena provocou na personagem Fortunato. Indique-os.

RESOLUÇÃO:

O verbo é *saboreou* e o advérbio é *deliciosamente*, que exprimem a intensidade do prazer que sentiu Fortunato com a longa explosão de dor que se sucedeu ao beijo de Garcia.

9. Assinale a alternativa em que há gradação.

- a) “...Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver...”
- b) “O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas...”
- c) “...lágrimas de amor calado e irremediável desespero...”
- d) “...Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranquilo essa explosão de dor moral...”
- e) “...que foi longa, muito longa, deliciosamente longa...”

RESOLUÇÃO:

O trecho transcrito na alternativa *e* apresenta uma gradação em clímax (ascendente), em que se observa uma intensificação do adjetivo *longa*.

Resposta: E

MÓDULO 15 – ANÁLISE DE TEXTO

Texto para o teste 1.

O CHAT E SUA LINGUAGEM VIRTUAL

O significado da palavra chat vem do inglês e quer dizer “conversa”. Essa conversa acontece em tempo real, e, para isso, é necessário que duas ou mais pessoas estejam conectadas ao mesmo tempo, o que chamamos de comunicação síncrona. São muitos os sites que oferecem a opção de bate-papo na Internet, basta escolher a sala que deseja “entrar”, identificar-se e iniciar a conversa. Geralmente, as salas são divididas por assuntos, como educação, cinema, esporte, música, sexo, entre outros.

Para entrar, é necessário escolher um nick, uma espécie de apelido que identificará o participante durante a conversa. Algumas salas restringem a idade, mas não existe nenhum controle para verificar se a idade informada é realmente a idade de quem está acessando, facilitando que crianças e adolescentes acessem salas com conteúdos inadequados para sua faixa etária.

(AMARAL, S. F. “Internet: novos valores e novos comportamentos.”

In: SILVA, E. T. (Coord.). *A Leitura nos Oceanos da Internet*. São Paulo, Cortez, 2003 – adaptado.)

1. (ENEM) – Segundo o texto, o chat proporciona a ocorrência de diálogos instantâneos com linguagem específica, uma vez que, nesses ambientes interativos, faz-se uso de protocolos diferenciados de interação. O chat, nessa perspectiva, cria uma nova forma de comunicação porque

- possibilita que ocorra diálogo sem a exposição da identidade real dos indivíduos, que podem recorrer a apelidos fictícios sem comprometer o fluxo da comunicação em tempo real.
- disponibiliza salas de bate-papo sobre diferentes assuntos com pessoas pré-selecionadas por meio de um sistema de busca monitorado e atualizado por autoridades no assunto.
- seleciona previamente conteúdos adequados à faixa etária dos usuários que serão distribuídos nas faixas de idade organizadas pelo site que disponibiliza a ferramenta.
- garante a gravação das conversas, o que possibilita que um diálogo permaneça aberto, independentemente da disposição de cada participante.
- limita a quantidade de participantes conectados nas salas de bate-papo, a fim de garantir a qualidade e eficiência dos diálogos, evitando-se mal-entendidos.

RESOLUÇÃO:

Como nos chats “é necessário escolher um nick” — ou seja, um *nickname*, um apelido —, conclui-se que tal forma de comunicação “possibilita que ocorra diálogo sem a expressão da identidade real dos indivíduos”.

Resposta: A

Textos para o teste 2.

Texto I



(*Época*, 12 out. 2009 – adaptado)

Texto II

CONEXÃO SEM FIO NO BRASIL

Onde haverá cobertura de telefonia celular para baixar publicações para o Kindle.



(*Época*, 12 out. 2009)

2. (ENEM) – A capa da revista *Época* de 12 de outubro de 2009 traz um anúncio sobre o lançamento do livro digital no Brasil. Já o texto II traz informações referentes à abrangência de acessibilidade das tecnologias de comunicação e informação nas diferentes regiões do país. A partir da leitura dos dois textos, infere-se que o advento do livro digital no Brasil

a) possibilitará o acesso das diferentes regiões do país às informações antes restritas, uma vez que eliminará as distâncias, por meio da distribuição virtual.

b) criará a expectativa de viabilizar a democratização da leitura, porém esbarra na insuficiência do acesso à Internet por meio da telefonia celular, ainda deficiente no país.

c) fará com que os livros impressos se tornem obsoletos, em razão da diminuição dos gastos com os produtos digitais gratuitamente distribuídos pela Internet.

d) garantirá a democratização dos usos da tecnologia no país, levando-se em consideração as características de cada região no que se refere aos hábitos de leitura e acesso à informação.

e) impulsionará o crescimento da qualidade da leitura dos brasileiros, uma vez que as características do produto permitem que a leitura aconteça a despeito das adversidades geopolíticas.

RESOLUÇÃO:

Como é possível visualizar no texto II, a distribuição da conexão sem fio não é homogênea no território nacional. Concentrada no sul, sudeste e no litoral brasileiro, a insuficiência de acesso à Internet sem fio pode ser um impedimento para viabilizar a democratização dessa modalidade de leitura.

Resposta: B

Textos para o teste 3.

Texto I

SOB O OLHAR DO TWITTER

Vivemos a era da exposição e do compartilhamento. Público e privado começam a se confundir. A ideia de privacidade vai mudar ou desaparecer.

O trecho acima tem 140 caracteres exatos. É uma mensagem curta que tenta encapsular uma ideia complexa. Não é fácil esse tipo de síntese, mas dezenas de milhões de pessoas o praticam diariamente. No mundo todo, são disparados 2,4 trilhões de SMS por mês, e neles cabem 140 toques, ou pouco mais. Também é comum enviar e-mails, deixar recados no Orkut, falar com as pessoas pelo MSN, tagarelar no celular, receber chamados em qualquer parte, a qualquer hora. Estamos conectados. Superconectados, na verdade, de várias formas.

(...) O mais recente exemplo de demanda por total conexão e de uma nova sintaxe social é o Twitter, o novo serviço de troca de mensagens pela Internet. O Twitter pode ser entendido como uma mistura de blog e celular. As mensagens são de 140 toques, como os torpedos dos celulares, mas circulam pela Internet, como os textos de blogs. Em vez de seguir para apenas uma pessoa, como no celular ou no MSN, a mensagem do Twitter vai para todos os “seguidores” — gente que acompanha o emissor. Podem ser 30, 300 ou 409 mil seguidores.

(MARTINS, I; LEAL, R. *Época*, 16 mar. 2009 – fragmento adaptado.)

Texto II

DICAS Para usar melhor o Twitter

- Coloque-se no lugar de seu leitor:** você gostaria de saber que alguém está comendo um lanche?
- Cuidado com o que você vai publicar:** você quer mesmo que todo mundo saiba detalhes de sua vida afetiva ou sexual?
- Encontre uma velocidade ideal de mensagens:** se forem poucas, ninguém vai segui-lo; se forem muitas, as pessoas vão deixar você de lado
- Use a busca para encontrar pessoas e assuntos que lhe interessam.** Se quiser seguir os resultados da busca, cadastre-a em seu leitor de RSS
- Aprecie com moderação:** o Twitter pode dispersá-lo. Se estiver concentrado, deixe-o fechado. Dose o tempo que você gasta com ele

Se a conversa começar a ficar longa, **ligue para a pessoa ou use o MSN**

Não tente ler tudo. É impossível! De tempos em tempos, avalie se você quer realmente seguir todas aquelas pessoas

Recent(7) Replies Messages

(MARTINS, I; LEAL, R. *Época*. 16 mar. 2009.)

3. (ENEM) – Da comparação entre os textos, depreende-se que o texto II constitui um passo a passo para interferir no comportamento dos usuários, dirigindo-se diretamente aos leitores, e o texto I

a) adverte os leitores de que a Internet pode transformar-se em um problema, porque expõe a vida dos usuários e, por isso, precisa ser investigada.

b) ensina aos leitores os procedimentos necessários para que as pessoas conheçam, em profundidade, os principais meios de comunicação da atualidade.

c) exemplifica e explica o novo serviço global de mensagens rápidas que desafia os hábitos de comunicação e reinventa o conceito de privacidade.

d) procura esclarecer os leitores a respeito dos perigos que o uso do Twitter pode representar nas relações de trabalho e também no plano pessoal.

e) apresenta uma enquete sobre as redes sociais mais usadas na atualidade e mostra que o Twitter é o preferido entre a maioria dos internautas.

RESOLUÇÃO:

A partir da exemplificação presente na introdução do texto, o autor relaciona uma série de meios de comunicação utilizados para mensagens rápidas, como o SMS e o Twitter. Nesse novo universo de relações, “público e privado começam a se confundir”, o que resulta, nos termos da alternativa c, numa reinvenção do conceito de privacidade.

Resposta: C

Texto para o teste 4.

A INTERNET QUE VOCÊ FAZ

Uma pequena invenção, a Wikipédia, mudou o jeito de lidarmos com informações na rede. Trata-se de uma enciclopédia virtual colaborativa, que é feita e atualizada por qualquer internauta que tenha algo a contribuir. Em resumo: é como se você imprimisse uma nova página para a publicação desatualizada que encontrou na biblioteca. Antigamente, quando precisávamos de alguma informação confiável, tínhamos a enciclopédia como fonte segura de pesquisa para trabalhos, estudos e pesquisa em geral. Contudo, a novidade trazida pela Wikipédia nos coloca em uma nova circunstância, em que não podemos confiar integralmente no que lemos.

Por ter como tema principal a escritura coletiva, seus textos trazem informações que podem ser editadas e reeditadas por pessoas do mundo inteiro. Ou seja, a relevância da informação não é determinada pela tradição cultural, como nas antigas enciclopédias, mas pela dinâmica da mídia.

Assim, questiona-se a possibilidade de serem encontradas informações corretas entre sabotagens deliberadas e contribuições erradas.

(NEO, A. et al. “A Internet que Você Faz.”

In: Revista PENSE! Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Ano 2, n.º 3, mar.-abr. 2010 – adaptado.)

4. (ENEM) – As novas Tecnologias de Informação e Comunicação, como a Wikipédia, têm trazido inovações que impactaram significativamente a sociedade. A respeito desse assunto, o texto apresentado mostra que a falta de confiança na veracidade dos conteúdos registrados na Wikipédia

- a) acontece pelo fato de sua construção coletiva possibilitar a edição e reedição das informações por qualquer pessoa no mundo inteiro.
- b) limita a disseminação do saber, apesar do crescente número de acessos ao site que a abriga, por falta de legitimidade.
- c) ocorre pela facilidade de acesso à página, o que torna a informação vulnerável, ou seja, pela dinâmica da mídia.
- d) ressalta a crescente busca das enciclopédias impressas para as pesquisas escolares.
- e) revela o desconhecimento do usuário, impedindo-o de formar um juízo de valor sobre as informações.

RESOLUÇÃO:

Como qualquer usuário pode publicar ou editar verbetes da Wikipédia, a informação neles veiculada pode ser errônea, em consequência de “sabotagens deliberadas ou contribuições erradas”.

Resposta: A

Texto para o teste 5.

FORA DA ORDEM

Em 1588, o engenheiro militar italiano Agostinho Romelli publicou *Le Diverse et Artificiose Machine, no qual descrevia uma máquina de ler livros. Montada para girar verticalmente, como uma roda de hamster, a invenção permitia que o leitor fosse de um texto ao outro sem se levantar de sua cadeira.*

Hoje podemos alternar entre documentos com muito mais facilidade — um clique no mouse é suficiente para acessarmos imagens, textos, vídeos e sons instantaneamente. Para isso, usamos o computador, e principalmente a Internet — tecnologias que não estavam disponíveis no Renascimento, época em que Romelli viveu.

(BERCITTO, D. Revista Língua Portuguesa. Ano II. N.º 14.)

5. (ENEM) – O inventor italiano antecipou, no século XVI, um dos princípios definidores do hipertexto: a quebra de linearidade na leitura e a possibilidade de acesso ao texto conforme o interesse do leitor. Além de ser característica essencial da Internet, do ponto de vista da produção do texto, a hipertextualidade se manifesta também em textos impressos, como

- a) dicionários, pois a forma do texto dá liberdade de acesso à informação.
- b) documentários, pois o autor faz uma seleção dos fatos e das imagens.
- c) relatos pessoais, pois o narrador apresenta sua percepção dos fatos.
- d) editoriais, pois o editorialista faz uma abordagem detalhada dos fatos.
- e) romances românticos, pois os eventos ocorrem em diversos cenários.

RESOLUÇÃO:

Do ponto de vista da produção do texto, a hipertextualidade também ocorreria no dicionário, pois a disposição da palavra na página permitiria a quebra de linearidade na leitura e o acesso ao texto conforme o interesse do leitor. O conceito de hipertexto, porém, está tomado em sentido muito frouxo e inespecífico na resposta dada pela Banca Examinadora a este teste. Não obstante, a única resposta possível é a alternativa a, considerando-se as demais opções.

Resposta: A

Texto para o teste 6.

São 68 milhões num universo de 190 milhões de brasileiros conectados às redes virtuais. O e-mail ainda é uma ferramenta imprescindível de comunicação, mas já começa a dar espaço para ferramentas mais ágeis de interação, como MSN, Orkut, Facebook, Twitter e blogs. A campanha dos principais pré-candidatos à Presidência da República, por exemplo, não chegou às ruas, mas já se firma nas redes.

O marco regulatório da Internet no Brasil é discutido pela sociedade civil e parlamentares no Congresso Nacional, numa queda de braço pela garantia de um controle do que alguns consideram “uma terra sem lei”.

Por abrir um canal, apresentar instrumentos e diversificar as ferramentas de interação na troca de informações, a Internet levanta preocupações em relação aos crimes cibernéticos, como roubos de senha e pedofilia.

(F. JÚNIOR, H. “Internet Cresce no País e Preocupa.”
Jornal Hoje em Dia. Brasília, 25 abr. 2010 – adaptado.)

6. (ENEM) – Ao tratar do controle da Internet, o autor usou a expressão “uma terra sem lei” para indicar opinião sobre

- a) a falta de uma legislação que discipline o uso da Internet e a forma de punição dos infratores.
- b) a liberdade que cada político tem de poder atingir um número expressivo de eleitores via Internet.
- c) o constante crescimento do número de pessoas que possuem acesso à Internet no Brasil.
- d) o ponto de vista de parlamentares e da sociedade civil, que defendem um controle na Internet.
- e) os possíveis prejuízos que a Internet traz, apesar dos benefícios proporcionados pelas redes sociais.

RESOLUÇÃO:

A expressão “terra sem lei” refere-se à falta de legislação específica sobre o uso da Internet e sobre crimes praticados em seu domínio.

Resposta: A

Texto para o teste 7.

Por volta do ano de 700 a.C., ocorreu um importante invento na Grécia: o alfabeto. Com isso, tornou-se possível o preenchimento da lacuna entre o discurso oral e o escrito. Esse momento histórico foi preparado ao longo de aproximadamente três mil anos de evolução e da comunicação não alfabética até a sociedade grega alcançar o que Havelock chama de um novo estado de espírito, “o espírito alfabético”, que originou uma transformação qualitativa da comunicação humana.

As tecnologias da informação com base na eletrônica (inclusive a imprensa eletrônica) apresentam uma capacidade de armazenamento. Hoje, os textos eletrônicos permitem flexibilidade e feedback, interação e reconfiguração de texto muito maiores e, dessa forma, também alteram o próprio processo de comunicação.

(CASTELLS, M. A. *Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo, Paz e Terra, 1999 – adaptado.)

7. (ENEM) – Com o advento do alfabeto, ocorreram, ao longo da história, várias implicações socioculturais. Com a Internet, as transformações na comunicação humana resultam

- a) da descoberta da mídia impressa, por meio da produção de livros, revistas, jornais.
- b) do esvaziamento da cultura alfabetizada, que, na era da informação, está centrada no mundo dos sons e das imagens.
- c) da quebra das fronteiras do tempo e do espaço na integração das modalidades escrita, oral e audiovisual.
- d) da audiência da informação difundida por meio da TV e do rádio, cuja dinâmica favorece o crescimento da eletrônica.
- e) da penetrabilidade da informação visual, predominante na mídia impressa, meio de comunicação de massa.

RESOLUÇÃO:

A Internet é o espaço que conjuga, por excelência, as modalidades de comunicação escrita, oral e audiovisual.

Resposta: C

Texto para o teste 8.

Estamos em plena “Idade Mídia” desde os anos de 1990, pluggados durante muitas horas semanais (jovens entre 13 e 24 anos passam 3h30 diárias na Internet, garante pesquisa Studio Ideias para o núcleo Jovem da Editora Abril), substituímos as cartas pelos e-mails, os diários íntimos pelos blogs, os telegramas pelo Twitter, a enciclopédia pela Wikipédia, o álbum de fotos pelo Flickr. O YouTube é mais atraente do que a TV.

(PERISSÉ, G. *A Escrita na Internet*. Especial Sala de Aula. São Paulo, 2010 – fragmento.)

8. (ENEM) – Cada sistema de comunicação tem sua especificidade. No ciberespaço, os textos virtuais são produzidos combinando-se características de gêneros tradicionais. Essa combinação representa,

- a) na redação do e-mail, o abandono da formalidade e do rigor gramatical.
- b) no uso do Twitter, a presença da concisão, que aproxima os textos às manchetes jornalísticas.

c) na produção de um blog, a perda da privacidade, pois o blog se identifica com o diário íntimo.

d) no uso do Twitter, a falta de coerência nas mensagens ali veiculadas, provocada pela economia de palavras.

e) na produção de textos em geral, a soberania da autoria colaborativa no ciberespaço.

RESOLUÇÃO:

No Twitter, como já visto no teste 3, há um limite máximo para o número de caracteres (140) do texto postado, obrigando seu autor a ser conciso, como ocorre na redação de manchetes jornalísticas.

Resposta: B

MÓDULO 16 – ANÁLISE DE TEXTO

INSTRUÇÃO: As questões de números 1 a 6 baseiam-se na letra do samba-canção *Vingança*, de Lupicínio Rodrigues (1914-1974), na letra de *Olhos nos Olhos*, de Chico Buarque de Hollanda (1944), e numa tira do *Casal Neuras*, de Glauco (Glauco Villas-Boas, 1957-2010).

VINGANÇA

*Eu gostei tanto,
Tanto, quando me contaram
Que lhe encontraram
Bebendo, chorando
Na mesa de um bar.
E que quando os amigos do peito
Por mim perguntaram
Um soluço cortou sua voz,
Não lhe deixou falar.
Eu gostei tanto,
Tanto, quando me contaram
Que tive mesmo de fazer esforço
Pra ninguém notar.*

*O remorso talvez seja a causa
Do seu desespero.
Ela deve estar bem consciente
Do que praticou,
Me fazer passar tanta vergonha
Com um companheiro,
E a vergonha
É a herança maior que meu pai me deixou.*

*Mas, enquanto houver voz no meu peito,
Eu não quero mais nada
De pra todos os santos vingança,
Vingança clamar.
Ela há de rolar qual as pedras
Que rolam na estrada
Sem ter nunca um cantinho de seu
Pra poder descansar.*

(Lupicínio Rodrigues. *Vingança*. 1951.)

OLHOS NOS OLHOS

Quando você me deixou, meu bem,
Me disse pra ser feliz e passar bem.
Quis morrer de ciúme, quase enlouqueci,
Mas depois, como era de costume, obedeci.
Quando você me quiser rever,
Já vai me encontrar refeita, pode crer.
Olhos nos olhos, quero ver o que você faz,
Ao sentir que sem você eu passo bem demais
E que venho até remoçando,
me pego cantando
Sem mais nem porquê,
E tantas águas rolaram,
Quantos homens me amaram
Bem mais e melhor que você.
Quando talvez precisar de mim,
Cê sabe que a casa é sempre sua, venha sim.
Olhos nos olhos, quero ver o que você diz,
Quero ver como suporta me ver tão feliz.

(Chico Buarque. *Letra e música*. 1989.)



As duas letras e a tira apresentadas têm como identidade o fato de focalizarem e expressarem o ciúme e outros sentimentos a ele associados, que podem surgir durante a relação ou com a separação de um casal. Tendo em mente essa orientação:

1. (VUNESP-SP) – Mencione um desses sentimentos associados ao ciúme que a personagem masculina da letra de Lupicínio Rodrigues nutre e expressa com relação à ex-companheira.

RESOLUÇÃO:

Os sentimentos associados ao ciúme são o da vergonha (“Me fazer passar tanta vergonha”) e o da vingança (“Vingança clamar”).

2. (VUNESP-SP) – Demonstre que, no texto de Chico Buarque, a personagem feminina expressa seus sentimentos de modo mais sutil e refinado do que a personagem masculina no texto de Lupicínio.

RESOLUÇÃO:

O sentimento de vingança, em *Olhos nos Olhos*, aparece de forma irônica e sutil. O eu lírico feminino rebaixa e despreza o ex-companheiro, já que refez a vida amorosa e sente-se mais feliz com outros homens. Essa agressão irônica aparece inclusive no vocativo “meu bem”. Distancia-se, portanto, do passionalismo destrutivo presente em *Vingança*.

Em ambas as letras, o eu lírico refere-se à ex-companheira (letra de Lupicínio) e ao ex-companheiro (letra de Chico), sendo diferente, porém, a forma gramatical de fazerem essa referência. Examine atentamente o emprego dos pronomes pessoais e de tratamento nas duas letras e, a seguir:

3. (VUNESP-SP) – Determine a forma de tratamento pela qual a personagem feminina faz referência ao ex-companheiro na letra de Chico Buarque.

RESOLUÇÃO:

A forma de tratamento *ocê* (ou a sua forma apocopada *cê*) foi empregada pela personagem feminina para referir-se ao ex-companheiro. As formas imperativas concordam com essa forma de tratamento (“venha”), assim como a forma no presente do indicativo (“como suporta”).

4. (VUNESP-SP) – Considerando que em versões mais recentes da letra de *Vingança* alguns editores, provavelmente influenciados pelo emprego de “lhe” na primeira estrofe, substituem na segunda estrofe “ela” por “você”, justifique a razão dessa troca.

RESOLUÇÃO:

Os editores apontados como responsáveis pela alteração teriam pensado que *lhe* correspondesse apenas à forma de tratamento *você*. Ocorre, porém, que *você* tem a vantagem de permitir que a canção seja interpretada por uma cantora, sem com isso atribuir um sentido homossexual à letra. É isso, aliás, que faz Linda Batista em sua célebre gravação de *Vingança*. (Portanto, não é correto supor que a mudança do pronome tenha ocorrido apenas em “versões mais recentes da letra”. Outra razão que pode ter motivado a troca é que *você*, embora seja a terceira pessoa verbal, é, na verdade, equivalente a pronome de segunda pessoa, pois designa o interlocutor. Assim sendo, o eu lírico da canção de Lupicínio estaria dirigindo suas palavras à (ou ao) amante, e não a terceiros.)

Embora explore o mesmo tema das duas letras, a tira de Glauco diferencia-se pelo tipo de abordagem, que não apresenta a emotividade intensa da letra de Lupicínio, nem o sentimento sutil da letra de Chico. Com base nessa observação e tendo em mente a natureza das tiras de jornais ou revistas:

5. (VUNESP-SP) – Aponte essa diferença de tipo de abordagem do tema na tira de Glauco.

RESOLUÇÃO:

Na tira de Glauco, a intenção humorística, o espaço exíguo e a necessidade de ilustrar sentimentos e emoções por meio de imagens fazem que o ciúme seja representado, alegoricamente, por um bicho monstruoso e a dor do ciúme, metaforicamente, por uma facada.

6. (VUNESP-SP) – Explique a relação aparentemente absurda entre a imagem e a frase no último quadrinho.

RESOLUÇÃO:

A relação entre a fala e a imagem não é, de fato, absurda, pois a facada representada na imagem é a forma de o ciúme “matar a saudade” que tem da personagem.

MÓDULO 17 – ANÁLISE DE TEXTO

Texto para as questões 1 e 2.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos-santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas creem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal frequência é cansativa.

1. Explique por que o narrador afirma ter fracassado em seu intento de “atar as duas pontas da vida”.

RESOLUÇÃO:

Seu fracasso se deve a que o homem que narra já não é o mesmo que protagoniza a história narrada. Ou seja: a passagem do tempo transformou Bentinho em “Dom Casmurro”, que tentou, em vão, recompor o primeiro, buscando reencontrar-se por meio de sua narrativa. O fato é que o jovem Bento Santiago havia ficado no passado, transformado — sobretudo pela suspeita de que fora traído —, num indivíduo solitário, buscando, se não resgatar, pelo menos compreender sua juventude.

2. “O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta.”

O significado do trecho acima é semelhante ao do seguinte provérbio:

- a) Cara de mel, coração de fel.
- b) As aparências enganam.
- c) Quem vê cara não vê coração.
- d) De algodão velho não se faz bom pano.
- e) Quem ama o feio, bonito lhe parece.

RESOLUÇÃO:

O trecho traz uma comparação — a “pintura que se põe na barba e nos cabelos” — para elucidar o fato de que se pode alterar a aparência, rejuvenescendo-a, mas não se pode alterar a idade e o que vai por dentro. Pode-se *aparentar* algo, porém o corpo, “internamente”, não é passível de maquiagem ou tintura. Nesse sentido, pode-se afirmar que há um jogo entre o ser e o parecer, ideia que se aproxima do provérbio apresentado na alternativa b, “As aparências enganam”.

Resposta: B

O texto abaixo é um dos mais importantes capítulos do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Leia-o com atenção e responda às perguntas de 3 a 7.

CAPÍTULO CXXIII
OLHOS DE RESSACA

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.

3. Quem é o “nadador da manhã”, mencionado no final do trecho?

RESOLUÇÃO:

Trata-se de Escobar, amigo de Bentinho e que morrera afogado, deixando viúva Sancha. Sobre Escobar e Capitu recai a suspeita de Bentinho acerca da ideia de adultério que percorre a narrativa.

4. (ITA-SP) – Como é o comportamento de Capitu no velório de Escobar? O que chama a atenção de Bentinho nas reações de sua esposa?

RESOLUÇÃO:

A compreensão dessa passagem de *Dom Casmurro* impõe a noção de que se trata de um “romance de confissão”, no qual o “eu”, narrador e protagonista, filtra o real a partir de um ângulo pessoal e parcial. Assim, a interpretação que Bentinho dá aos gestos e reações de Capitu está contaminada pelo ciúme, pela convicção íntima de que fora vítima do adultério da esposa, exatamente com o morto. Desse modo, ele interpreta a situação como se Capitu estivesse, sob os gestos comedidos que descreve, dissimulando a paixão (“parecia vencer-se a si mesma”) para não evidenciar o sentimento que o narrador supõe real. Mas os “olhos de ressaca”, metáfora central do romance, acabam por revelar, ao conturbado Bentinho, o que os gestos pareciam negar.

5. (ITA-SP) – Por que essa passagem é importante no desenvolvimento do romance de Machado de Assis?

RESOLUÇÃO:

O capítulo CXXIII, “Olhos de Ressaca”, homônimo de outro capítulo de *Dom Casmurro*, o de número XXXII, é um momento crucial da narrativa porque é a partir dele que o narrador fixa para si, não mais uma suspeita, mas a convicção do adultério. A partir desse episódio, passa a agir como o marido traído, transtornado: a tentativa de suicídio e de homicídio do filho Ezequiel; a separação da esposa, enviada à Suíça com o filho; a indiferença diante da morte de Capitu e, mais tarde, do filho adolescente, que não reconhece como seu.

6. “As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa...”

No trecho acima, o autor evitou repetir uma palavra, empregada um pouco antes no texto. De que palavra se trata? De que modo o autor evitou a repetição, nas três orações?

RESOLUÇÃO:

Trata-se da palavra *lágrimas*, subentendida nos três casos. Na primeira oração, o artigo (*as*) e o pronome possessivo (*minhas*) concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem (*lágrimas*); na segunda, o artigo feminino plural é suficiente para que se subentenda a palavra omitida; na terceira, a palavra *lágrimas* está representada pelo pronome pessoal *as*.

7. “Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.”

Extraia do trecho acima as passagens que expressam comparação.

RESOLUÇÃO:

“quais [= como] os da viúva”, “como a vaga do mar lá fora”, “como se quisesse tragar também o nadador da manhã”.

Leia os trechos extraídos de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, para responder à questão 8.

Texto 1

CAPÍTULO CXXXII
O DEBUXO E O COLORIDO

Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam-se apurando com o tempo. Eram como um debuxo primitivo que o artista vai enchendo e colorindo aos poucos, (...) a mudança fez-se, não à maneira de teatro, fez-se como a manhã que aponta vagarosa, primeiro que se possa ler uma carta, depois lê-se a carta na rua, em casa, no gabinete, sem abrir as janelas; a luz coada pelas persianas basta a distinguir as letras. Li a carta, mal a princípio e não toda, depois fui lendo melhor. Fugia-lhe, é certo, metia o papel no bolso, corria a casa, fechava-me, não abria as vidraças, chegava a fechar os olhos. Quando novamente abria os olhos e a carta, a letra era clara e a notícia claríssima.

Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã ou pedir-me à noite a bênção do costume.

Texto 2

CAPÍTULO XL
UMA ÉGUA

A imaginação foi a companheira de toda a minha existência, viva, rápida, inquieta, alguma vez tímida e amiga de empacar, as mais delas capaz de engolir campanhas e campanhas, correndo. Creio haver lido em Tácito que as éguas iberas concebiam pelo vento, se não foi nele, foi noutra autor antigo, que entendeu guardar essa credence nos seus livros. Neste particular, a minha imaginação era uma grande égua ibera; a menor brisa lhe dava um potro, que saía logo cavalo de Alexandre. (...)

8. O primeiro texto descreve a angústia de Bentinho percebendo a semelhança entre seu filho Ezequiel e Escobar. O segundo é uma confissão de Bentinho a respeito de sua gigantesca capacidade de imaginar. A comparação entre os dois textos permite concluir se houve ou não traição? Por quê?

RESOLUÇÃO:

A comparação entre os dois textos não permite concluir se houve ou não traição, porque toda a confissão de Bentinho aparece na primeira pessoa; ele, muito subjetivamente, dá a sua versão dos fatos. Além disso, Bentinho declara que “a sua capacidade de imaginar é gigantesca”: “a imaginação foi a companheira de toda a minha existência...”. Portanto, o que ele dá como realidade poderia não ser mais do que a sua percepção equivocada dos acontecimentos: Capitu poderia ter sido fiel e ele, uma vítima infeliz da “égua ibera” de sua fantasia.

MÓDULO 18 – ANÁLISE DE TEXTO

Texto 1

LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga¹ impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela
E o arrolho² da saudade e da ternura!

som forte e estridente
estrondo – assobio –
[tempestade]

*Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,*

frescor

*Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!*

(Olavo Bilac)

- 1 – *Ganga*: em trabalho de mineração, resíduo de minério não aproveitável numa jazida ou filão (veio).
2 – *Arrolo*: canto com o qual se faz adormecer a criança.

Texto 2

LÍNGUA

*Gosto de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís de Camões.
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões.
Gosto do Pessoa na pessoa,
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade.
E quem há de negar que esta lhe é superior?
E deixa os portugueses morrerem à míngua,
“Minha pátria é minha língua”
– Fala, Mangueira!
Flor do Lácio, Sambódromo
Lusamérica latim em pó
O que quer
O que pode
Esta língua?
(...)*

(Caetano Veloso)

1. (VUNESP-SP) – Não são raros, em nossa literatura, os poemas que tomam por tema a própria língua em que são realizados. Comparando os dois textos acima, encontramos entre ambos identidade e diferenças. Uma das diferenças está no plano da forma poemática: estrofação e tipo de verso utilizado. Observe esses dois aspectos e comente as diferenças de composição.

RESOLUÇÃO:

No poema de Bilac, os versos são decassílabos e estruturados na forma tradicional do soneto italiano: dois quartetos e dois tercetos. No texto de Caetano Veloso, os versos são livres e não obedecem a nenhuma estrutura tradicional de estrofação, que nesse caso também é livre.

2. (VUNESP-SP) – O texto de Bilac contém referências ao Brasil ou ao português aqui falado, como, por exemplo, em: “Amo o teu viço agreste e o teu aroma / De virgens selvas e de oceano largo!”. Localize no texto de Caetano Veloso duas passagens em que se faça referência ao português do Brasil ou a qualquer outro fato associado ao Brasil.

RESOLUÇÃO:

Tanto o possessivo, em “minha língua”, como o demonstrativo, em “esta língua”, referem-se à língua portuguesa em sua vertente brasileira. As referências ao país estão em:

- Sambódromo: espaço criado no Rio de Janeiro para os desfiles das escolas de samba;
- “Lusamérica”: neologismo que se refere à colonização do Brasil por Portugal;
- “– Fala, Mangueira”: referência à escola de samba carioca.

3. (VUNESP-SP) – No verso “És, a um tempo, esplendor e sepultura”, Bilac trabalhou a tessitura sonora pela aliteração do /p/ e do /t/. Em seu texto, Caetano Veloso serve-se diversas vezes do mesmo recurso. Com base nessas informações:

- a) defina aliteração;

RESOLUÇÃO:

A aliteração consiste na repetição de fonemas consonantais iguais ou semelhantes;

- b) indique um verso de Caetano Veloso em que esse recurso é bastante evidente;

RESOLUÇÃO:

No texto de Caetano Veloso, os versos “GoSTo de SenTir a minha Língua roÇar / A Língua de LuíS de CamõeS” apresentam aliteração dos fonemas /s/, /t/ e /l/. Nos versos “A criar conFuSões de ProSódia / E uma ProFuSão de Paródias”, temos aliteração dos fonemas /f/, /z/ e /p/;

c) indique a figura de linguagem presente na expressão “esplendor e sepultura”.

RESOLUÇÃO:

Ao aproximar palavras de sentidos opostos — “esplendor”, que sugere a ideia de vida, e “sepultura”, que sugere a ideia de morte —, Bilac cria uma antítese.

4. (VUNESP-SP – adaptada) – A que fato histórico fundamental fazem alusão as expressões “Flor do Lácio” e “latim em pó”?

RESOLUÇÃO:

O latim, falado na região do Lácio, centrada na cidade de Roma, estendeu-se por quase toda a Europa ocidental por meio da expansão do Império Romano, dando origem às diversas línguas neolatinas, entre elas o português, aqui identificado metaforicamente como uma das flores do “jardim” do Lácio. A expressão “latim em pó” refere-se ao mesmo processo de expansão e consequente transformação do latim.

5. (VUNESP-SP) – Além de Luís de Camões, mencionado nos dois textos, a letra de Caetano Veloso menciona outros dois escritores. Identifique-os e cite uma obra de cada um deles.

RESOLUÇÃO:

Os dois escritores mencionados são Fernando Pessoa, autor de *Mensagem* e outras obras assinadas com seu nome, além de numerosos textos, geralmente poemas, atribuídos por ele a autores fictícios, conhecidos como seus *heterônimos* (Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Bernardo Soares são os mais importantes), e Guimarães Rosa, autor de *Sagarana*, *Grande Sertão: Veredas*, *Primeiras Estórias* etc.

6. (VUNESP-SP) – Segundo o gramático Celso Cunha, *vocativo* é o termo que serve “apenas para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou coisa personificada”. Tendo em mente essa definição, cite um exemplo de vocativo no texto de Bilac e outro no de Caetano Veloso.

RESOLUÇÃO:

Olavo Bilac: “Última flor do Lácio, inculta e bela” e “...ó rude e doloroso idioma”; Caetano Veloso: “Mangueira!”.

7. Explique a razão pela qual a palavra *portugais* aparece escrita com letra minúscula e não com maiúscula na frase: “E deixa os portugueses morrerem à míngua”.

RESOLUÇÃO:

O plural retira do substantivo seu sentido próprio, indicando que o termo se refere não apenas ao país, mas também ao seu legado cultural, seus habitantes, sua língua e costumes e sua literatura, referida em “Minha pátria é minha língua”, que evoca a frase “Minha pátria é a língua portuguesa”, de Fernando Pessoa.

MÓDULO 11

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

O Acordo Ortográfico de 1990, celebrado entre oito países de língua portuguesa (Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, Cabo Verde e Guiné Bissau), iniciou sua vigência no Brasil em janeiro deste ano, ainda de forma não obrigatória; entre 2010 e 2012, os livros didáticos deverão ser adaptados às novas regras; a partir de 2013, a observância plena das normas do Acordo será obrigatória.

Acentue as palavras de cada item e, a seguir, complete as lacunas da conclusão.

1. Monossílabos

ja, pas, fe, cre, ve, le, pes, tres, so, sos, ceu, geis, doi, da-lo, te-lo, pos-se, di-lo, pu-lo, da-lo-as, di-lo-as.

RESOLUÇÃO: já, pás, fé, crê, vê, lê, pés, três, só, sós, céu, géis (plural de gel), dói, dá-lo, tê-lo, pôs-se, dá-lo-ás, di-lo-ás.

Conclusão: devem ser acentuados os **monossílabos tônicos** terminados em **A(S), E(S), O(S), ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)**.

2. Oxítonos

faras, fuba, ate, atraves, jilo, paletos, Santarem, parabens, papeis, chapau, herois, constroi, juriti, urubus, Pacaembu, gasta-lo, exerce-la, dispo-lo, admiti-lo, ama-lo-a, vive-lo-as, repo-lo-as.

RESOLUÇÃO: farás, fubá, até, através, jiló, paletós, Santarém, parabéns, papéis, chapéu, heróis, constrói, gastá-lo, exercê-la, dispô-lo, amá-lo-á, vivê-lo-ás, repô-lo-ás.

Conclusão: devem ser acentuados os **oxítonos** terminados em **A(S), E(S), O(S), EM, ENS, ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)**.

3. Paroxítonos

a) intoleravel, hifen, Nelson, Eden, martir, lider, container, destroi, latex, onix, biceps, hifens, eletron, protons.

RESOLUÇÃO: intolerável, hífen, Néelson, Éden, mártir, líder, contêiner, destróier, látex, ônix, bíceps, elétron, prótons.

Conclusão: acentuam-se os vocábulos **paroxítonos** terminados em **L, N, R, X, PS, ONS**.

b) biquini, juris, gratis, virus, bonus, onus, oasis, martini, safari.

RESOLUÇÃO: biquíni, júris, grátis, vírus, bônus, ônus, oásis, martíni, safári.

Conclusão: acentuam-se os vocábulos **paroxítonos** terminados em **I(S), US**.

c) album(ns), medium(ns), forum, quorum.

RESOLUÇÃO: álbum(ns), médium(ns), fórum, quórum.

Conclusão: acentuam-se os **paroxítonos** terminados em **UM(UNS)**.

d) agencia, historia, vestigios, criterio, faceis, reliquias, Vania, Indonesia.

RESOLUÇÃO:

agência, história, vestígios, critério, fáceis, relíquias, Vânia, Indonésia.

Conclusão: acentuam-se os **paroxítonos** terminados em **Ditongo**.

e) imã(s), orfãs, sótão(s), benção(s), Estevão, órgão(s).

RESOLUÇÃO: imã, órfãs, sótão, bênção, Estêvão, órgão.

Conclusão: acentuam-se os **paroxítonos** terminados em **Ã(S), ÃO(S)**.

Obs.: Perdem o acento gráfico os ditongos representados por *ei* e *oi* da sílaba tônica das palavras paroxítonas: assembleia, joia, ideia, epopeia, heroico, paranoico, jiboia etc.

4. Proparoxítonos

interim, bioetica, lucido, prototipo, cientifica.

RESOLUÇÃO: interim, bioética, lúcido, protótipo, científica.

Conclusão: acentuam-se **todos** os **proparoxítonos**.

5. Acentue:

- | | | | |
|--------|----------------------|------|--|
| a) ele | { tem
vem | eles | { tem
vem |
| b) ele | { mantem
intervem | eles | { mantem (derivados do ter)
intervem (derivados do vir) |

RESOLUÇÃO:

- a) **ele tem – vem**
eles têm – vêm
b) **ele mantém – intervém**
eles mantêm (derivados do ter)
eles intervêm (derivados do vir)

6. Aponte a alternativa em que haja **erro** de acentuação.

- a) Os alunos leem as obras literárias pedidas pelos grandes vestibulares.
b) Poucas pessoas prevêem o fim dos conflitos no Oriente Médio.
c) Quem retém a mercadoria na alfândega?
d) A avó entretém as crianças com antigas canções.
e) De onde provêm esses dados estatísticos?

RESOLUÇÃO: Resposta: B

7. (PUC-PR-modificada) – Preencha corretamente os pontilhados:

1. Querer, eles querem.
2. Ler, eles _____
3. Ter, eles _____
4. Crer, eles _____
5. Vir, eles _____
6. Ver, eles _____

RESOLUÇÃO: 2) leem; 3) têm; 4) creem; 5) vêm; 6) veem.

8. (ENEM) – Diante da visão de um prédio com uma placa indicando SAPATARIA PAPALIA, um jovem deparou com a dúvida: como pronunciar a palavra PAPALIA?



Levado o problema à sala de aula, a discussão girou em torno da utilidade de conhecer as regras de acentuação e, especialmente, do auxílio que elas podem dar à correta pronúncia de palavras.

Após discutirem pronúncia, regras de acentuação e escrita, três alunos apresentaram as seguintes conclusões a respeito da palavra PAPALIA:

I. Se a sílaba tônica for o segundo PA, a escrita deveria ser PAPÁLIA, pois a palavra seria paroxítona terminada em ditongo crescente.

II. Se a sílaba tônica for LI, a escrita deveria ser PAPALÍA, pois "i" e "a" estariam formando hiato.

III. Se a sílaba tônica for LI, a escrita deveria ser PAPALIA, pois não haveria razão para o uso de acento gráfico.

A conclusão está correta apenas em:

- a) I b) II c) III d) I e II e) I e III

RESOLUÇÃO:

A afirmação II está errada, porque, no caso, se aplicaria a regra das paroxítonas, que não levam acento gráfico quando terminadas em *a*. A regra referente aos hiatos é de teor totalmente diverso e diz respeito apenas a hiatos em que o segundo elemento, não o primeiro, seja *i* ou *u*.

Resposta: E

MÓDULO 12

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

ACENTO DIFERENCIAL

- Acentuam-se _____ → para diferenciar de
- pôde (pretérito) _____ → pode (presente)
- eles têm, eles vêm (plural) _____ → ele tem, ele vem (singular)
- pôr (verbo) _____ → por (preposição)

Obs.: É facultativo o emprego do acento circunflexo para diferenciar *forma* / *fôrma*, buscando-se sempre a clareza da frase.

Acentue as palavras de cada item e, a seguir, complete as lacunas.

1. **Hiato**

países, saúde, faísca, baús, Tatui, Tambau, construída, subtraí-lo, distraí-la-íamos, tainha, Raul, Coimbra, saindo, diurno, raiz, raízes, juizes, substituído, gratuito, intuito, feiura, taoísmo.

RESOLUÇÃO:

países, saúde, faísca, baús, Tatuí, Tambaú, construída, subtraí-lo, distraí-la-íamos, tainha, Raul, Coimbra, saindo, diurno, raiz, raízes, juízes, substituído, gratuito, intuito, feiura, taoísmo.

Conclusão: acentuam-se o _____ e o _____, 2.^a vogal tônica após hiato, quando _____ na sílaba ou com S, não seguidos de _____ e não precedidos de _____.

RESOLUÇÃO: I, U, sozinhos, NH, ditongo.

2. (IBMEC-adaptada) – Analise os períodos abaixo levando em conta que o Acordo Ortográfico, em vigor a partir de 2009 no Brasil, prevê a eliminação do acento diferencial no par pára (verbo)/para (preposição).

- I. Remédio para coração.
- II. Quando ele para para pensar, desiste.
- III. Mercedes dá férias coletivas a 7 000 e para fábrica no ABC.
- IV. O automóvel para em frente da porta.

Os períodos que podem gerar ambiguidade são

- a) I, II e IV. b) II, III e IV. c) II e III.
d) II e IV. e) I e III.

RESOLUÇÃO: Resposta: E

3. (FGV) – Observe a tira.

GRUMP - Orlandeli



(http://educacao.uol.com.br/album/tiras_reforma_album.jhtm)

Tendo como base as informações da tira e as palavras *ideia* e *constrói*, conclui-se que

- a) nenhuma das duas palavras contém ditongo, por isso a regra do acordo descrita não se aplica a elas.
- b) ambas as palavras estão corretamente grafadas, tendo como referência o novo acordo ortográfico.
- c) nenhuma das palavras deve receber acento agudo no ditongo aberto, pois elas são oxítonas.
- d) ambas as palavras deveriam receber acento, pois este deve estar presente nos ditongos das paroxítonas, conforme o novo acordo ortográfico.
- e) houve troca no acento, pois a primeira, por ser oxítona, é que deveria ser acentuada conforme o novo acordo ortográfico.

RESOLUÇÃO:

Em *ideia* não se acentua o ditongo aberto *ei* por se tratar de palavra paroxítona (*i-dei-a*); em *constrói* o ditongo aberto é acentuado porque a palavra é oxítona. Resposta: B

Leia o texto a seguir e responda às questões de 4 a 6.

Você não faz ideia
do que mudou na
Língua Portuguesa?
Fica tranquilo!
Para de se preocupar,
seja auto**s**uficiente e
consulte o Míni Houaiss.

(Nova Escola. São Paulo: 8/4/2008, 4.ª capa)

4. (UEL) – O texto faz parte da propaganda de um dicionário de língua portuguesa.

Sobre as marcas de correção presentes no texto, assinale a alternativa correta.

- a) Trata-se de retificações, no plano semântico, das palavras do léxico brasileiro.
- b) Referem-se às alterações ortográficas a serem feitas na língua portuguesa.
- c) São correções necessárias para a modificação da pronúncia dessas palavras.
- d) São parte das mudanças sintáticas que deverão ocorrer em breve no Português.
- e) Configuram sugestões de correção para que o texto se torne mais coeso.

RESOLUÇÃO:

As alterações assinaladas referem-se apenas a um aspecto da ortografia, a acentuação, e não afetam nenhum outro sistema da língua (morfologia, sintaxe, semântica). São alterações determinadas pelo Acordo Ortográfico celebrado entre os países de língua portuguesa. Resposta: B

5. (UEL) – Sobre cada uma das marcações feitas no texto, considere as afirmativas a seguir.

- I. A palavra "ideia" perderá o acento, visto que haverá alteração no timbre dessa palavra cujo ditongo aberto passará a ser fechado.
- II. Em "tranquilo", a eliminação do trema implicará alteração na pronúncia, aproximando-a da palavra "aquilo".
- III. "Para" perderá o acento que o diferencia de "para", o que exigirá do leitor a observação do contexto para a correta distinção desses vocábulos.
- IV. Quanto a "autossuficiente", o acréscimo do "s" visa manter a pronúncia original de "suficiente" quando este se juntar ao prefixo "auto" sem a presença do hífen.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

RESOLUÇÃO:

I e II estão erradas porque as alterações só afetam a grafia, não a pronúncia das palavras. Resposta: C

6. (UEL) – Levando-se em conta que o texto é dirigido a um potencial comprador do dicionário anunciado, assinale a alternativa correta quanto à sua construção.

- I. O anúncio, ao dirigir-se ao leitor, reforça a finalidade persuasiva própria do gênero anúncio publicitário.
- II. A segunda frase pressupõe desconhecimento, por parte do leitor, do conteúdo das mudanças referidas na pergunta lançada anteriormente.
- III. O uso do modo imperativo, comum em anúncios publicitários, está contrariando a norma padrão do Português, por misturar pessoas verbais.
- IV. Os adjetivos presentes no anúncio publicitário conferem ao texto maior cientificidade.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

RESOLUÇÃO:

Quanto à afirmação III, note-se que, para manter-se a concordância na terceira pessoa, as formas do imperativo deveriam ser *fique* e *pare*, em vez de *fica* e *para*. A IV está errada: não há nenhum adjetivo no texto, mas, se houvesse, não seria o emprego de qualquer adjetivo que poderia conferir cientificidade ao texto. Resposta: D

7. (UNICAMP – vagas remanescentes) –



a) A presente charge faz alusão a um acontecimento recente que envolveu o Brasil. Qual?

RESOLUÇÃO:

A reforma ortográfica entre os países falantes de língua portuguesa.

b) Explique a pertinência da escolha das três personagens caricaturadas no banco do consultório.

RESOLUÇÃO:

As personagens referem-se a palavras que antes da reforma eram escritas com trema e depois da reforma perdem o trema: *linguiça*, *pinguim* e *cinquenta*.

INTERPRETAÇÃO DE TEMA

POEMA DO BECO

Que importa a paisagem, a glória, a baía, a linha do horizonte?

O que eu vejo é o beco.

(Manuel Bandeira)

À LUZ DE BANDEIRA

*Que me importa o beco,
a ausência de paisagem,
o fim da linha e a ausência
de horizonte?*

O que eu vejo é a glória.

(Ledusha Spinardi)

1. O texto de Ledusha Spinardi retoma trechos do poema de Bandeira, num claro processo intertextual. Ocorre, porém, que a poetisa inverte os elementos da imagem criada por Bandeira. Essa inversão provoca diferença na interpretação dos poemas?

RESOLUÇÃO:

Sim, porque cada um manifesta diferentes atitudes diante da vida: Bandeira é pessimista, reconhece as muitas possibilidades de realização, mas só consegue ver limitações (“beco”); já Ledusha é otimista, nega as limitações e acredita nas realizações.



*“Dois homens olham
pela mesma janela.
Um vê a lama.
O outro vê as estrelas.”*

(Frederick Langbridge)

2. A relação entre os poemas do primeiro exercício e a ilustração acima é de

- a) contradição. b) intensificação. c) confluência. d) exclusão. e) possibilidade. **Resposta: C**

“A literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta.” (Fernando Pessoa)

3. Assinale a alternativa que recupera a ideia explorada no trecho acima:

- a) “A arte não tem a verdade como objetivo. Deve-se pedir a verdade às ciências, porque é o objetivo delas; não se deve pedi-la à literatura, que não tem e não pode ter como objetivo senão o belo.” (Anatole France)
b) “Condenados a uma existência que nunca está à altura de seus sonhos, os seres humanos tiveram que inventar um subterfúgio para escapar de seu confinamento dentro dos limites do possível: a ficção.” (Mario Vargas Llosa)
c) “Ora afinal a vida é um bruto romance / e nós vivemos folhetins sem o saber.” (Carlos Drummond de Andrade)
d) “Faz o que quiseres: esta vida é ficção, / E toda feita de contradição.” (Blake)
e) “Nossa vida é um livro que se escreve sozinho. Somos personagens de romance, que nem sempre compreendem bem o que o autor quer.” (Julien Green) **Resposta: B**

4. (FUVEST-Transferência) – “Existem três tipos de pessoas: as que deixam acontecer, as que fazem acontecer e as que perguntam o que aconteceu.” (John M. Richardson Jr.)

Tais pessoas podem ser caracterizadas, respectivamente, como

- a) conformistas, pretensiosas e tolas.
b) ingênuas, ativas e passivas.
c) comodistas, oportunistas e indulgentes.
d) acomodadas, empenhadas e alienadas.
e) despreparadas, fortes e fracas. **Resposta: D**

I. *O pior não é morrer de fome num deserto: é não ter o que comer na terra prometida.* (José Lins do Rego)

II. *Condenamos tudo o que nos parece estranho, assim como o que não entendemos.* (Michel de Montaigne)

III. *Ninguém experimenta a profundidade de um rio com os dois pés.* (Provérbio africano)

IV. *Ver com olhos livres.* (Oswald de Andrade)

5. A ideia explorada em cada uma das citações é, respectivamente,

- a) miséria, impotência, receio, humildade.
b) indignação, arrogância, negligência, prazer.
c) escassez, ignorância, prudência, tolerância.
d) mesquinhez, altivez, preguiça, maledicência.
e) caridade, presunção, impulsividade, liberdade.

RESOLUÇÃO: Resposta: C

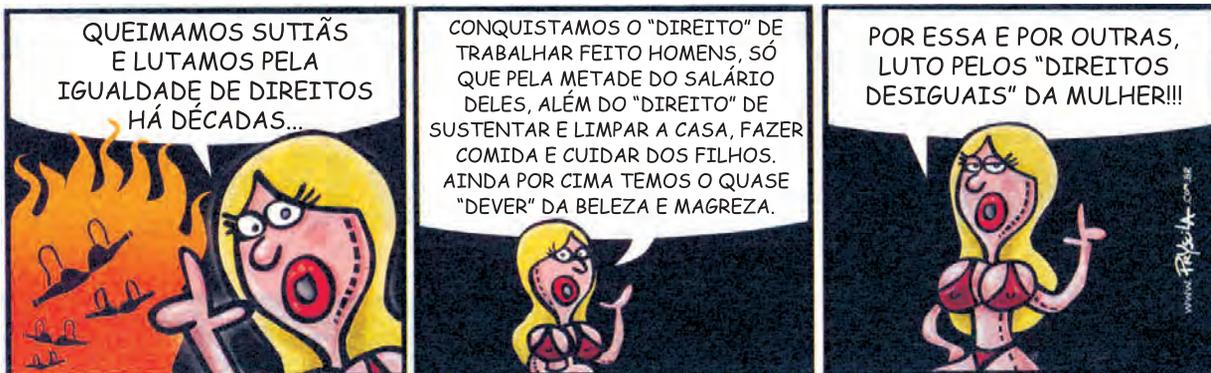
Tenho apenas duas mãos

E o sentimento do mundo. (Carlos Drummond de Andrade)

6. O tema é

- a) necessidade de realizar as transformações que o mundo exige.
b) impotência para transformar o mundo, em conflito com o desejo de realizar essa transformação.
c) ironia ao constatar a impossibilidade de realizar transformações por ser um único indivíduo.
d) consciência de que é preciso agir em nome dos sentimentos mais íntimos.
e) orgulho por ser capaz de enfrentar o mundo apenas com suas mãos.

RESOLUÇÃO: Resposta: B

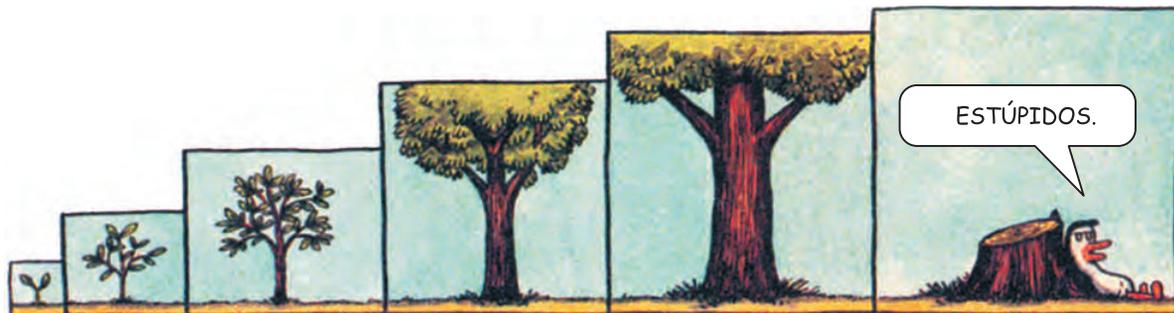


(www.metropoint.com – 20/9/2010)

7. Interprete a tirinha acima.

RESOLUÇÃO:

A personagem da tirinha questiona os “direitos” conquistados pelas mulheres em sua luta por emancipação, porque o tempo demonstrou que em vez dessas conquistas proporcionarem igualdade com os homens, elas resultaram em excesso de obrigações e desvantagem salarial.



8. O que denuncia a tirinha acima?

RESOLUÇÃO:

Denuncia a insensatez humana, que destrói em minutos o que a natureza levou anos para gerar.



9. Que situação a charge acima denuncia?

RESOLUÇÃO:

O desrespeito aos direitos dos deficientes físicos, porque apesar de a constituição garantir esses direitos, na prática muito pouco tem sido feito para integrar esses indivíduos à sociedade.

MALVADOS - André Dahmer



10. Interprete a charge acima.

RESOLUÇÃO:

A charge denuncia uma situação familiar comum nos dias de hoje: cada membro isola-se no seu mundo e adquire algum tipo de vício que supre suas carências físicas e emocionais. Na charge, o pai é viciado em bebida alcoólica; a mãe, em chocolate; o filho, em refrigerante e a filha, em calmantes.



FRANK & ERNEST - Thaves



1. (ENEM) – A situação abordada na tira torna explícita a contradição entre a(s)

- a) relações pessoais e o avanço tecnológico.
- b) inteligência empresarial e a ignorância dos cidadãos.
- c) inclusão digital e a modernização das empresas.
- d) economia neoliberal e a reduzida atuação do Estado.
- e) revolução informática e a exclusão digital.

RESOLUÇÃO: O avanço tecnológico tem acarretado a substituição de pessoas por máquinas até em tarefas que sempre foram consideradas eminentemente pessoais, como é o caso do atendimento telefônico ao público. Como a adoção da tecnologia mais avançada é geralmente valorizada, desvaloriza-se, na tira transcrita, a empresa que ainda mantém pessoas em funções já desempenhadas por máquinas. **Resposta: A**

Texto 1



Texto 2

Sonho Impossível

- Sonhar
- Mais um sonho impossível
- Lutar
- Quando é fácil ceder
- Vencer o inimigo invencível
- Negar quando a regra é vender
- Sofrer a tortura implacável
- Romper a incabível prisão
- Voar num limite improvável
- Tocar o inacessível chão
- É minha lei, é minha questão
- Virar esse mundo
- Cravar esse chão

- Não me importa saber
- Se é terrível demais
- Quantas guerras terei que vencer
- Por um pouco de paz
- E amanhã se esse chão que eu beijei

For meu leito e perdão
Vou saber que valeu delirar
E morrer de paixão
E assim, seja lá como for
Vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão.

(J. Darione – M. Leigh
Versão de Chico Buarque de Hollanda e Ruy Guerra, 1972.)

- 2. (ENEM) – A tirinha e a canção apresentam uma reflexão sobre o futuro da humanidade. É correto concluir que os dois textos
 - a) afirmam que o homem é capaz de alcançar a paz.
 - b) concordam que o desarmamento é inatingível.
 - c) julgam que o sonho é um desafio invencível.
 - d) têm visões diferentes sobre um possível mundo melhor.
 - e) transmitem uma mensagem de otimismo sobre a paz.

RESOLUÇÃO: No texto “Sonho Impossível”, o eu lírico acredita na possibilidade, ainda que remota, de um mundo melhor, como afirmam os versos finais: “Vai ter fim a infinita aflição / E o mundo vai ver uma flor / Brotar do impossível chão”. Na tira de Quino, o aviãozinho, feito de folha de jornal com a manchete “Nova tentativa de desarmamento”, espatifa-se. Esse desastre simboliza o fracasso da tentativa desarmamentista, como indica a fala de Mafalda. **Resposta: D**

MAFALDA - Quino



- 3. (ENEM) – A conversa entre Mafalda e seus amigos
 - a) revela a real dificuldade de entendimento entre posições que pareciam convergir.
 - b) desvaloriza a diversidade social e cultural e a capacidade de entendimento e respeito entre as pessoas.
 - c) expressa o predomínio de uma forma de pensar e a possibilidade de entendimento entre posições divergentes.
 - d) ilustra a possibilidade de entendimento e de respeito entre as pessoas a partir do debate político de ideias.
 - e) mostra a preponderância do ponto de vista masculino nas discussões políticas para superar divergências.

RESOLUÇÃO: A discórdia entre os amigos de Mafalda, após concordarem em que a humanidade estivesse indo “para a frente”, já se insinua no segundo quadro, com as reticências que truncam a expressão que se subentende: “é claro”. No terceiro quadro, a contraposição dos meninos (à esquerda e à direita) introduz a noção de subjetividade, de posição pessoal, já que, para cada um dos interlocutores, “para frente” aponta uma direção contrária. A conclusão amargamente irônica de Mafalda envolve a compreensão de que, para que a humanidade fosse para frente, seria necessário superar a irredutibilidade das posições pessoais. **Resposta: A**

MÓDULO 14

ORTOGRAFIA, EMPREGO DO PORQUÊ, MAL E OUTROS

1. Complete com **por que** (interrogativa direta ou indireta, equivale a *pelo qual*; indica razão, motivo) ou **por quê** (final de frase).

- _____ devemos falar a verdade?
- Não é fácil saber _____ ele persiste em mentir.
- A estrada _____ deveríamos passar está interdita.
- Os motivos _____ não veio são desconhecidos.
- Não interessa _____ você se comportou daquela maneira.
- Você ainda tem coragem de perguntar _____ ?

RESOLUÇÃO:

a) por que; b) por que; c) por que; d) por que; e) por que; f) por quê.

2. Complete com **porque** (explicação ou causa, equivalendo a *pois*, *já que*, *como*) ou **porquê** (substantivo).

- Faça silêncio, _____ você está em um hospital.
- A situação agravou-se _____ ninguém reclamou.
- Resta ainda descobrir o _____ dessas declarações.
- Todos desconhecem o _____ de sua revolta.

RESOLUÇÃO:

a) porque; b) porque; c) porquê; d) porquê.

Para responder à questão 3, observe o cartum.



(Ziraldo, em *Antologia do Pasquim*, v. 2: 1972-1973. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.)

3. (UFABC) – Assinale a alternativa em que a fala da personagem tem a expressão adequada tanto à norma padrão escrita quanto aos dados de realidade a que o cartum remete.

- Por que tantas notícias? Por que tanta cobertura dos jornais, da TV? O que é que nós temos a ver com as eleições norte-americanas?
- Porque tantas notícias? Porque tanta cobertura dos jornais, da TV? O que é que as pessoas tem à ver com as eleições norte-americanas?
- Porquê tantas notícias? Porquê tanta cobertura dos jornais, da TV? O que é que a gente tem haver com as eleições americanas?
- Por quê tantas notícias? Por quê tanta cobertura dos jornais, da TV? O que é que se tem à ver com as eleições norte-americanas?
- Por quê tantas notícias? Por quê tanta cobertura dos jornais, da TV? O que é que a gente temos que ver com as eleições americanas?

RESOLUÇÃO:

As orações interrogativas devem ser introduzidas pela locução interrogativa *por que*, formada pelo pronome interrogativo *que* precedido da preposição *por*, com o sentido de “por qual razão?” A expressão “a ver” é formada da preposição *a* e do verbo *ver* (não *haver*), não se justificando, portanto, a crase assinalada nas alternativas b e d.

Resposta: A

4. (FGV) – Leia o poema de Alberto Caieiro.

(...)

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...

Se falo na Natureza não é _____ saiba o que ela é,

Mas porque a amo, e amo-a por isso,

_____ quem ama nunca sabe o que ama

Nem sabe _____ ama, nem o que é amar...

Amar é a eterna inocência

E a eterna inocência não pensar...

Empregue, correta e respectivamente, nas lacunas do poema, as palavras: porque, por que, porquê ou por quê.

RESOLUÇÃO:

“Se falo na Natureza não é **PORQUE** saiba o que ela é,

Mas porque a amo, e amo-a por isso,

PORQUE quem ama nunca sabe o que ama

Nem sabe POR QUE ama, nem o que é amar...”

5. (IBMEC) – Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo.

Ignoramos _____ o governo não alterou a tabela do imposto de renda.

O time teve um _____ desempenho.

Conheci o apartamento _____ aconteceu aquela tragédia.

- por que, mau, onde.
- porque, mal, onde.
- porquê, mal, aonde.
- por que, mau, aonde.
- porque, mau, aonde.

RESOLUÇÃO: Resposta: A

Texto para as questões de 6 a 9.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem dagora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória.

(Pedro Nava, *Bau de ossos*)

6. (FUVEST) – Ao analisar os processos da memória, o autor manifesta a convicção de que

- os fatos que não são lembrados com constância cairão para sempre nos abismos do esquecimento.
- é mais dolorosa a lembrança de fatos que pareciam para sempre esquecidos do que a dos fatos que não saem da memória.
- os fatos que pareciam inteiramente esquecidos podem de repente surgir na memória com o aspecto de uma associação imprópria.
- é mais prazerosa a memória assídua de fatos da infância do que a memória de fatos ocorridos mais recentemente.
- os fatos que, quando vividos, pareciam extravagantes costumam ser depois lembrados como inteiramente lógicos.

RESOLUÇÃO: O memorialista mineiro faz uma distinção entre dois níveis de impregnação na memória dos fatos da infância: os inolvidáveis, “que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos...”, e os outros, “miúdos”, “incolores”, que a memória “atira nos abismos do esquecimento”.

O afloramento destes últimos nas nossas lembranças parece “incongruência”, diz o autor; “com o aspecto de uma associação imprópria”, diz o enunciado, mas “só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica”, arremata Pedro Nava, com a autoridade de um dos grandes nomes da prosa memorialística e do médico que enveredou também pela psiquiatria. Resposta: C

7. (FUVEST) – A expressão “O que assim parece” tem, no contexto, o sentido de

- o que aparenta ser uma pura lembrança.
- o que aparenta ser uma associação de ideias.
- o que parece harmonizado no subconsciente.
- o que parece uma incongruência.
- o que aparece como se fosse lógico.

RESOLUÇÃO: A expressão em questão refere-se à afirmação “como se fossem uma incongruência”. Resposta: D

8. (FUVEST) – O que Pedro Nava afirma no final do texto ajuda a compreender o título do livro *Esquecer para lembrar*, de Carlos Drummond de Andrade, título que contém

- um paradoxo apenas aparente, já que designa uma das operações próprias da memória.
- uma contradição insuperável, justificada apenas pelo valor poético que alcança.
- uma explicação para a dificuldade de se organizar de modo sistemático os fatos lembrados.
- uma fina ironia, pois a antítese entre os dois verbos dá a entender o inverso do que nele se afirma.
- uma metáfora, já que o tempo do esquecimento e o tempo da lembrança não podem ser simultâneos.

RESOLUÇÃO: A operação que consiste em “esquecer para lembrar” é descrita nas últimas linhas do texto. Resposta: A

9. (FUVEST) – O valor sintático-semântico do vocábulo destacado no trecho: “Há os outros, (...) que mal se deram...” corresponde ao do mesmo termo em:

- Vou aceitar o cargo, apesar de falar mal o português.
- Meu livro foi mal acolhido pelos críticos de plantão.
- Mal sabia eu o que me esperava atrás daquela porta.
- Em público, ela mal olha para mim.
- Mal entrei em casa, o telefone tocou.

RESOLUÇÃO: O sentido de *mal*, empregado como conjunção no texto, é temporal, equivalendo a “logo que”, tal como na alternativa e. Em a e b, *mal* é advérbio de modo; em c, é advérbio de negação; em d, advérbio de intensidade. Resposta: E

10. Complete com **acerca de** (= sobre) ou **há cerca de** (= período aproximado de tempo).

- A Internet surgiu durante a Guerra Fria _____ cinquenta anos.
- Havia uma conferência _____ efeito estufa.
- Nada sei _____ manifestações que ocorreram no País _____ quinze anos.

RESOLUÇÃO: a) há cerca de; b) acerca do; c) acerca de / há cerca de.

11. (PUCCAMP) – Das cinco alternativas apresentadas nesta questão, apenas uma completa adequadamente as sentenças seguintes. Aponte-a.

- Afinal, chegou o presente _____ tanto esperávamos.
- _____ você vai com tanta pressa?
- _____ de dois meses, mudamos para este bairro.

- por que, aonde, há cerca.
- porque, onde, acerca.
- por que, onde, a cerca.
- porque, onde, há cerca.
- porque, aonde, a cerca.

RESOLUÇÃO: Resposta: A

12. Complete com **a** ou **há**:

- a (tempo futuro, distância, pronome oblíquo e artigo)
- há (tempo passado, com sentido de *existir*)

- Sairemos daqui _____ 20 dias, pois estamos _____ poucos dias da eleição.
- Não _____ encontro _____ cinco dias.
- _____ distância entre _____ amizade e o amor pode ser _____ distância de um beijo.
- Este trabalho foi planejado _____ tanto tempo!
- Ainda _____ dúvidas quanto à sua atuação.
- Nesta sala, _____ excesso de alunos.
- _____ horas esperava por você! _____ tempos desejava encontrá-lo!

RESOLUÇÃO: a) a – a; b) a – há; c) a – a – a; d) há; e) há; f) há; g) Há, Há.

13. Complete com **afim** (semelhante) ou **a fim de** (finalidade).

- Pessoas _____ têm os mesmos ideais.
- Trabalhou duramente _____ comprar uma casa.

RESOLUÇÃO: a) afins; b) a fim de.

14. Complete com **a princípio** (na fase inicial, no princípio) ou **em princípio** (em tese, de maneira geral).

- _____, o relacionamento do casal era tranquilo; depois se tornou violento.
- _____, todos os casamentos deveriam ocorrer por amor.

RESOLUÇÃO: a) a princípio; b) em princípio.

15. Complete com **ao invés de** (= ao contrário de) ou **em vez de** (= no lugar de).

- a) _____ prestarmos o concurso, resolvemos estudar mais.
b) _____ vender, comprou mais um carro.

RESOLUÇÃO: a) em vez de; b) ao invés de.

16. Complete com **por ora** (por enquanto) ou **por hora** (a cada sessenta minutos).

- a) Não se cogita _____ em suspender os programas sociais.
b) Fui multado porque corria a 120 km _____

RESOLUÇÃO: a) por ora; b) por hora.

17. Complete com **tampouco** (advérbio = também não) ou **tão pouco** (advérbio de intensidade *tão* + pron. indefinido *pouco*):

- a) Ele mostrou _____ entusiasmo pela viagem, que desistimos de fazê-la.
b) Não comeu o risoto, _____ o pavê.

RESOLUÇÃO: a) tão pouco; b) tampouco.

18. (FUVEST-transferência) – Das palavras ou expressões sublinhadas nas seguintes frases, a única corretamente grafada é:

- a) Se por ventura for convidado para a festa de formatura, você irá?

- b) Não gostava de falar em público tão pouco de dar entrevistas.
c) Não aceitou o convite, porquanto antipatizava com o dono da casa.
d) Distribuiu muitos convites, afim de que seu casamento fosse bastante concorrido.
e) Dormiu demais, porisso acabou não podendo fazer a prova.

RESOLUÇÃO: Resposta: C

19. Complete com **ao encontro de** ou **de encontro a**.

- a) Concordo com sua opinião, pois ela vem _____ minha.
b) O argumento do meu chefe sempre vem _____ meu. Acho que pertencemos a mundos diferentes.
c) O carro foi _____ poste.

RESOLUÇÃO: a) ao encontro da; b) de encontro ao; c) de encontro ao.

20. Preencha os espaços com **se não** ou **senão**.

- a) _____ chover, iremos ao cinema.
b) Estude, _____ ficará de castigo.
c) Perdoe, _____ a vida lhe será amarga.
d) Todos, _____ ele, foram bem no simulado.

RESOLUÇÃO: a) se não (caso não); b) senão (do contrário, de outro modo); c) senão (do contrário, de outro modo); d) senão (exceto).



Aplicações

1. (UFSCar) – Considere a tirinha.



(www.custodio.net)

Na situação comunicativa em que se encontram, os personagens valem-se de uma variedade linguística marcada pela informalidade. Reescreva as frases a seguir, adequando-as à norma padrão, e justifique as alterações realizadas.

- a) – Onde ele foi? – e – Vai onde for preciso!
b) – Você conhece ele... – e – A gente tem camisa pro frio?

RESOLUÇÃO:

a) O Examinador considerou que a forma “correta”, ou seja, conforme à norma culta, devesse ser, nos dois casos, *aonde*, pois o verbo de movimento ir rege a preposição a: *Aonde ele foi e Vai*

aonde for preciso. Ocorre, porém, que a melhor tradição da língua portuguesa não justifica a distinção, tão cara à arbitrariedade e ao autoritarismo de gramáticos normativos, entre onde e aonde. Uma simples consulta ao *Dicionário Aurélio*, s. v. aonde, esclarece a questão: “O uso dos melhores autores (...) desde um Azurara, da fase arcaica da língua, até um José Régio ou um Miguel Torga, dos nossos dias, não distingue onde de aonde. Clássico dos mais reputados, Rebelo da Silva usa aonde por onde cerca de 40 vezes nos seus *Contos e Lendas*; uma delas (só para exemplificar), na pág. 20: ‘o cemitério aonde dormem os que nos amaram’. Por vezes ocorre o emprego simultâneo de um e outro advérbio com a mesma significação: ‘Nise? Nise? onde estás? aonde? aonde?’ (Cláudio Manuel da Costa, *Obras Poéticas*, I, p. 109); ‘Mas aonde te vais agora, / Onde vais, esposo meu?’ (Machado de Assis, *Poesias Completas*, p. 207). Note-se, na abonação machadiana, que a métrica não se oporia à repetição do aonde.”

b) *Você o conhece?* – Em vez do caso reto do pronome *ele*, deve-se usar o caso oblíquo o como complemento verbal de objeto direto. *Nós temos camisa para o frio?* – São tipicamente coloquiais os empregos de a gente em lugar do pronome nós e de pro como fusão da preposição para com o artigo definido o.

2. (IBMEC) – Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas dos enunciados a seguir.

- Respondeu, num tom seco e, que era atualmente um especialista em crueldades da existência.
 - Após quase oito anos de guerra no Afeganistão, nota-se o do grupo radical islâmico Taleban.
 - Merecimento e tempo de serviço determinam ade quem atua em órgãos públicos da administração direta.
 - Aé que o presidente sancione hoje o projeto da reforma eleitoral.
- a) pretencioso, recrudescimento, ascensão, expectativa.
b) pretencioso, recrudescimento, ascensão, espectativa.
c) pretencioso, recrudescimento, ascensão, espectativa.
d) pretencioso, recrudescimento, ascensão, expectativa.
e) pretencioso, recrudescimento, ascensão, expectativa.

Resposta: D

Nome _____

Unidade _____

3.º ANO
MÓDULO 8

Turma Manhã Tarde Noite

Escolha um dos temas abaixo já estudados no módulo 13 e escreva uma dissertação em prosa, emitindo sua opinião de forma objetiva e clara.

Tema A

POEMA DO BECO

Que importa a paisagem, a glória, a baía, a linha do horizonte?

O que eu vejo é o beco.

(Manuel Bandeira)

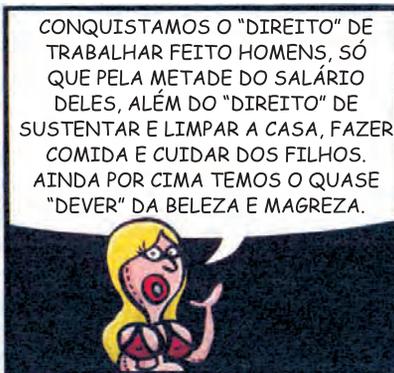
À LUZ DE BANDEIRA

*Que me importa o beco,
a ausência de paisagem,
o fim da linha e a ausência
de horizonte?*

O que eu vejo é a glória. (Ledusha Spinardi)

Tema B

AMELY - Priscila Vieira



(www.metropoint.com – 20/9/2010)

Tema C

“A literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta.”

(Fernando Pessoa)

Tema escolhido: A

B

C

Nome _____

Unidade _____

3.º ANO
MÓDULO 10

Turma

Manhã

Tarde

Noite

Uma nova civilização está sendo formada – a Terceira Onda. A primeira onda foi agrária; a segunda industrial; e a terceira é uma nova maneira de viver!

(Alvin Toffler, escritor, *Jornal do Brasil*)

O aspecto mais marcante da transição que estamos vivendo é a passagem do trabalho para o lazer. O lazer contém o futuro.

(Henri Lefebvre 1901-1991 – Filósofo Francês)

Até agora a raça humana passou por duas grandes ondas de mudança, cada uma obliterando consideravelmente culturas ou civilizações anteriores e substituindo-as por modalidades de vida inconcebíveis para os que nos antecederam. A Primeira Onda de mudança – a revolução agrícola – levou milhares de anos para se esgotar. A Segunda Onda – o advento da civilização industrial – durou apenas cem anos. A história de hoje é ainda mais acelerada, e é provável que a Terceira Onda atravesse impetuosamente a história e se complete em poucas décadas. Aqueles de nós que têm o privilégio de compartilhar o planeta neste momento explosivo sentirão, portanto, o impacto total da Terceira Onda em pleno gozo de suas vidas.

A Terceira Onda traz consigo uma maneira de vida genuinamente nova, baseada em fontes de energias diversificadas, renováveis; em métodos de produção que tornam a maioria das linhas de montagem das fábricas obsoletas; em famílias novas, não nucleares; em uma nova instituição que poderíamos chamar de "casa eletrônica"; em escolas e corporações do futuro radicalmente modificadas. A civilização emergente estabelece um novo código de comportamento para nós e nos transporta para além da padronização e da centralização, para além da concentração de energia, dinheiro e poder.

(O Estado de S. Paulo)

Os avanços tecnológicos e as redes mundiais de telecomunicações, as chamadas infovias, como a Internet, a Compuserve, permitem grandes aumentos de produtividade, porém consomem postos de trabalho. Para o especialista em sociologia do trabalho, Domenico De Masi, esse fenômeno não deve ser visto somente de uma forma negativa. Para ele, podemos realizar o velho sonho do homem, que é liberar-se do trabalho repetitivo e cansativo.

Segundo De Masi, podemos criar um novo contexto social, revalorizando as horas de ócio, uma oportunidade para que o homem possa expressar a sua criatividade e conquistar um novo bem-estar.

(O Estado de S. Paulo)

Você acredita na possibilidade de concretização da civilização imaginada por Alvin Toffler e Domenico De Masi ou a passagem do trabalho para o lazer é uma utopia? Discuta suas ideias num texto dissertativo em prosa.

MÓDULO 15

VERBOS I

Texto para a questão 1.

Folha – De todos os ditados envolvendo o seu nome, qual o que mais lhe agrada?

Satã – O diabo ri por último.

Folha – Riu por último.

Satã – Se é por último, o verbo não pode vir no passado.

(“O Inimigo Cósmico”, *Folha de S. Paulo*)

1. (FUVEST) – Rejeitando a correção ao ditado, Satã mostra ter usado o presente do indicativo com o mesmo valor que tem em:

- Romário recebe a bola e chuta. Gooooo!
- D. Pedro, indignado, ergue a espada e dá o brado de independência.
- Todo dia ela faz tudo sempre igual...
- O quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos.
- Uma manhã destas, Jacinto, apareço no 202 para almoçar contigo.

RESOLUÇÃO:

Em “o diabo ri por último”, o presente do indicativo enuncia uma verdade geral, como ocorre na alternativa *d*. Porém, se atentarmos para uma outra forma desta frase sentenciosa – “o diabo *sempre* ri por último” –, perceberemos que, aqui, o caráter de verdade geral decorre de tratar-se de um presente atemporal.

Resposta: D

2. Justifique o emprego do presente do indicativo nas demais alternativas do exercício anterior.

RESOLUÇÃO:

Em *a*, o presente enuncia um fato que ocorre no momento da fala; em *b*, o presente é histórico; em *c*, expressa um processo frequentativo, habitual; em *e*, o presente enuncia um fato que ocorrerá no futuro.

3. (FUVEST) – “Ficam desde já excluídos os... sonhadores, os que amem o mistério e procurem justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida.”

Se a primeira frase fosse volitiva, e o segundo e terceiro verbos destacados conotassem ação no plano da realidade, teríamos, respectivamente, as seguintes formas verbais:

- fiquem, amassem, procurassem.
- ficavam, tenham amado, tenham procurado.
- ficariam, amariam, procuraram.
- fiquem, amam, procuram.
- ficariam, tivessem amado, tivessem procurado.

Resposta: D

4. (UNICAMP) – Encontram-se, abaixo, a transcrição de parte de uma transmissão de jogo de futebol, trecho de uma canção e uma manchete de notícia.

Texto 1

Na marca de 36 minutos do primeiro tempo do jogo, pode abrir o marcador o time da Itapireense. A Esportiva precisa da vitória. Tomando posição o camisa 9 Juary. É a batida de penalidade máxima. Faz festa a torcida. Fica no centro do gol o goleiro Cléber. Partiu Juary com a bola para a esquerda, tocou, é gol. Gol da Esportiva! E o Mogi Mirim tem posse de bola agora, escanteio pela direita. 39 minutos, Juan na cobrança do escanteio para o Mogi Mirim, chutou, cruzou, cabeceia Anderson Conceição e é gol.

Foi aos 39 minutos do primeiro tempo, Juan pra cobrança do lado direito, subiu, desviou de cabeça o zagueiro Anderson Conceição, bola pro fundo da rede do goleiro Brás da Itapireense. Cutucou pro fundo da rede Anderson Conceição, camisa 4.

(Transcrição adaptada de trecho da transmissão da partida entre Mogi Mirim Esporte Clube e Itapireense em 4/10/2008. Disponível no Podcast “Mogi Mirim Esporte Clube”, em www.mogimirim.com.br)

Texto 2

“Cotidiano” (Chico Buarque)

*Todo dia ela faz
Tudo sempre igual
Me sacode
Às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca
De hortelã (...)*

Texto 3

Presidente visita amanhã a Estação Antártica

(*Imprensa Nacional*, em www.in.gov.br, 15/2/2008)

a) Nos três textos ocorrem verbos no tempo presente. Entretanto, seu uso descreve as ações de formas diferentes. Compare o uso do presente nos textos 1 e 2, e mostre a diferença. Faça o mesmo com os textos 2 e 3. Explique.

RESOLUÇÃO:

Os verbos no presente indicam diferentes aspectos. No texto 1, o uso do tempo presente indica o momento da fala e, no texto 2, ações habituais. No texto 3, é usado para indicar ação que se realizará no futuro e não ações costumeiras e frequentes, como no texto 2.

b) O encadeamento narrativo do texto 1 é construído pela alternância entre verbos no presente e no passado. Justifique a presença exclusiva do passado no último parágrafo, considerando que se trata de uma transmissão de jogo de futebol.

RESOLUÇÃO:

O emprego exclusivo do pretérito perfeito, no último parágrafo, justifica-se porque, nesse momento, o locutor está repetindo a narrativa, ou seja, retomando um fato ocorrido, narrado por ele no instante anterior.

5. Complete os espaços utilizando os verbos dos parênteses no presente do indicativo.

- a) Nos dias de calor ele _____ demais e eu também _____. (suar)
b) Eu não _____ nesse espaço exíguo. (cabere)
c) Eu _____ às suas ideias. (aderir)
d) Eu _____ com você nesse jogo. (competir)

RESOLUÇÃO: a) sua, suo; b) caibo; c) adiro; d) compito.

6. Complete os espaços com os verbos no presente do indicativo. Atente para concordância verbal e a acentuação.

- a) Os ambientalistas _____ com bons olhos as causas indígenas. (ver)
b) Essas mentiras _____ da ignorância do rapaz. (vir)
c) Centrais Sindicais _____ demissões (prever)
d) O gerente _____ de forma ríspida. (intervir)
e) O palhaço _____ as crianças. (entreter)
f) Mulheres _____ o poder nas empresas. (deter)

RESOLUÇÃO: a) veem; b) vêm; c) preveem; d) intervém; e) entretém; f) detém.

OBS.: Nos verbos terminados em:

– **UIR**, a terceira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta desinência **i**.

Exemplo:

Ele retribui com amor toda assistência que lhe dão.

– **UAR**, o presente do subjuntivo apresenta desinência em **e**.

Exemplo:

Ele espera que eu me habitue ao clima da região.

7. (FUVEST) – Preencha os espaços vazios com a forma adequada do verbo indicado entre parênteses.

- a) Cada um _____ como quer. (contribuir)
b) É bom que te _____ ao trabalho. (habituar)
c) Esperemos que se _____ o barulho. (atenuar)
d) Exige-se dela uma competência que não _____. (possuir)

RESOLUÇÃO: a) contribui; b) habitues; c) atenua; d) possui.

8. (FUVEST)

ÀS SEIS DA TARDE

Às seis da tarde
as mulheres choravam
no banheiro.
Não choravam por isso
ou por aquilo
choravam porque o pranto subia
garganta acima
mesmo se os filhos cresciam
com boa saúde
se havia comida no fogo
e se o marido lhes dava
do bom e do melhor
choravam porque no céu
além do basculante¹
o dia se punha
porque uma ânsia
uma dor
uma gastura²
era só o que sobrava
dos seus sonhos.
Agora
às seis da tarde
as mulheres regressam do trabalho
o dia se põe
os filhos crescem
o fogo espera
e elas não podem
não querem
chorar na condução.

(Marina Colasanti, *Gargantas abertas*)

1 – *Basculante*: um tipo de janela.

2 – *Gastura*: inquietação nervosa, aflição, mal-estar.

a) O texto faz ver que mudanças históricas ocorridas na situação de vida das mulheres não alteraram substancialmente sua condição subjetiva. Concorda com essa afirmação? Justifique sucintamente.

RESOLUÇÃO:

Sim. Em que pese mudanças históricas importantes, as mulheres de antes e de agora mantêm a mesma condição subjetiva. Apesar de condições objetivas opostas – antes, eram submetidas a uma vida familiar castradora; agora, são figuras ativas em âmbito social mais amplo (trabalham fora) –, as mulheres cumprem um cotidiano que não satisfaz suas expectativas essenciais, suas necessidades subjetivas.

b) No poema, o emprego dos tempos do imperfeito e do presente do indicativo deixa claro que apenas um deles é capaz de indicar ações repetidas, durativas ou habituais. Concorda com essa afirmação? Justifique sucintamente.

RESOLUÇÃO:

Não, a afirmação não se justifica porque os verbos no presente, no texto, também são indicativos de ações repetidas e habituais, sugerindo que a condição feminina, no que diz respeito ao aspecto tratado, não sofreu nenhuma alteração significativa do passado ao presente.



MUNDO MONSTRO - Adão Iturrusgarai



"Vivemos em um mundo de palavras", diz o celebrado antropólogo Richard Leakey. "Nossos pensamentos, o mundo de nossa imaginação, nossas comunicações e nossa rica cultura são tecidos nos teares da linguagem... A linguagem é o nosso meio... É a linguagem que separa os humanos do resto da natureza." Para o neuropaleontólogo Harry Jerison, precisamos de um cérebro grande (três vezes maior do que o de outros primatas) para lidar com as exigências da linguagem.

Portanto, se pensamos com palavras e com as conexões entre elas, a nossa capacidade de usar palavras tem muito a ver com a nossa capacidade de pensar. Dito de outra forma, pensar bem é o resultado de saber lidar com palavras e com a sintaxe que conecta uma com a outra. O psicólogo Howard Gardner, com sua tese sobre as múltiplas inteligências, talvez diga que Garrincha tinha uma "inteligência futebolística" que não transitava por palavras. Mas grande parte do nosso mundo moderno requer a inteligência que se estrutura por intermédio das palavras. Quem não aprendeu bem a usar

palavras não sabe pensar. No limite, quem sabe poucas palavras ou as usa mal tem um pensamento encolhido.

Talvez veredicto mais brutal sobre o assunto tenha sido oferecido pelo filósofo Ludwig Wittgenstein: "Os limites da minha linguagem são também os limites do meu pensamento". Simplificando um pouco, o bem pensar quase que se confunde com a competência de bem usar as palavras. Nesse particular não temos dúvidas: a educação tem muitíssimo a ver com o desenvolvimento da nossa capacidade de usar a linguagem. Portanto, o bom ensino tem como alvo número 1 a competência linguística.

(Cláudio de Moura e Castro, *Veja*)

Para o setor da ONU que cuida de educação e cultura só há leitura onde: 1) ler é uma tradição nacional, 2) o hábito de ler vem de casa e 3) são formados novos leitores. O problema é antigo: muitos brasileiros foram do analfabetismo à TV sem passar na biblioteca.

(Raphael Soeiro)

Vizinhos letrados

Brasil é lanterna das letras entre sul-americanos.



Complete os espaços abaixo com o verbo IR.

	Pres. Indicativo	Imp. Afirmativo	Pres. Subjuntivo	Imp. Negativo
eu	vou	_____	que eu vá	_____
tu	vai (s) →	vai tu	que tu vás →	não vás tu
ele	vai	vá você ←	que ele vá →	não vá você
nós	vamos	vamos nós ←	que nós vamos →	não vamos nós
vós	ide (s) →	ide vós	que vós vades →	não vades vós
eles	vão	vão vocês ←	que eles vão →	não vão vocês

1. (FUVEST-transferência) – Num anúncio publicitário, alusivo ao dia das mães, lê-se:

**Para não esquecer o presente,
deixe quem tem uma boa memória te ajudar.**

A forma verbal do verbo deixar estará adequadamente expressa, de acordo com o padrão culto da língua, se for substituída por
a) deixai. b) deixas. c) deixes. d) deixeis. e) deixa.

RESOLUÇÃO: Resposta: E

2. (FUVEST) – Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:

- a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. [Clica aqui!](#)
- b) Mostra que você tem bom coração. Contribua para a campanha do casalho!
- c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!
- d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.
- e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

RESOLUÇÃO:

Na alternativa *d*, ambos os verbos estão no modo imperativo, na terceira pessoa do singular (“Não subestime”, “Venda”). Nas demais alternativas, houve mistura no tratamento de pessoa, isto é, confundiram-se a segunda pessoa do singular (*tu*) e a terceira pessoa do singular (*você*).

Resposta: D

3. (FUVEST) – Leia os seguintes versos, extraídos de uma canção de Dorival Caymmi.

Balada do rei das sereias

<i>O rei atirou</i>	<i>Das ondas do mar!</i>
<i>Sua filha ao mar</i>	<i>Foram as sereias...</i>
<i>E disse às sereias:</i>	<i>Quem as viu voltar? ...</i>
<i>– Ide-a lá buscar,</i>	<i>Não voltaram nunca!</i>
<i>Que se a não trouxerdes</i>	<i>Viraram espuma</i>
<i>Virareis espuma</i>	<i>Das ondas do mar.</i>

a) Aponte, na fala do rei (primeira estrofe), um efeito expressivo obtido por meio do emprego da segunda pessoa do plural.

RESOLUÇÃO:

A segunda pessoa do plural conota *solenidade, formalidade e antiguidade*. Esses três sentidos são adequados ao contexto imaginário de uma *balada* (“composição poética popular *antiga*”, numa das acepções registradas no *Houaiss*) em que um *rei* formula uma ordem *solene*. Além disso, o emprego da segunda pessoa também se justifica porque, sendo típico da tradição literária, ele conota “literariedade”. Uma outra razão, agora de natureza formal, é que a segunda pessoa possibilita a elipse do pronome pessoal e, portanto, presta-se a uma formulação mais sintética e elegante do que a terceira pessoa, que exige a presença do pronome pessoal, sob pena de imprecisão ou ambiguidade, como se pode notar na resposta seguinte.

b) Sem alterar o sentido, reescreva a fala do rei, passando os verbos para a 3.ª pessoa do plural e substituindo, por outra, a conjunção **que**.

RESOLUÇÃO:

Vão lá buscá-la, pois (porque), se não a trouxerem, (vocês) virarão espuma das ondas do mar.

4. (FUVEST) – Leia o trecho de uma canção de Cartola, tal como registrado em gravação do autor:

(...)

*Ouça-me bem, amor,
Preste atenção, o mundo é um moinho,
Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos,
Vai reduzir as ilusões a pó.*

*Preste atenção, querida,
De cada amor tu herdarás só o cinismo
Quando notares, estás à beira do abismo
Abismo que cavaste com teus pés.*

(Cartola, “O mundo é um moinho”).

a) Na primeira estrofe, há uma metáfora que se desdobra em outras duas. Explique o sentido dessas metáforas.

RESOLUÇÃO:

A metáfora “o mundo é um moinho” é desenvolvida em duas outras — “vai triturar teus sonhos...”, “vai reduzir as ilusões a pó”. Esse desenvolvimento metafórico configura uma alegoria, na qual a ação destrutiva do “mundo” (a vida) sobre os sonhos é comparada a moagem, trituração e pulverização.

b) Caso o autor viesse a optar pelo uso sistemático da segunda pessoa do singular, precisaria alterar algumas formas verbais. Indique essas formas e as respectivas alterações.

RESOLUÇÃO:

Para uniformizar a pessoa gramatical do texto devem-se fazer as substituições das formas verbais do imperativo, que se encontram na 3.ª pessoa. Assim, “preste” deve ficar “presta” (duas vezes) e “ouça”, “ouve”.

5. (FUVEST) – *Orientação para uso deste medicamento: antes de você usar este medicamento, verifica se o rótulo consta as seguintes informações, seu nome, nome de seu médico, data de manipulação e validade e fórmula do medicamento solicitado.*

a) Há no texto desvios em relação à norma culta. Reescreva-o, fazendo as correções necessárias.

RESOLUÇÃO:

Orientação para uso deste medicamento: antes de usá-lo, verifique se constam do rótulo as seguintes informações: nome do paciente, nome do médico, data da manipulação, validade e fórmula.

b) A que se refere, no contexto, o pronome *seu* da expressão “seu nome”? Justifique sua resposta.

RESOLUÇÃO:

O pronome possessivo *seu* pode referir-se tanto ao destinatário do texto, indicado por meio do pronome de tratamento *você*, quanto ao medicamento em questão. Como os dois termos — *você* e *medicamento* — aparecem próximos do pronome *seu*, ele pode indicar seja um, seja o outro, embora pelo contexto seja mais cabível a referência a *você*.

Texto para os testes 6 e 7.

Epigrama 2

*És precária e veloz, Felicidade.
Custas a vir e, quando vens, não te demoras.
Foste tu que ensinaste aos homens que havia tempo,
e, para te medir, se inventaram as horas.*

*Felicidade, és coisa estranha e dolorosa:
Fizeste para sempre a vida ficar triste:
Porque um dia se vê que as horas todas passam,
e um tempo despovoado e profundo persiste.*

(Cecília Meireles)

6. (ESPM) – Assinale a afirmação **errônea** sobre o poema:

- a) Ao dialogar com a figura da Felicidade, o “eu” poético personifica-a.
- b) A Felicidade é caracterizada por elementos paradoxais.
- c) As horas foram inventadas como tentativa de substituição da Felicidade.
- d) Constata-se que o tempo é tão fugaz quanto a Felicidade.
- e) A Felicidade acaba sendo responsável pelo vazio existencial.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

7. (ESPM) – Se as formas verbais (no Presente do Indicativo) dos dois primeiros versos exprimissem **ordem**, na mesma pessoa, teríamos, respectivamente:

- a) sê, custa, vem, não te demores.
- b) seja, custa, vem, não se demore.
- c) sede, custai, vinde, não vos demoreis.
- d) sê, custa, venha, não te demoras.
- e) sê, custe, vem, não te demore.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

Nome _____

Unidade _____

3.º ANO
MÓDULO 13

Turma

Manhã

Tarde

Noite

FAMÍLIA BRASIL



NÃO IMPORTA O QUE VOCÊ DECIDA SER, DESDE QUE ESCOLHA UM TRABALHO HONRADO.

EU QUERO FICAR RICO.



HMM... ISSO ELIMINA A MAIORIA.



Querer ser milionário não é um bom objetivo na vida. Meu conselho é: ache aquilo que você ama fazer. É dessa forma que terá as melhores chances de sucesso. Não há sentido em ter uma profissão somente pelo dinheiro.

(Michel Dell, *Veja*)

Ter talento é mais do que possuir uma aptidão ou uma habilidade. Talento é um dom que nasce com a pessoa, garante prazer e tranquilidade na realização das tarefas, além de excelência nos resultados.

A importância de saber tirar proveito do próprio talento é destacada até na Bíblia. Segundo o Evangelho de Mateus 25, 14-30, Cristo distribuiu talentos — como as moedas eram chamadas — entre três pessoas. Duas delas aplicaram as moedas e tiveram o dinheiro multiplicado. A terceira, com medo de perder o único talento que havia ganho, preferiu guardá-lo. Sua atitude foi duramente criticada. Ela deveria ter utilizado seu talento.

(Priscila Sérvulo, *Folha Equilíbrio*)

... os jovens de hoje, especialmente aqueles que desenvolveram um talento, os estudiosos e competentes, poderão finalmente dormir tranquilos. Não terão mais de casar com a filha do dono, arrumar um padrinho, aceitar desaforo de um patrão imbecil. O talento voltou a ser valorizado e remunerado no Brasil como é mundo afora.

(Stephen Kanits, *Veja*)

Relacione a tirinha e os textos, e escreva uma dissertação em prosa sobre o seguinte tema:

Só há realização profissional quando é respeitada a vocação íntima do indivíduo.

MÓDULO 17

VERBOS III

Examine o texto e responda o teste 1.

Não sei quanto tempo durou [o programa] Tia Gladys e seus bichinhos. Acho que era na Excelsior, cujo jingle eu ouço agora, puxado do arquivo: “Do 2 eu não saio, nem eu, nem ninguém. Ninguém sai do 2, nem eu nem meu bem”.

(IstoÉ, 14.07.2010.)

1. (FGV-Economia) – Sobre o emprego dos tempos verbais no fragmento, é possível afirmar que

- “era” indica uma ação totalmente concluída, de maneira que serve para encerrar o assunto.
- “sai”, embora no presente, não se refere a algo que ocorre no momento da fala, mas a uma ação habitual.
- “ouço” expressa uma ação estruturalmente no presente, mas com valor claro de futuro.
- “durou” indica uma ação no pretérito, que coincide necessariamente com o instante de emissão da fala.
- “era” oferece ao leitor a possibilidade de imaginar uma ação hipotética, duvidosa ou até impossível.

RESOLUÇÃO:

Em “Ninguém sai do 2, nem eu nem meu bem”, não se enuncia uma ação “que ocorre no momento da fala”, mas sim “uma ação habitual”, o que se comprova pela possibilidade de se incluir na frase o advérbio *nunca*, sem lhe alterar o sentido: “Ninguém nunca sai do 2...”

Resposta: B

Texto para o teste 2.

Ao trazer a discussão para o campo jurídico, o antigo magistrado tentou amenizar o que dissera; a rigor, no entanto, suscitou dúvidas cruéis: que quer dizer “por sua própria força”? Será a força física do posseiro, ou essa mais aquela que a ela se soma pelo emprego de armas?

2. (FUVEST) – Observando no texto as formas verbais sublinhadas, é correto concluir que

- tentou** denota evento contemporâneo de **dissera**.
- dissera** situa o evento em ponto do tempo anterior a **tentou**.
- será** indica evento imediatamente posterior a **tentou**.
- soma** situa o evento referido no mesmo ponto do tempo indicado em **será**.
- dissera** descreve o quadro em que ocorrem os eventos denotados pelas demais formas.

RESOLUÇÃO:

O pretérito mais-que-perfeito *dissera* indica fato verbal ocorrido no passado antes de outro fato também ocorrido no passado (*tentou*).

Resposta: B

3. (CÁSPER LÍBERO)

- Para que ele mantesse sua opinião, foi preciso pôr em ordem as ideias.
- Se você se propor a vim no feriado, terá um dia a mais de folga.
- A questão só se resolveu porque eu intervi na discussão.
- O advogado interveio, mas nada pôde fazer em relação ao problema.
- Se você o ver, diga-lhe para vir buscar a encomenda.

Em relação ao emprego dos verbos, podemos afirmar:

- I e II estão corretas.
- Somente a IV está correta.
- III e IV estão corretas.
- I e V estão corretas.
- Somente a V está correta.

RESOLUÇÃO:

Em I, *mantivesse*; em II, *propuser a vir*; em III, *intervim*; em V, *you o vir*.

Resposta: B

4. (UFV) – Verbos derivados seguem, quase sempre, o padrão de flexão dos primitivos que lhes deram origem. Na linguagem popular, entretanto, é comum flexioná-los como se fossem verbos regulares. Assinale a alternativa em que a forma verbal em destaque está corretamente flexionada, de acordo com a norma padrão:

- Quando a secretária **depor** na CPI, as coisas se esclarecerão.
- Se a testemunha **intervir** favoravelmente, o réu será absolvido.
- Quando você **reaver** a agenda da secretária, ficará surpreso.
- Alguns jornalistas **anteviram** toda essa confusão política.
- O depoimento do empresário levará o político à prisão se **conter** as informações anunciadas.

RESOLUÇÃO:

Em a, *depuser*; em b, *intervier*; em c, *reouver*; em e, *contiver*.

Resposta: D

5. (FUVEST) – Dos verbos assinalados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

- A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.
- A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.
- Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.
- A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.
- Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

RESOLUÇÃO:

O verbo *fazer*, na alternativa c, não é regido pela conjunção *se* (caso em que se empregaria uma forma do subjuntivo – imperfeito ou futuro). O *se* introduz a oração “já era difícil”, cujo sujeito é a oração infinitiva “fazer previsões sobre a situação econômica”. Em a, o verbo adequado seria *aumentar* (o problema, aqui, não é sintático ou morfológico, mas semântico); em b, *acompanhasse*; em d, *transpuser*; em e, *apropriem* (sendo de notar que a frase desta alternativa apresenta problema de coerência, além do defeito sintático).

Resposta: C

6. (FUVEST) – Estas duas estrofes encontram-se em *O samba da minha terra*, de Dorival Caymmi:

*Quem não gosta de samba
bom sujeito não é,
é ruim da cabeça
ou doente do pé.*

*Eu nasci com o samba,
no samba me criei,
do danado do samba
nunca me separei.*

a) Reescreva a primeira estrofe, iniciando-a com a frase afirmativa *Quem gosta de samba* e fazendo as adaptações necessárias para que se mantenha a coerência do pensamento de Caymmi. **Não** utilize formas negativas.

RESOLUÇÃO:

*Quem gosta de samba
bom sujeito é,
é bom da cabeça
ou sadio do pé.*

b) Reescreva os dois primeiros versos da segunda estrofe, substituindo as formas *nasci* e *me criei*, respectivamente, pelas formas verbais correspondentes de *provir* e *conviver* e fazendo as alterações necessárias.

RESOLUÇÃO:

*Eu provim do samba,
com o samba convivi.*

HAGAR - Chris Browne



(BROWNE, C. Hagar, o horrível. *Jornal O GLOBO*. Segundo Caderno. 20 fev. 2009)

7. (ENEM) – A linguagem da tirinha revela,

- o uso de expressões linguísticas e vocabulário próprios de épocas antigas.
- uso de expressões linguísticas inseridas no registro mais formal da língua.
- o caráter coloquial expresso pelo uso do tempo verbal no segundo quadrinho.
- o uso de um vocabulário específico para situações comunicativas de emergência.
- a intenção comunicativa dos personagens: a de estabelecer a hierarquia entre eles.

RESOLUÇÃO: O caráter coloquial do texto denuncia-se no uso do imperfeito do indicativo (*tinha*) para exprimir algo não ocorrido no passado. Para a expressão do irreal do passado, o uso culto da língua recorreria ao imperfeito do subjuntivo (*tivesse*). **Resposta: C**

Texto para a questão 8.

Narizinho correu os olhos pela assistência. Não podia haver nada mais curioso. Besourinhos de fraque e flores na lapela conversavam com baratinhas de mantilha e miosótis nos cabelos. Abelhas douradas, verdes e azuis, falavam mal das vespas de cintura fina – achando que era exagero usarem coletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham com o pó das suas asas. Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo.

(LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*.

São Paulo: Brasiliense, 1947.)

8. (ENEM) – No último período do trecho, há uma série de verbos no gerúndio que contribuem para caracterizar o ambiente fantástico descrito. Expressões como *camaronando*, *caranguejando* e *pequeninando* e *não mordendo* criam, principalmente, efeitos de

- esvaziamento de sentido.
- monotonia do ambiente.
- estaticidade dos animais.
- interrupção dos movimentos.
- dinamicidade do cenário.

RESOLUÇÃO: Os neologismos *camaronando*, *caranguejando* e *pequeninando* e *não mordendo*, criados a partir de substantivos e adjetivos, imprimem movimento à descrição, por meio da pura enunciação das ações expressa pelos gerúndios. **Resposta: E**



Aplicações

1. (CÁSPER LÍBERO)

- Considerou perda de tempo ficar na fila do passaporte.
- Depois das seis horas, o ônibus nunca para no ponto.
- Se eu reavesse o dinheiro, melhorariam os negócios.
- Ele achou melhor por o carro na garagem antes que chovesse.
- É provável que o projeto seja aprovado esta semana.

Sobre o correto emprego verbal nas frases acima, pode-se dizer que

- estão corretas I, II e III.
- estão corretas IV e V.
- somente a II está correta.
- todas estão corretas.
- todas estão erradas.

RESOLUÇÃO:

Em I, *perda* (substantivo); em III, *reouvesse*; em IV, *pôr*; em V, *seja*.

Resposta: C

2. (FGV) – A única frase em que o verbo sublinhado está corretamente flexionado é:

- Dou-me por satisfeito, se correr quinhentos metros e transpor cinco obstáculos.
- Todas as tardes, ela entretia-se a espiar a rua pela janela.
- Os ânimos só se acalmaram, quando eu intervi na discussão.
- Se nosso time reouvesse a autoconfiança, obteríamos melhores resultados.
- O governo tem intervido demais na economia.

RESOLUÇÃO:

Formas corretas: a) transpuser, b) entretinha, c) intervim, e) intervindo. **Resposta: D**

Nome _____

Unidade _____

3.º ANO
MÓDULO 14

Turma Manhã Tarde Noite

O Brasil não é mais um país de jovens. É um país com muitos jovens, mas que envelhece rapidamente. Isso deve ser entendido como uma conquista; o alarmante é verificar que o equacionamento correto do fenômeno ainda está longe de ser colocado como uma das prioridades dos governantes.

O Brasil será, em 2025, a sexta nação do mundo com mais pessoas acima de 60 anos – cerca de 33 milhões. Hoje, são mais de 13 milhões. O contingente que mais crescerá é o dos cidadãos acima de 80 anos (hoje, mais de 1,2 milhão).

(Norton Sayeg)



O envelhecimento populacional será um dos temas de maior importância para o futuro da humanidade. Não há quem ou o que possa ser considerado alheio a essa realidade ou intangível por essa fantástica mudança da composição etária da população.

Do mais simples cidadão das muitas comunidades carentes ao mais notório dentre os abastados, todos têm e terão cada vez mais as suas vidas alteradas por essa progressiva capacidade de viver mais.

“Esse aumento da expectativa de vida provocará mudanças individuais e coletivas que nos envolverão, a todos, em pelo menos três cenários. No plano individual, teremos maior chance de viver mais e, por isso, torna-se necessário um planejamento a médio e longo prazos para que possamos envelhecer com saúde. No aspecto coletivo, conviveremos cada vez mais com aqueles que envelhecem, o que nos torna parte integrante do planejamento de vida de um número progressivamente maior de pessoas. E, no campo profissional, cada vez mais o cliente ou paciente será idoso.”

(Wilson Jacob Filho, *Folha equilíbrio*)

Relacione os textos e escreva uma dissertação em prosa, discutindo a longevidade e suas implicações sociais (cidadania, direito à saúde), afetivas, biológicas (limitações provocadas pelo envelhecimento) e familiares.

NÍVEIS DE LINGUAGEM

1. (UPE) – Em contato com outras pessoas na rua, na escola, no trabalho, observamos que nem todas falam como nós. Isso ocorre por diferentes razões: porque a pessoa vem de outra região; por ser mais velha ou mais jovem; por possuir menor ou maior grau de escolaridade; por pertencer a grupo ou à classe social diferente. Essas diferenças no uso da língua constituem as variedades linguísticas. Considerando aspectos referentes à variação da língua, analise os enunciados abaixo.

- I. A gíria é uma das variedades que uma língua apresenta e quase sempre é criada por um grupo social.
- II. Os dialetos são variedades originadas das diferenças de região ou território, de idade, de classes ou grupos sociais.
- III. A língua apresenta variação, de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas.
- IV. As variedades linguísticas regionais são inadequadas ao contexto atual de comunicação.

Somente está correto o que se afirma em

- a) I e II.
- b) I e IV.
- c) II, III e IV.
- d) I, II e III.
- e) I.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

2. (UNICAMP) – É sabido que as histórias de Chico Bento são situadas no universo rural brasileiro.



Copyright © 2000 Mauricio de Sousa Produções Ltda.

Todos os direitos reservados.

a) Explique o recurso utilizado para caracterizar o modo de falar das personagens na tira.

RESOLUÇÃO:

O recurso utilizado foi reproduzir, na escrita, o dialeto caipira, variante popular típica do universo rural. Esse dialeto é indiciado, no texto, pelas formas *pranta*, *árvre*, *di* e *isperança*.

b) É possível afirmar que esse modo de falar caracterizado na tira é exclusivo do universo rural brasileiro? Justifique.

RESOLUÇÃO:

Não, seja porque o dialeto caipira tem traços partilhados por outras formas da linguagem coloquial, seja porque ele também é encontrável nos grandes centros, em consequência do vasto fenômeno de urbanização de populações rurais que o país conheceu em sua história recente.

Texto para a questão 3.

O AUTOCLISMO DA RETRETE

RIO DE JANEIRO – Em 1973, fui trabalhar numa revista brasileira editada em Lisboa. Logo no primeiro dia, tive uma amostra das deliciosas diferenças que nos separavam, a nós e aos portugueses, em matéria de língua. Houve um problema no banheiro da redação e eu disse à secretária: “Isabel, por favor, chame o bombeiro para consertar a descarga da privada.” Isabel franziu a testa e só entendeu as quatro primeiras palavras. Pelo visto, eu estava lhe pedindo que chamasse a Banda do Corpo de Bombeiros para dar um concerto particular de marchas e dobrados na redação. Por sorte, um colega brasileiro, em Lisboa havia algum tempo e já escolado nos meandros da língua, traduziu o recado: “Isabel, chame o canalizador para reparar o autoclismo da retrete.” E só então o belo rosto de Isabel se iluminou.

(Ruy Castro, Folha de S. Paulo)

3. (FUVEST) – a) Em São Paulo, entende-se por “encanador” o que no Rio de Janeiro se entende por “bombeiro” e, em Lisboa, por “canalizador”. Isto permitiria afirmar que, em algum desses lugares, ocorre um uso equivocado da língua portuguesa? Justifique sua resposta.

RESOLUÇÃO:

Não se trata de equívoco, mas de variações ou diferenças entre os dialetos do português falados em Portugal e nas cidades brasileiras mencionadas. No caso, as diferenças são lexicais, ou seja, dizem respeito ao vocabulário empregado e às variações regionais no sentido das palavras.

b) Uma reforma que viesse a uniformizar a ortografia da língua portuguesa em todos os países que a utilizam evitaria o problema de comunicação ocorrido entre o jornalista e a secretária. Você concorda com essa afirmação? Justifique.

RESOLUÇÃO:

Não, pois a uniformização ortográfica não afeta as diferenças lexicais, que dizem respeito ao emprego do vocabulário e ao sentido das palavras.

Leia o trecho extraído da peça *A Mancha Roxa* de autoria de Plínio Marcos e responda o teste 4.

Atenção malandrage! Eu num vô pedir nada, vô te dá umalô! Te liga aí: Aids é uma praga que rói até os mais fortes, erói devagarinho. Deixa o corpo sem defesa contra a doença. Quem pegá essa praga está ralado de verde e amarelo, deprimeiro ao quinto, e sem vaselina. Num tem dotô que dê jeito, nem reza brava, nem choro, nem vela, nem ai, Jesus. PegouAids, foi pro brejo! (...)

4. (UFSCar Virtual) – Pode-se afirmar que o trecho apresenta
- erros gramaticais inaceitáveis em qualquer contexto e situação.
 - formas gramaticais compatíveis com o padrão culto de linguagem.
 - nível de linguagem adequado à informalidade do contexto.
 - variedade linguística cada vez mais prestigiada cultural e socialmente.
 - marcas linguísticas do cotidiano de falantes cultos.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

Texto para o teste 5.

RIQUEZA AMEAÇADA

Boa parte dos 180 idiomas sobreviventes está ameaçada de extinção – mais da metade (110) é falada por menos de 500 pessoas. No passado, era comum pessoas serem amarradas em árvores quando se expressavam em suas línguas, lembra o cacique Felisberto Kokama, um analfabeto para os nossos padrões e um guardião da pureza de seu idioma (caracterizado por uma diferença marcante entre a fala masculina e a feminina), lá no Amazonas, no Alto Solimões. Outro Kokama, o professor Leonel, da região de Santo Antônio do Içá (AM), mostra o problema atual: “Nosso povo se rendeu às pessoas brancas pelas dificuldades de sobrevivência. O contato com a língua portuguesa foi exterminando e dificultando a prática da nossa língua. Há poucos falantes, e com vergonha de falar. A língua é muito preconceituada entre nós mesmos”.
(Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, n.º 26, 2007.)

5. (ENEM – reaplicação) – O desaparecimento gradual ou abrupto de partes importantes do patrimônio linguístico e cultural do país possui causas variadas. Segundo o professor Leonel, da região de Santo Antônio do Içá (AM), os idiomas indígenas sobreviventes estão ameaçados de extinção devido ao
- medo que as pessoas tinham de serem castigadas por falarem a sua língua.
 - número reduzido de índios que continuam falando entre si nas suas reservas.
 - contato com falantes de outras línguas e a imposição de um outro idioma.
 - desaparecimento das reservas indígenas em decorrência da influência do branco.
 - descaso dos governantes em preservar esse patrimônio cultural brasileiro.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

Texto para o teste 6.

MAURÍCIO E O LEÃO CHAMADO MILLÔR

Livro de Flavia Maria ilustrado por cartunista nasce como um dos grandes títulos do gênero infantil

Um livro infantil ilustrado por Millôr há de ter alguma grandeza natural, um viço qualquer que o destaque de um gênero que invade as livrarias (2 mil títulos novos, todo ano) nem sempre com qualidade. Uma pegada que o afaste do risco de fazer sombra ao fato de ser ilustrado por Millôr: Maurício – O Leão de Menino (CosacNaihy, 24 páginas, R\$ 35), de Flavia Maria, tem essa pegada.

(Disponível em: <http://www.revistalingua.com.br>.

Acesso em: 30 abr. 2010 [fragmento].)

6. (ENEM – reaplicação) – Como qualquer outra variedade linguística, a norma padrão tem suas especificidades. No texto, observam-se marcas da norma padrão que são determinadas pelo veículo em que ele circula, que é a *Revista Língua Portuguesa*. Entre essas marcas, evidencia-se
- a obediência às normas gramaticais, como a concordância em “um gênero que invade as livrarias”.
 - a presença de vocabulário arcaico, como em “há de ter alguma grandeza natural”.
 - o predomínio de linguagem figurada, como em “um viço qualquer que o destaque”.
 - o emprego de expressões regionais, como em “tem essa pegada”.
 - o uso de termos técnicos, como em “grandes títulos do gênero infantil”.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

Texto para o teste 7.

S.O.S PORTUGUÊS

Por que pronunciamos muitas palavras de um jeito diferente da escrita? Pode-se refletir sobre esse aspecto da língua com base em duas perspectivas. Na primeira delas, fala e escrita são dicotômicas, o que restringe o ensino da língua ao código. Daí vem o entendimento de que a escrita é mais complexa que a fala, e seu ensino restringe-se ao conhecimento das regras gramaticais, sem a preocupação com situações de uso. Outra abordagem permite encarar as diferenças como um produto distinto de duas modalidades da língua: a oral e a escrita. A questão é que nem sempre nos damos conta disso.

(S.O.S Português. Nova Escola. São Paulo: Abril, Ano XXV, n.º 231, abr. 2010 [fragmento adaptado].)

7. (ENEM) – O assunto tratado no fragmento é relativo à língua portuguesa e foi publicado em uma revista destinada a professores. Entre as características próprias desse tipo de texto, identificam-se as marcas linguísticas próprias do uso
- regional, pela presença de léxico de determinada região do Brasil.
 - literário, pela conformidade com as normas da gramática.
 - técnico, por meio de expressões próprias de textos científicos.
 - coloquial, por meio do registro de informalidade.
 - oral, por meio do uso de expressões típicas da oralidade.

RESOLUÇÃO: O caráter técnico do texto se revela em seu tema metalinguístico e nas expressões empregadas nos estudos linguísticos: “código”, “regras gramaticais”, “modalidades... oral e escrita”.

Resposta: C

8. (ENEM – reaplicação)



Calvin apresenta a Haroldo (seu tigre de estimação) sua escultura na neve, fazendo uso de uma linguagem especializada. Os quadrinhos rompem com a expectativa do leitor, porque

- a) Calvin, na sua última fala, emprega um registro formal e adequado para a expressão de uma criança.
- b) Haroldo, no último quadrinho, apropria-se do registro linguístico usado por Calvin na apresentação de sua obra de arte.
- c) Calvin emprega um registro de linguagem incompatível com a linguagem de quadrinhos.
- d) Calvin, no último quadrinho, utiliza um registro linguístico informal.
- e) Haroldo não compreende o que Calvin lhe explica, em razão do registro formal utilizado por este último.

RESOLUÇÃO:
Resposta: D

9. (ENEM – reaplicação) –

HAGAR, o horrível - Chris Browne



Pela evolução do texto, no que se refere à linguagem empregada, percebe-se que a garota

- a) deseja afirmar-se como nora por meio de uma fala poética.
- b) utiliza expressões linguísticas próprias do discurso infantil.
- c) usa apenas expressões linguísticas presentes no discurso formal.
- d) se expressa utilizando marcas do discurso formal e do informal.
- e) usa palavras com sentido pejorativo para assustar o interlocutor.

RESOLUÇÃO:
Resposta: D

Texto para o teste 10.

ASSALTANTES ROUBAM NO ABC 135 MIL FIGURINHAS DA COPA DO MUNDO

Cinco assaltantes roubaram 135 mil figurinhas do álbum da Copa do Mundo 2010 na noite de quarta-feira (21), em Santo André, no ABC. Segundo a assessoria da Treelog, empresa que distribui os cromos, ninguém ficou ferido durante a ação.

O roubo aconteceu por volta das 23h30. Armados, os criminosos renderam 30 funcionários que estavam no local, durante cerca de 30 minutos, e levaram 135 caixas, cada uma delas contendo mil figurinhas. Cada pacote com cinco cromos custa R\$ 0,75.

Procurada pelo G1, a Panini, editora responsável pelas figurinhas, afirmou que a falta dos cromos em algumas bancas não tem relação com o roubo. Segundo a editora, isso se deve a grande demanda pelas figurinhas.

(Disponível em: <http://g1.globo.com>. Acesso em: 23 abr. 2010 (adaptado).)

10. (ENEM – reaplicação) – A notícia é um gênero jornalístico. No texto, o que caracteriza a linguagem desse gênero é o uso de

- a) expressões linguísticas populares.
- b) palavras de origem estrangeira.
- c) variantes linguísticas regionais.
- d) termos técnicos e científicos.
- e) formas da norma padrão da língua.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

11. (FGV-Economia) – Analise a tira.



(www.monica.com.br/comics/tirinhas. Adaptado.)

a) Tendo em vista a significação das palavras e seu emprego na língua, transcreva duas expressões da tira que são utilizadas normalmente em situações mais informais, relacionando-se a variedades sociais ou regionais.

RESOLUÇÃO:

Baita e ué são as expressões informais presentes na tira. *Baita* é adjetivo de valor intensivo usado correntemente na língua informal falada; seu sentido é “muito grande, imenso”. *Ué*, interjeição que exprime espanto, é comum no dialeto caipira, frequente em São Paulo, Minas Gerais e estados adjacentes.

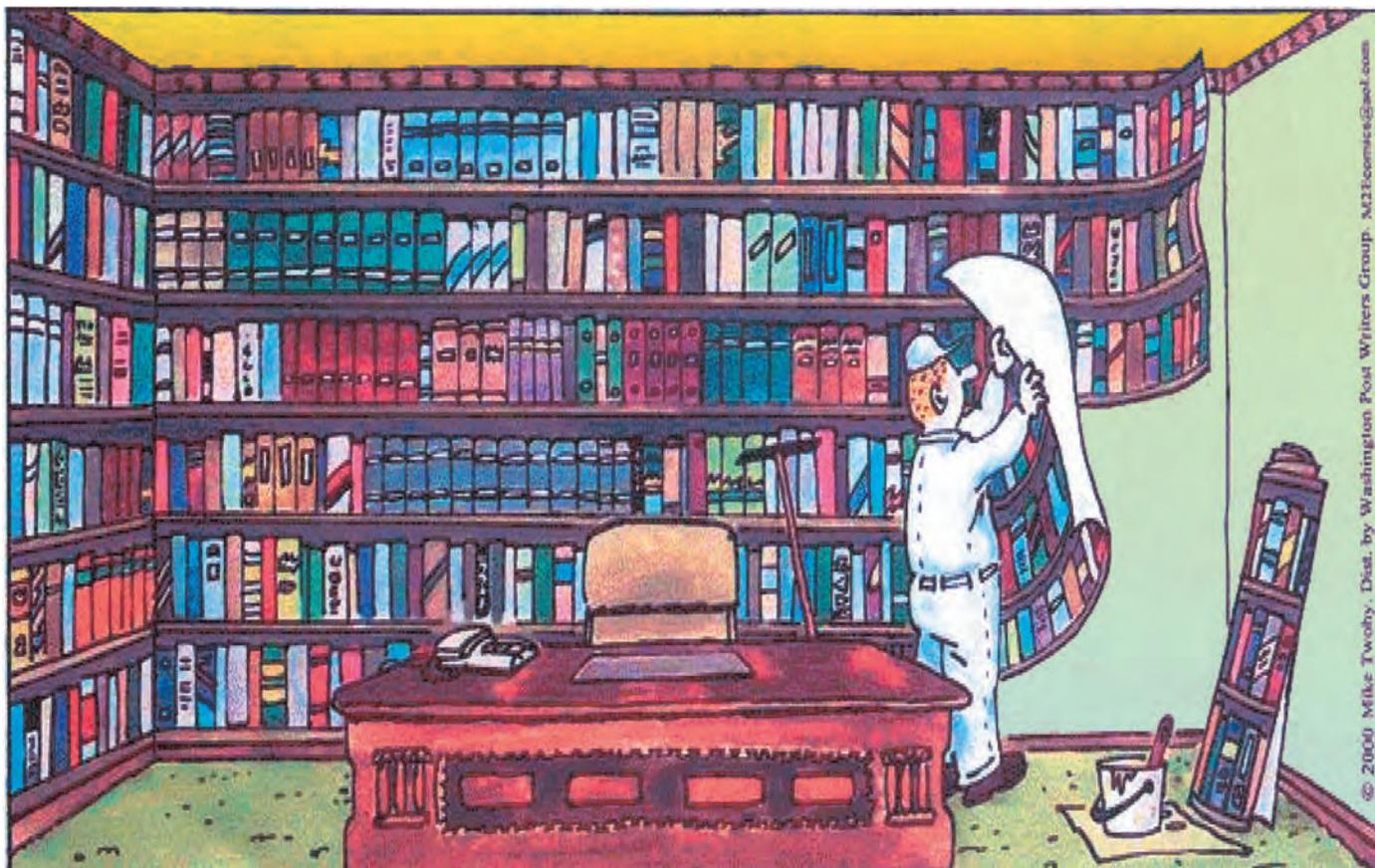
b) Articulando tais expressões a situações típicas de um contexto mais formal, substitua-as por termos mais comuns à norma padrão da língua, reescrevendo as frases em que aparecem.

RESOLUÇÃO:

(1) *Sonhei que você pegou o coelhinho da Mônica e deu um enorme nó nas orelhas dele.* (2) *Ora! qual foi o pesadelo?*

Nome _____

Unidade _____

3.º ANO
MÓDULO 15Turma Manhã Tarde Noite 

Em décadas passadas, o grande questionamento era “ser” ou “ter”, isto é, os adeptos do “ser” pregavam que a felicidade humana estava na renúncia de valores fundados no materialismo. Teríamos de viver na direção do crescimento pessoal e tínhamos como ponto futuro a felicidade. Os adeptos da vertente do “ter” alegavam que a felicidade humana encontrava-se na capacidade de consumir as novas invenções tecnológicas, enfim, viver bem do ponto de vista material etc. Esse conflito, nos dias atuais, parece ter outro significado. O grande dilema atual é “parecer ser” ou “parecer ter”, configurando o mundo do marketing pessoal.

(Revista *Psique* – especial)

Escreva uma dissertação em prosa sobre o “parecer ser”, atitude de vida vista como fenômeno de massa do mundo moderno. Dê seu ponto de vista sobre o assunto, justificando-o com exemplos.

